



MINXUAN ZHANG

**A aquisição das conjunções na língua portuguesa
por alunos chineses**



MINXUAN ZHANG

**A aquisição das conjunções na língua portuguesa
por alunos chineses**

Dissertação apresentada à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Português Língua Estrangeira/Língua Segunda, realizada sob a orientação científica do Doutor João Paulo Martins Silvestre, Professor Auxiliar do Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro e da Doutora Ran Mai, Professora Auxiliar do Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro.

Dedico este trabalho ao meus pais e amigos.

o júri

presidente

Prof. Doutor Carlos Manuel Ferreira Morais
professor Auxiliar da Universidade de Aveiro

Prof. Doutora Sara Topete de Oliveira Pita
professora Auxiliar Convidada da Universidade de Aveiro (arguente)

Prof. Doutor João Paulo Martins Silvestre
Professor Auxiliar da Universidade de Aveiro (orientador)

agradecimentos

A realização deste trabalho foi possível devido à colaboração e o apoio incessante de diversas pessoas. Aqui gostaria de demonstrar o meu maior agradecimento às seguintes pessoas e os seus contributos:

Ao Professor Doutor João Paulo Silvestre, o meu orientador, pela sua orientação responsável e rigorosa, pelas correções pacientes e cuidadosas.

À Professora Doutora Ran Mai, a minha coorientadora, pelos seus conselhos preciosos e ajuda na parte teórica de língua chinesa.

À minha leitora de português, Ana Carolina Afonso Fidalgo, pela sua ajuda na revisão do texto.

Por fim, mas não menos importante, gostaria de agradecer aos meus pais, à Sinong Liang, ao Zelin Li e à Minglei Chu, pelo seu encorajamento e apoio que me fizeram sempre motivada durante a realização desta dissertação.

palavras-chave

português, chinês, aquisição, conjunções, dificuldade, alunos chineses.

resumo

Este trabalho visa a analisar os erros que os alunos chineses produzem, bem como os problemas que enfrentam no processo de aprendizagem das conjunções em português. Para a sua contextualização, na parte inicial introduz-se um enquadramento teórico das conjunções portuguesas e chinesas. De seguida, descreve-se o inquérito que servirá como base de estudo, e analisam-se os dados obtidos para identificar áreas críticas na aquisição das conjunções e produção por parte dos aprendentes chineses. Por fim, apresentam-se sugestões didáticas para melhorar o ensino-aprendizagem deste tópico gramatical.

keywords

Portuguese, Chinese, acquisition, conjunctions, difficulty, Chinese students.

abstract

This thesis aims to analyse the errors that Chinese students produce, as well as the problems they have in the process of learning conjunctions in Portuguese. It begins with a theoretical framework of the Portuguese and Chinese conjunctions. Then, the survey that will serve as the basis of the study is described, and the data obtained is analyzed to identify critical areas in the acquisition of conjunctions and production by Chinese learners. Finally, didactic suggestions to improve the teaching-learning of this grammatical topic are presented.

Introdução	13
Capítulo 1. Enquadramento teórico	16
1.1. Coesão e coerência	16
1.1.1. Teoria da coesão	16
1.1.2. Teoria de coerência.....	17
1.1.3. A relação entre coesão e coerência	18
1.2. Coordenação e subordinação	18
1.2.1. Coordenação	19
1.2.2. Subordinação	20
1.3. Funções das conjunções	21
1.4. Conjunções em português	22
1.4.1. Definições de conjunções	22
1.4.2. Classificação de conjunções	23
Conjunções coordenativas	23
Conjunções subordinativas	26
1.4.3. Posição das conjunções.....	29
1.5. Conjunções em chinês	30
1.5.1. Definições de conjunções	30
1.5.2. Classificação de conjunções	30
1.6. Principais diferenças relativas às conjunções nas duas línguas	37
Capítulo 2. A aquisição das conjunções portuguesas	41
2.1. A aquisição das conjunções portuguesas por parte dos falantes nativos	41
2.2. A aquisição das conjunções portuguesas por aprendentes de LE	43
2.2.1. Língua estrangeira (LE)	43
2.2.2. A aquisição das conjunções portuguesas por aprendentes de LE	43
Capítulo 3. Análise dos resultados	46
3.1. Apresentação do inquérito	46
3.2. Análise da primeira parte do inquérito	48
3.2.1. A idade e o sexo dos inquiridos	48
3.2.2. Há quantos anos aprende português.....	49
3.2.3. O nível de proficiência de português	50
3.2.4. Aprende ou aprendeu português em países lusófonos	51
3.2.5. Os aspetos que consideram mais difíceis na aprendizagem de conjunções	51
3.3. Análise da segunda parte do inquérito	53
3.3.1. Exercício 1	53

3.3.2. Exercício 2	62
3.3.3. Exercício 3	69
3.3.4. Exercício 4	71
3.3.5. Exercício 5	83
3.4. Apresentação do desempenho dos inquiridos	87
3.4.1. Desempenho do grupo A	88
3.4.2. Desempenho do grupo B.....	91
3.4.3. Comparação de desempenhos dos dois grupos	93
Capítulo 4. Discussão dos resultados	94
4.1. Visão geral de utilização de conjunções por alunos chineses	94
4.1.1. Os erros comuns	95
4.1.1.1. Desvio de conjunções	95
4.1.1.2. Desconhecimento de conjunções.....	96
4.1.1.3. Desatenção ao modo e tempo verbal na oração que é iniciada pela conjunção	97
4.1.2. Frequência de utilização de conjunções.....	98
4.2. Interferência da língua chinesa na aprendizagem das conjunções.....	104
Conclusão	106
Bibliografia	110
Anexo	114

Índice de Gráficos

Gráfico 1- Idade dos inquiridos	48
Gráfico 2- Sexo dos inquiridos	49
Gráfico 3- Há quantos anos aprende português	49
Gráfico 4- O nível de proficiência de português	50
Gráfico 5- Aprende ou aprendeu português em países lusófonos	51
Gráfico 6- Os aspetos mais difíceis na aprendizagem de conjunções	51
Gráfico 7- Dados relativos ao exercício 1.1	53
Gráfico 8- Dados relativos ao exercício 1.2	54
Gráfico 9- Dados relativos ao exercício 1.3	56
Gráfico 10- Dados relativos ao exercício 1.4	57
Gráfico 11- Dados relativos ao exercício 1.5	58
Gráfico 12- Dados relativos ao exercício 1.6	59
Gráfico 13- Dados relativos ao exercício 1.7	60
Gráfico 14- Taxas de respostas corretas no exercício 1	61
Gráfico 15- Dados relativos ao exercício 2.1	63
Gráfico 16- Dados relativos ao exercício 2.2	64
Gráfico 17- Dados relativos ao exercício 2.3	65
Gráfico 18- Dados relativos ao exercício 2.3	66
Gráfico 19- Dados relativos ao exercício 2.3	66
Gráfico 20- Dados relativos ao exercício 2.4	67
Gráfico 21- Dados relativos ao exercício 2.4	67
Gráfico 22- Taxas de respostas corretas no exercício 2	68
Gráfico 23- Dados relativos ao exercício 3	70
Gráfico 24- Dados relativos ao exercício 4.1	72
Gráfico 25- Dados relativos ao exercício 4.2	72

<u>Gráfico 26- Dados relativos ao exercício 4.3</u>	74
<u>Gráfico 27- Dados relativos ao exercício 4.4</u>	75
<u>Gráfico 28- Dados relativos ao exercício 4.5</u>	76
<u>Gráfico 29- Dados relativos ao exercício 4.6</u>	76
<u>Gráfico 30- Dados relativos ao exercício 4.7</u>	77
<u>Gráfico 31- Dados relativos ao exercício 4.8</u>	78
<u>Gráfico 32- Dados relativos ao exercício 4.9</u>	79
<u>Gráfico 33- Dados relativos ao exercício 4 j)</u>	80
<u>Gráfico 34-Taxas de respostas corretas no exercício 4</u>	81
<u>Gráfico 35- Dados relativos ao exercício 5.1</u>	83
<u>Gráfico 36- Dados relativos ao exercício 5.2</u>	84
<u>Gráfico 37- Dados relativos ao exercício 5.3</u>	85
<u>Gráfico 38-Taxas de respostas corretas no exercício 5</u>	86
<u>Gráfico 39-Taxas de respostas corretas do grupo A</u>	88
<u>Gráfico 40- Taxas de respostas corretas do grupo B</u>	91
<u>Gráfico 41-Taxas de respostas corretas dos dois grupos</u>	93
<u>Gráfico 42-Taxa de utilização correta de cada conjunção</u>	94

Índice de Quadros

Quadro 1-Distribuições de conjunções nos exercícios	87
Quadro 2-Ocorrências de conjunções	99
Quadro 3- Ocorrências de conjunções aditivas	100
Quadro 4- Ocorrências de conjunções disjuntivas	100
Quadro 5- Ocorrências de conjunções adversativas	101
Quadro 6- Ocorrências de conjunções conclusivas	101
Quadro 7- Ocorrências de conjunções explicativas	102
Quadro 8- Ocorrências de conjunções causais	102
Quadro 9- Ocorrências de conjunções condicionais	102
Quadro 10- Ocorrências de conjunções concessivas	103
Quadro 11- Ocorrências de conjunções comparativas	103
Quadro 12- Ocorrências de conjunções temporais	104
Quadro 13- Ocorrências de conjunções finais	104

Introdução

À medida que a China desenvolve intercâmbios políticos, comerciais e culturais com os países lusófonos, assinala-se também a maior procura de formação em Estudos Portugueses. Atualmente, há mais de 40 universidades na China que oferecem o curso de Língua portuguesa. Neste contexto, desenvolve-se também investigação na área da metodologia de ensino-aprendizagem do português.

Um aspeto gramatical que suscita questões de investigação é a aquisição das conjunções. Em português, as conjunções servem para relacionar duas orações ou dois termos semelhantes da mesma oração (Cunha & Cintra, 2016). Elas podem ser usadas para expressar a relação lógica entre duas palavras, grupo de palavras ou orações. Assim, contribuem decisivamente para realizar a coerência textual.

No ensino da língua portuguesa na China, muitos professores colocam a explicação do vocabulário e das estruturas gramaticais como prioridade de ensino, seja qual for o tipo de aula, focando-se no ensino do conhecimento da língua, deixando para segundo plano o desenvolvimento das competências comunicativas linguísticas dos alunos. Os exercícios concebidos pelos professores são, muitas vezes, exercícios gramaticais e lexicais isolados das situações de comunicação reais (Zhang, 2020). Depois, ao corrigirem os textos dos estudantes, muitos professores prestam mais atenção aos erros gramaticais, dando menos importância à coerência e à lógica, dispensando menos atenção ao uso de conjunções em português. De acordo com os dados de desempenho dos candidatos no Celpe-Bras, em provas orais, às expressões orais dos alunos chineses faltam lógica e coerência (Zhang, 2020).

Nos últimos anos, devido ao desenvolvimento da linguística, os pesquisadores da linguagem têm dado cada vez mais atenção ao uso das conjunções da língua portuguesa, havendo um grande número de trabalhos nesta área. Anilore Fátima Secco acha que o papel das conjunções é ligar elementos que tenham o mesmo valor funcional (2010, p. 20). A pesquisa mostra que uma criança, aos três anos de idade, já apresenta um uso gramatical das conjunções (Glória et al., 2016). Mai Ran (2006, pp. 164-174) apresentou algumas diferenças entre as conjunções em português e chinês: a conjunção portuguesa *e* pode ligar duas orações e “和^{hé} (e)” não pode; na Língua chinesa não existe nenhuma conjunção equivalente a *nem* para representar a ideia negativa, etc.

No processo de aprendizagem do português, constata-se que os alunos chineses tendem a subutilizar ou usar com erros algumas conjunções. A maior parte dos estudos anteriores foram realizados na área dos países de língua portuguesa, tendo o conteúdo dos estudos sido limitado ao uso específico das conjunções e às distinções entre elas. Por isso, neste trabalho, gostaria de analisar os erros que os alunos chineses produzem, bem como os problemas que têm no processo de aprendizagem das conjunções em português. Espera-se que contribua para desenvolver métodos de ensino de conjunções de português a aprendentes chineses. Os objetivos específicos da pesquisa são os seguintes:

1. Identificar a frequência das conjunções usadas pelos estudantes;
2. Analisar os problemas quando os alunos usam as conjunções;
3. Analisar as implicações pedagógicas para o ensinamento de PLE do presente estudo.

O *corpus* para este estudo foi recolhido em fevereiro de 2021, entre estudantes chineses que fizeram os seus estudos da licenciatura e mestrado no Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro e na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Este estudo utiliza um método de pesquisa por inquérito para estudar a aquisição de conjunções portuguesas. Em primeiro lugar, o uso correto das conjunções portuguesas pelos estudantes para a produção linguística contribui não só para a coerência e fluência semântica das expressões, mas também para ajudar a melhorar a sua escrita. Segue-se que o presente estudo fornece principalmente alguns exemplos relevantes para o estudo da teoria da aquisição de segunda língua e teoria da coesão e coerência. Ao mesmo tempo, o presente estudo enriquece o sistema teórico dos estudos das conjunções portuguesas e fornece algumas referências para estudos posteriores relacionados. Finalmente, ao estudar a aquisição das conjunções portuguesas por alunos chineses, este trabalho espera constituir um exemplo para os estudantes chineses na utilização das conjunções e permitirá que os professores de português ensinem conscientemente as conjunções para que os estudantes possam utilizá-las mais corretamente.

O trabalho é constituído por quatro capítulos. No capítulo I, apresenta-se a morfologia e a sintaxe das conjunções em português e em chinês com vista à identificação das diferenças principais entre as duas línguas. Esta secção oferece o suporte teórico para a análise subsequente. O capítulo II reflete sobre a aquisição das conjunções portuguesas que oferece

uma base teórica para a análise posterior da influência do chinês na aquisição de conjunções portuguesas. No terceiro capítulo, descreve-se o inquérito que servirá como base de estudo, e analisam-se os dados obtidos para identificar áreas críticas na aquisição das conjunções e produção por parte dos aprendentes chineses. Por fim, apresentam-se sugestões didáticas para melhorar o ensino-aprendizagem deste tópico gramatical.

Capítulo 1. Enquadramento teórico

1.1. Coesão e coerência

A teoria da coesão e coerência tem sido amplamente utilizada no ensino das línguas, e muitos estudiosos têm usado a coesão e coerência de Halliday & Hasan como base teórica para explorar a sua relação com a escrita. Este estudo também utiliza esta teoria como base teórica para explorar a utilização das conjunções por alunos chineses.

1.1.1. Teoria da coesão

A coesão, a ligação, a conexão, a vinculação entre os elementos de um texto, é um conceito semântico, referindo-se às relações de significados dentro do texto (Halliday & Hasan, 1976, p. 4). Expressa a continuidade que existe entre as partes do texto. Quando ouvimos ou lemos um texto e percebemos palavras, frases e parágrafos entrelaçados, uma palavra dando continuidade à outra, percebemos esta definição. A coesão manifesta-se no plano linguístico e constrói-se por meio de mecanismos gramaticais e lexicais (Toledo & Grande, 2017, p. 6).

Em 1964, Halliday, o fundador da linguística funcional sistémica, propôs pela primeira vez a divisão da coesão em coesão gramatical e coesão lexical (Du & Tang, 2011). Halliday e Hasan (1976), com a obra *Cohesion in English*, deram um primeiro passo no estudo do fenómeno da coesão textual (Oliveira, 2010). A publicação deste livro marcou a criação da teoria da articulação. Propuseram uma teoria da coesão mais completa, baseada num modelo funcional sistémico em inglês.

Para Halliday e Hasan, a organização do texto (a que chamam *texture*¹) é, em grande parte, constituída por relações entre itens do texto, alguns semânticos, alguns gramaticais, a que se referem como laços coesivos. Estes são vários em espécie e estão divididos em cinco grandes classes: conjunção, referência, substituição, elipse e coesão lexical. A coesão é conseguida através destes laços. Não é uma garantia de unidade do texto, mas sim uma maneira para a

¹ The concept of TEXTURE is entirely appropriate to express the property of “being a text” (Halliday & Hasan, 1976, p. 2).

sua criação. Como muito bem afirmaram Halliday e Hasan (1976), é uma forma de fazer com que o texto “se una como um todo”.

Coesão refere-se às relações de significado que existem no texto (Halliday & Hasan, 1976), que diz respeito “à forma como o texto é construído como um edifício semântico” (ibidem: 26). O objetivo dos estudos sobre coesão e coerência é descobrir a correlação significativa entre o uso de laços de coesão e coerência e se estes poderiam então ser ligados à proficiência linguística ou ao desenvolvimento. Como Hartnett (1986, p. 143) conclui: “Obviamente, utilizar os laços coesivos com sucesso não é fácil. Tanto os bons como os maus escritores podem usar os mesmos tipos de laços coesivos, mas usam-nos de forma diferente”.

No caso dos estudantes chineses que aprendem português, a expressão mais típica da função lógica é a conjunção. Como meio importante de coesão, as conjunções desempenham um papel insubstituível na lógica e fluência do discurso. Por conseguinte, é necessário ter em conta a teoria da coesão neste artigo, ao estudar a aquisição das conjunções por parte dos alunos chineses.

1.1.2. Teoria de coerência

O estudo da teoria da coerência começou aproximadamente na década 70, e a obra clássica de Halliday e Hasan (1976) *Cohesion in English* discutiu sistematicamente os mecanismos de coesão e o seu funcionamento em inglês. Embora este seja um trabalho sobre *coesão*, muitos investigadores consideram-no como um trabalho inicial sobre *coerência*. Halliday e Hasan referem-se ao termo *coerência* várias vezes no seu livro, mas não o discutem como um conceito importante. Eles argumentam que o conceito de coesão pode ser eficazmente complementado pelo conceito de registo², uma vez que ambos podem explicar eficazmente um texto. Um texto é uma passagem do discurso que é coerente nestes dois aspetos: é coerente em termos de contexto situacional e, portanto, consistente no registo. Um não pode estar sem o outro, nem um pode conter o outro.

² “The linguistic features which are typically associated with a configuration of situation features—with particular values of the field, mode and tenor—constitute a REGISTER”(Halliday & Hasan, 1976, p. 22).

Van Dijk (1977) proporciona uma discussão sistemática dos conceitos de coesão e coerência, examina as condições para alcançar a coerência e propõe uma teoria macroestrutural³. De Beaugrande e Dressler (1981) discutem os critérios de textualidade como uma das características mais importantes do texto, e discutem a relação entre a coerência e outras características do texto.

1.1.3. A relação entre coesão e coerência

A coesão é a utilização de conectivos específicos para tornar claro ao leitor ou ouvinte o significado de um expoente, e o uso razoável das conjunções pode refletir em parte o grau de domínio da língua. A coerência liga organicamente as várias partes de uma frase ou de um texto. A importância da coerência reside na sua capacidade de amarrar as partes como um fio. A coerência diz respeito à estrutura profunda de um texto, enquanto a coesão diz respeito à estrutura superficial. A coerência do texto é sobretudo expressa por meio de uma coesão superficial. A linguagem sem coerência, apenas com características coesivas, não produz significado. Uma frase ou um texto que são apenas coerentes, sem coesão, são muitas vezes difíceis de compreender. Assim, a coerência é a base para a coesão.

Em geral, a coesão e a coerência estão intimamente relacionadas, e tanto a coesão como a coerência não podem ser ignoradas quando se estuda a utilização das conjunções. Uma utilização adequada e apropriada das conjunções como maneira de coesão desempenha um papel importante na coerência do discurso. Se forem utilizadas em excesso ou incorretamente, o uso de conjunções será prejudicial para a coerência do discurso.

1.2. Coordenação e subordinação

Como é sabido, o objetivo principal do presente trabalho é analisar a aquisição das conjunções na língua portuguesa por alunos chineses. E, como a morfologia (estudo dos vocábulos) e sintaxe (relação entre os termos na oração) são dois planos de análise em interface, sentimos uma necessidade de apresentar algumas propriedades sintáticas.

³ “Uma representação abstracta da estrutura global de significado de um texto” (Van & TEUN, 1977, p. 55).

1.2.1. Coordenação

Segundo o estudo de Mousinho, Schmid, Pereira, et al., (2008), as crianças portuguesas inicialmente usam uma única palavra funcionando com frase. A partir dos três anos, elas compreendem e produzem frases mais complexas que exigem mais conteúdo, como as orações com as conjunções *e* e *mas*. Segue-se que as primeiras construções complexas a emergir na linguagem das crianças são estruturas de coordenação.

Na gramática mais tradicional, a descrição deste modo de estruturação de unidades complexas é muito breve. A questão da autonomia e da caracterização das conjunções é geralmente mencionada (Oliveira, 2011). A seguir, descreveremos brevemente a coordenação nalguns livros de gramática muito importantes.

Raposo et al. mencionam que a coordenação é um dos processos sintáticos mais importantes de formação de unidades ligísticas complexas (2013, p.1759). Tem a função de combinar dois elementos que pertencem à mesma classe ou à mesma classe sintagmática. Podem coordenar-se palavras: nome com nome, adjetivo com adjetivo, verbo com verbo, preposição com proposição e advérbio com advérbio, o que também se pode fazer entre sintagmas nominais, adjetivas, verbais, verbais mais abrangentes (incluindo o verbo auxiliar), preposicionais e adverbiais. A coordenação também combina orações de vários tipos: orações independentes, subordinadas finitas e subordinadas infinitivas. Pode igualmente operar sobre constituintes dentro de uma palavra e as unidades mais vastas do que a frase. Cada constituinte coordenado é chamado termo coordenado. Os conectores que combinam os termos coordenados chamam-se **conjunções coordenativas**. Em português, as conjunções são palavras morfologicamente invariáveis (pp.1761-1767).

Na *Nova Gramática do português Contemporâneo* (Cunha & Cintra, 2016), descreve-se a coordenação de uma forma clara. Os autores explicam e classificam as orações coordenadas sindéticas e assindéticas para ilustrar a coordenação. Quando colocamos os termos lado a lado, na ausência de qualquer conectivo que as enlace, dizemos que estas orações coordenadas são assindéticas. Quando as orações são ligadas pelas conjunções coordenativas, dizemos que elas são sindéticas (Cunha, & Cintra, 2016, p.610). Classificam-se as orações coordenadas sindéticas em coordenada sindética aditiva, adversativa, alternativa, conclusiva e explicativa, segundo o tipo das **conjunções** que introduzem as orações.

Para os autores de *Gramática da Língua portuguesa* (Mateus et al., 2003), a coordenação é um processo de formação de unidades complexas. Caracteriza-se por combinar núcleo ou constituintes plenamente expandidos, isto é, sintagmas ou frases que desempenham as mesmas funções sintáticas ou semânticas. Depois, fazem a distinção entre coordenação e subordinação. Ambas constituem unidades complexas: a subordinação atua sobre unidades oracionais frásicas, enquanto a coordenação pode ter por domínio todos os tipos de categorias sintáticas.

1.2.2. Subordinação

Nas gramáticas, quando se trata de estudar o período composto, primeiramente foca-se a coordenação; depois, a subordinação (Moreno da Silva, 2011). Carone (1988) acha que a subordinação é a mais coerente, pois é a ordem natural na frase: as palavras organizam-se em sintagmas, e estes em orações.

No livro *Gramática do português* (Raposo et al., 2013) diz-se que, de acordo com as relações hipotáticas que se estabelecem entre orações numa frase complexa, ou seja, as estruturas de subordinação, a subordinação se classifica em três tipos: subordinação completiva/integrante, subordinação adverbial e subordinação relativa.

Convém assinalar que, no texto a seguir, não se fala em subordinação completiva, mas, sim, em subordinação argumental, que é um termo equivalente. A subordinação argumental pode ser finita ou infinitiva. As finitas são sempre introduzidas por um complementador, frequentemente a designada palavra *qu-* (tipicamente *que*) no caso de interrogativa parcial, mas também *se* no caso de interrogativa global. Com relação à subordinação adverbial, identificam-se várias classes de estruturas subordinadas adverbiais do ponto de vista semântico: oração temporal, oração causal e explicativa, oração final e resultativa, oração concessiva, oração condicional, oração de modo, oração conformativa, oração contrastiva e contrapositiva, oração de lugar, oração de circunstância negativa e oração substitutiva e acrescentativa. As primeiras oito orações são introduzidas pelas **conjunções**, outras orações são iniciadas por preposições ou advérbios. As orações relativas são introduzidas por um constituinte que contém obrigatoriamente um elemento pronominal de determinado tipo, um pronome relativo (p. 2063).

Cunha e Sintra (2016, p.612) salienta que a subordinação se caracteriza por uma oração que exerce a função de um termo essencial, integrante ou acessório de outra oração. Confirmam que, na essência, o período composto por subordinação é equivalente a um período simples, sendo a única diferença o facto de os termos deste serem representados naquele por *orações*. A classificação das orações faz-se a partir da sua função própria, e assim classificam-se em substantivas, adjetivas e adverbiais. As orações subordinadas substantivas vêm normalmente introduzida pela **conjunção integrante**, as orações subordinadas adjetivas vêm normalmente introduzidas pelos pronomes relativos e as orações subordinadas adverbiais vêm normalmente introduzidas pelas **conjunções subordinativas**.

No quadro teórico de Mateus et al. (2003), refere-se que a subordinação opera sobre unidades oracionais frásicas, a oração subordinada desempenha sempre uma função sintática na subordinante. Repare-se também na mobilidade dos constituintes: na estrutura subordinada, a mobilidade é maior, enquanto no termo de coordenação, a mobilidade é muito pequena.

A coordenação caracteriza-se por combinar constituintes do mesmo nível categorial e a subordinação estabelece hierarquia entre os constituintes do nível diferente: a oração subordinante e a oração subordinada.

1.3. Funções das conjunções

Como meio de coesão e coerência, as conjunções não são dispensáveis. Muitos estudos apresentam algumas funções que nos ajudam a distinguir as conjunções de outras classes gramaticais.

Halliday & Hasan (1976) consideram que as conjunções não têm os significados coesivos em si mesmas, mas têm um papel coesivo indireto através dos seus significados específicos.

As conjunções facilitam a reativação da primeira oração e a integração do seu conteúdo com a segunda oração para ajudar o processamento e a compreensão abrangentes (Ben-Anath, 2005).

Corrêa e Sperança-Crisuolo (2019) acham que as conjunções são relevantes para a construção da textualidade e participam na estruturação da sequência do texto.

Li Fei (2010, p. 756) acredita que a exatidão do uso das conjunções está diretamente relacionada com a expressão e a coerência do sentido do texto, pois a conjunção é um elo indispensável na construção da frase.

Além disso, as conjunções ajudam o ouvinte e o leitor a relacionar organicamente o texto anterior e posterior, contribuindo assim para a compreensão do significado do discurso. O uso adequado de conjunções faz com que o nosso texto se torne um conjunto orgânico coerente, com o objetivo de uma comunicação eficaz (Quirk et al., 1985). O uso de conjunções não só aumenta a coerência da composição, mas também pode expressar o conteúdo de forma clara e fluida, tornando o texto bem-composto e natural.

No início, as funções das conjunções limitam-se principalmente ao escopo da sintaxe, considerando-se que as conjunções são a cola entre palavra e palavra, frases e frase. Com o surgimento da gramática e da linguística do discurso, as pessoas descobriram que a categoria funcional das conjunções ultrapassou os limites das frases e pode conectar unidades maiores do que as frases. Podem indicar a relação semântica como um elo entre as partes da estrutura do texto.

Guimarães (1980) afirma que “a função de uma conjunção coordenativa não é fazer que uma oração esteja junto com outra, mas que as orações se tornem texto, se constituam, portanto, em discurso”.

1.4. Conjunções em português

1.4.1. Definições de conjunções

Diferentes estudiosos têm opiniões diferentes sobre a definição de conjunções.

Segundo Rocha Lima (2011, p. 234), as conjunções são palavras que relacionam entre si:

- a) Dois elementos da mesma natureza (substantivo + substantivo, adjetivo + adjetivo, advérbio + advérbio, oração + oração, etc.).
- b) Duas orações de natureza diversa, das quais a que começa pela conjunção completa a outra ou lhe junta uma determinação.

Conforme Cunha e Cintra (2016, p.593), “as conjunções são os vocábulos gramaticais que serem para relacionar duas orações ou dois termos semelhantes da mesma oração”. Segundo dos autores, as conjunções coordenativas relacionam termos ou orações de idêntica função gramatical. As conjunções subordinativas ligam duas orações, uma das quais determina ou completa o sentido da outra.

Roberta Longhin-Thomazi (2006) salientou que as conjunções são elementos que têm função conectiva. Já para Luft (2002), esta é “a palavra gramatical invariável que estabelece coordenação ou subordinação entre dois membros da oração ou entre uma palavra e uma oração, entre duas orações, e, mais raramente, entre dois períodos”. (p.141).

Bechara (2003, p. 320) diz que a língua possui unidades que têm por missão reunir orações num mesmo enunciado. Estas unidades são tradicionalmente chamadas conjunções. Acrescenta o autor que as conjunções se têm repartidos em dois tipos: coordenativas e subordinativas. As conjunções coordenativas reúnem orações que pertencem ao mesmo nível sintático, sendo independentes umas das outras. Ele trata as conjunções subordinativas como um transpositor, por fazerem com que a oração assuma a função de palavra, ou seja, como substantivo, adjetivo ou advérbio (Bechara, 2009, p.399).

1.4.2. Classificação de conjunções

As conjunções são tradicionalmente divididas em dois grupos: as conjunções coordenativas e as conjunções subordinativas.

Conjunções coordenativas

As conjunções são tradicionalmente divididas em dois grupos: as conjunções coordenativas e as conjunções subordinativas.

1) Conjunções aditivas

Também são chamadas de conjunções copulativas. Servem para ligar simplesmente dois termos ou duas orações de idêntica função (Cunha & Cintra, 2016). São as conjunções *e* (para a adição das unidades positivas), *nem* (para as unidades negativas).

Castilho (2010, p.349-350) explica que a conjunção *e* em termos de propriedades sintáticas, coordena os mais variados segmentos, unindo elementos de composição de uma palavra, constituintes do sintagma, sintagmas, sentenças (*apud* Lingnau, Antonio, & Barbosa, 2020, p. 5).

Nem tem o mesmo papel de *e*, ou seja, é uma conjunção que marca uma relação de adição entre segmentos negativos coordenados, com o significado básico de “e também não” (Marques & Pezatti, 2016).

Exemplos:

O Pedro e a Maria são amigos.

Não foi nem deixou que outros fossem (Wang & Lu, 2014, p.408).

2) Conjunções adversativas

As conjunções adversativas ligam dois termos ou duas orações que têm pensamentos contrastantes. A mais frequente é *mas*. Há outras palavras com força adversativa, tais como: *porém*, *todavia*, *contudo*, *entretanto*, *no entanto* e *senão* que acentuam não propriamente um contraste de ideias, mas uma espécie de concessão atenuada (Rocha Lima, 2011).

Exemplos:

Posso cantar, mas não quero (Wang & Lu, 2014, p. 407).

Muitos foram, eu, porém, fiquei.

Fuja, senão morre (Wang & Lu, 2014, p. 409) .

Foi bastante aplicado, todavia (contudo) o resultado não foi destacado (Wang & Lu, 2014, p. 408).

Gostaria de passear com você, entretanto (no entanto) não tenho tempo (Wang & Lu, 2014, p. 409).

3) Conjunções alternativas

As conjunções alternativas ligam dois termos ou orações de sentido distinto, indicando que, ao comprimir-se um facto, o outro não se cumpre (Cunha & Cintra, 2016, p. 594). As conjunções são *ou*, *ou...ou...*, *ora... ora...*, *quer... quer...*, *já... já...*, *seja... seja...*, etc.

Exemplos:

Ele entrou ou saiu?

Ou te portas bem ou não vais à visita de estudo.

Ora (Já) diz sim, ora (já) diz não (Wang & Lu, 2014, p.410).

Virá hoje, quer neve, quer faça sol.

Seja bom, seja mau, fico com este livro.

4) Conjunções conclusivas

Os mesmos autores (Cunha & Cintra, 2016, p. 595) afirmaram que as conjunções conclusivas ligam à anterior uma oração que exprime conclusão, consequência. São: *logo*, *pois*, *portanto*, *por conseguinte*, *por isso*, *assim*, etc.

Exemplos:

É desatento, logo não pode dirigir veículos (Houaiss et al., 2001).

Está doente, não podendo, pois, viajar.

Estava doente, portanto, (por isso) não saí.

Foram avisados, por conseguinte deviam comparecer à reunião (Wang & Lu, 2014, p. 411).

Você não pode engordar, assim não deve comer demais (Houaiss et al., 2001).

5) Conjunções explicativas

As conjunções explicativas introduzem as explicações, justificando a enunciação anterior. São: *que*, *porque*, *pois*, *porquanto*.

Exemplos:

Espere um pouco, que o doutor já vem.

Espere um pouco, porque ele não demora.

Ele só pode ser muito sensível, pois chegou a chorar durante o filme (Houaiss et al., 2001).

Conjunções subordinativas

São utilizadas para ligar as orações principais e subordinadas num período composto por subordinação. Depende da relação entre as orações a serem ligadas, são divididas em oito classes: *causais, concessivas, condicionais, comparativas, consecutivas, finais, temporais e integrantes*. Os primeiros sete tipos das conjunções iniciam orações adverbiais. As integrantes introduzem orações substantivas.

1) Conjunções causais

Introduzem a oração subordinada adverbial causal num período composto. São: *que, porque, porquanto, como, já que, pois que, visto que*, etc.

Exemplos:

Não esperaria mais, que elas podiam voar (Li, 2010, p. 613).

Já que (Visto que) estás ocupado, não te incomodo mais (Wang & Lu, 1991, p. 414).

Porquanto o professor adoeceu, hoje não houve aula.

Como estava doente, não fui à aula.

Pois que tudo já soubemos, deixemo-lo partir (Li, 2010, p. 769).

2) Conjunções concessivas

Quando iniciam uma oração que exprime que um obstáculo real ou suposto não impedirá ou modificará a declaração da oração principal (Cunha & Cintra, 2016, p. 600): *ainda que, embora, posto que, se bem que, apesar de que*, etc.:

Exemplos:

Embora esteja calor, prefiro ficar em casa a descansar.

Ainda que (Posto que, Apesar de que) os exercícios sejam fáceis, tenho sempre dúvidas.

Não me importo de pagar o arranjo do carro, se bem que (mesmo que) a culpa do acidente não tenha sido minha.

3) Conjunções condicionais

As conjunções condicionais iniciam uma oração subordinada em que se indica uma hipótese ou uma condição necessária para que seja realizado ou não o facto principal (Cunha & Cintra, 2016, p. 601): *se, caso, contanto que, sem que, uma vez que, dado que, desde que, etc.*

Exemplos:

Se (Caso) tivessem sabido que a festa terminaria tão tarde, teriam ido de carro (Pascoal & Oliveira, 2019, p. 126).

Irei, contanto que (desde que) me paguem a viagem (Wang & Lu, 1999, p. 416).

Sem que tome remédio a tempo, não recuperarei.

Dado que você vai, eu fico.

4) Conjunções comparativas

As conjunções comparativas iniciam uma oração que indica comparação. São *que, do que (relacionados com mais, menos, maior, menor, melhor, pior), qual (relacionado com tal), como (relacionado com tal, tão, tanto); como se, conforme; à medida que, etc.* (Rocha Lima, 2011). Vale a pena notar que na terminologia gramatical do português brasileiro se classificam algumas conjunções comparativas (*conforme, como, segundo, consoante, etc.*) como conjunções conformativas, em que se exprime a conformidade de um pensamento com o da oração principal. Outra diferença terminológica é a classificação de *à medida que, ao passo que, à proporção que* como conjunções proporcionais; estas iniciam uma oração subordinada em que se menciona um facto que ocorre simultaneamente com o da oração principal.

Exemplos:

Gosto tanto do Porto como ele gosta de Aveiro.

Ela é mais/menos bonita do que eu.

Ele fala como se soubesse tudo.

Fez os exercícios conforme o professor determinou.

À medida que (Ao passo que, À proporção que) o tempo passa, eles vão ficando mais exigentes com tudo (Malcata, 2018, p.51).

5) Conjunções consecutivas

Iniciam uma oração na qual se indica a consequência do que foi declarado na anterior. São: *que (relacionado com tal, tão, tanto, tamanho), de modo que, de maneira que, de sorte que, de forma que.*

Exemplos:

Ele correu tão rápido que apanhou o comboio.

Faz as coisas com atenção de forma que (de maneira que, de modo que) nos deixes descansados.

6) Conjunções finais

Servem para introduzir o fim o propósito. São: *para que, a fim de que, que, etc.*

Exemplos:

Estudo com esforço para que (a fim de que) possa obter um bom trabalho.

7) Conjunções temporais

Servem para introduzir uma localização temporal. São: *apenas, mal, quando, até que, assim que, antes que, depois que, logo, etc.*

Exemplos:

Quando cheguei ao parque, começou a chover.

Mal (Logo que, Assim que) a reunião terminou, todos se foram embora (Pascoal & Oliveira, 2019, p. 123).

Tome este antibiótico, até que a infecção passe.

8) Conjunções integrantes

Servem para iniciar uma oração subordinada substantiva. São as conjunções *que* (*para a afirmação certa*) e *se* (*para a incerta*).

Exemplos:

É preciso que trabalhes (Wang & Lu, 2014, p. 413).

Não sei se ela irá.

1.4.3. Posição das conjunções

Quanto às conjunções adversativas, *mas* usa-se unicamente no começo de oração; *porém*, *todavia*, *contudo*, *entretanto* e *no entanto* podem aparecer no início da oração, ou depois de um dos termos delas.

Por exemplo:

Muitos foram, mas ele ficou (Wang & Lu, 2014, p. 408).

Muitos foram, ele, porém, ficou (Wang & Lu, 2014, p. 408).

A conjunção conclusiva, *pois*, vem sempre posposta a um termo da oração a que pertence.

Por exemplo:

Perdemos há poucos dias o nosso pai, não podemos, pois, participar da festa (Wang & Lu, 2014, p. 411).

As conjunções conclusivas, *portanto*, *logo* e *por conseguinte* podem variar de posição, conforme o ritmo, a entoação e a harmonia da frase (Cunha & Cintra, 2016, p. 596).

Como todas as conjunções subordinativas iniciam as orações, elas ficam no começo da oração.

1.5. Conjunções em chinês

1.5.1. Definições de conjunções

A conjunção é uma palavra, que pode juntar duas palavras, grupos de palavras ou frases para indicar a relação gramatical de coordenação, causalidade, condição, suposição, etc.⁴ (Li, & Cheng, 2008, p. 123).

Os estudiosos chineses Zhang Delu e Liu Rushan (2003, p. 54) definem uma conjunção como “uma expressão comumente usada para ligar orações subordinadas para indicar a sua relação lógico-semântica e interdependência”⁵.

Hu Zhuanglin (1994, p.139) acha que as conjunções podem refletir as relações semânticas entre contextos e servir como um instrumento importante para gerar discurso⁶.

Para estabelecer uma ligação entre orações, uma considerável parte das conjunções chinesas são usadas obrigatoriamente com um outro advérbio ou uma outra conjunção. As duas palavras devem ser usadas a par, uma em cada oração⁷. Dependendo da conjunção em causa, o advérbio pode ser adversativo, ou estrutural que não tenha significado, mas que faça parte da estrutura frásica (Mai, Morais, & Pereira, 2019, p. 342). Quando uma conjunção se usa obrigatoriamente com uma outra conjunção, forma-se uma locução conjuntiva.

1.5.2. Classificação de conjunções

As conjunções são geralmente classificadas em duas categorias principais: as conjunções coordenativas e as conjunções subordinativas (B. Zhang & Zhang, 2000). Segundo a *Gramática da Língua chinesa para Falantes de português* (Mai, Morais, & Pereira, 2019), *A Practical Chinese Grammar for Foreigners* (Li & Cheng, 2008) e *Modern Chinese Null Words* (B. Zhang & Zhang, 2000), as conjunções coordenativas e as conjunções subordinativas ainda podem ser subdivididas das seguintes formas:

⁴ 连接两个词、词组或句子，表示并列、因果、条件、假设等语法关系的词叫连词。

⁵ 连接词是常用来连接从句的表达式，可以用来表示从句之间的的逻辑语义关系和相互依存性。

⁶ 连接词可以反映上下文之间的语义关系，并作为产生话语的重要工具。

⁷ Em chinês, as palavras que se usam obrigatoriamente a par para fazer ligações entre orações denominam-se “locuções correlativas”, que incluem as locuções conjuntivas (Mai, Morais, & Pereira, 2019, p. 460).

Conjunções coordenativas

- conjunção copulativa (并列连接词 Bìngliè Liánjiēcí)
- conjunção sucessiva (承接连接词 Chéngjiē Liánjiēcí)
- conjunção progressiva (递进连接词 Dìjìn Liánjiēcí)
- conjunção alternativa (选择连接词 Xuǎnzé Liánjiēcí)

1) As conjunções copulativas mais usadas são: 跟 gēn (e), 和 hé (e), 及 jí (e), 以及 yǐjí (bem como/assim como), 与 yǔ (e), 既 jì 又 yòu (tanto...como...), etc.

Exemplo de conjunção usada sozinha⁸:

CH: 安娜与我都是阿威罗大学的学生。

PY: Ān'ānà yǔ wǒ dōu shì Āwēilúo dàxué de xuésheng.

TL: Ana e eu ambos somos estudantes da Universidade de Aveiro.

PT: A Ana e eu somos ambos estudantes da Universidade de Aveiro.

Exemplo de conjunção usada com advérbio:

CH: 我既工作，又学习英语。

PY: Wǒ jì gōngzuò, yòu xuéxí Yīngyǔ.

TL: Eu **não só** trabalho, **mas também** estudo inglês.

PT: **Não só** trabalho, **mas também** estudo inglês

Exemplo de locução conjuntiva:

CH: 他一边吃晚饭，一边看电视。

PY: Tā yìbiān chī wǎnfàn, yìbiān kàn diànshì.

TL: Ele **enquanto** vê televisão, **enquanto** janta.

PT: Ele vê televisão **enquanto** janta.

⁸ Os exemplos são dados em chinês (CH), em Pinyin (PY), com a tradução literal para português (TL) e em português (PT).

- 2) As conjunções sucessivas mais usadas são: 从此 ^{cóngcǐ} (a partir daí), 此后 ^{cǐhòu} (depois), 此外 ^{cǐwài} (além disso), 接着 ^{jiēzhe} (logo a seguir), 那 ^{nà} (então), 那么 ^{nàme} (então), 于是 ^{yúshì} (portanto), 至于 ^{zhìyú} (quanto a), 总之 ^{zǒngzhī} (em conclusão), etc.

Exemplo de conjunção usada sozinha:

CH: 两个人的谈话结束了。接着，是一段短暂的沉默。

PY: Liǎnggè rén de tánhuà jiéshù le. **Jiēzhe**, shì yíduàn duǎnzàn de chénmò.

TL: A conversa das duas pessoas terminou. **Logo a seguir**, foi um breve silêncio.

PT: A conversa entre duas pessoas terminou. **Logo a seguir**, houve um breve silêncio.

- 3) As conjunções progressivas mais usadas são: 并 ^{bìng} / 并且 ^{bìngqiě} (e de seguida), 不但 ^{búdàn} / 不仅 ^{bùjǐn}.....而且 ^{érqiě} (não só...e ainda por cima), 甚至 ^{shènzhì} (até), etc.

Exemplo de conjunção usada sozinha:

CH: 他写完了论文，并发给了导师。

PY: Tā xiě wán le lùnwén, **bìng** fā gěi le dǎoshī.

TL: Ele concluiu a dissertação **e de seguida** mandou para o orientador.

PT: Ele concluiu a dissertação **e de seguida** mandou-a para o orientador.

Exemplo de locução conjuntiva:

CH: 他不但学习好，而且跳舞也好。

PY: Tā **búdàn** xuéxí hǎo, **érqiě** tiàowǔ yě hǎo.

TL: Ele **não só** estuda bem, **e ainda por cima** dança bem.

PT: Ele é um bom aluno, **e ainda por cima** dança bem.

- 4) As conjunções alternativas mais usadas são: 还是 ^{háishì} (ou), 或 ^{huò} (ou), 或是 ^{huòshì} (ou), 或者 ^{huòzhě} (ou), 要么 ^{yàome}.....要么 ^{yàome} (ou...ou...), 与其 ^{yǔqí}.....不如 ^{bùrú} (comparando...preferivelmente...), etc.

Exemplo de conjunção usada sozinha:

CH: 你学习**还是**睡觉?

PY: Nǐ xué xí **hái shì** shuì jiào?

TL: Tu estudas **ou** dormes?

PT: Estudas **ou** dormes?

Exemplo de conjunção usada com advérbio:

CH: **与其**在家睡觉, **不如**出去散步。

PY: **Yǔqí** zàijiā shuìjiào, nǐ **bùrú** chūqù sànbù.

TL: **Comparando** dormir em casa, eu **preferivelmente** vou passear.

PT: Prefiro passear a dormir em casa.

Exemplo de locução conjuntiva:

CH: 我去学校, **要么**坐车, **要么**步行。

PY: Wǒ qù xuéxiào, **yàome** zuò chē, **yàome** bùxíng.

TL: Eu vou à escola, **ou** de carro **ou** a pé.

PT: Vou à escola de carro **ou** a pé.

Conjunções subordinativas

- conjunção causal (因果连接词 Yīnguǒ Liánjiēcí)
- conjunção adversativa (转折连接词 Zhuǎnzhe Liánjiēcí)
- conjunção condicional (条件连接词 Tiáojiàn Liánjiēcí)
- conjunção hipotética (假设连接词 Jiǎshè Liánjiēcí)
- conjunção concessiva (让步连接词 Ràngù Liánjiēcí)
- conjunção final (目的连接词 Mùdì Liánjiēcí)

- 1) As conjunções causais mais usadas são : 既然 **jìrán**就..... (já que), 所以 **suǒyǐ** (portanto), 以至 **yǐzhì** (de maneira que/ de modo que/ de forma que), 因此 **yīncǐ** (por

consequinte/por isso), 由于 yóuyú.....因此 yīncǐ(como...por isso...), 因为 yīnwéi (como/porque/pois/porquanto), 因为 yīnwéi.....所以 suǒyǐ.....(como...por isso...), etc.

Exemplo de conjunção usada sozinha:

CH: 他制造出了很大的噪音，以至于全家人都惊醒了。

PY: Tā zhìzào chū le hěn dà de zàoyīn, yǐzhìyú quánjiārén dōu jīngxǐng le.

TL: Ele fez tanto barulho, **de maneira que** toda a família acordou assustada.

PT: Ele fez tanto barulho, **de maneira que** toda a família acordou assustada.

Exemplo de conjunção usada com advérbio:

CH: 既然你在忙，我就不打扰了。

PY: Jìrán nǐ zài máng, wǒ jiù bù dǎrǎo le.

TL: **Já que** tu estás ocupado, eu **advérbio estrutural** não te incomodo.

PT: **Já que** tu estás ocupado, não te incomodo mais.

Exemplo de locução conjuntiva:

CH: 因为外面正在下大雨，所以我不能出去玩。

PY: Yīnwèi wàimiàn zhèng zài xià dà yǔ, suǒyǐ wǒ bù néng chūqù wán.

TL: **Como** está a chover muito lá fora, **por isso** eu não posso sair.

PT: **Como** está a chover muito lá fora, eu não posso sair.

- 2) As conjunções adversativas mais usadas são: 不过 búguò (todavia/contudo), 但 dàn (mas), 但是 dànshì (mas), 然而 rán'ér (porém), 尽管 jǐnguǎ.....还是 hái shì (apesar de que / todavia), 虽然 suīrán但是 dànshì.....(embora...mas...), etc.

Exemplo de conjunção usada sozinha:

CH: 我想去健身房，但是没有时间。

PY: Wǒ xiǎng qù jiànshēnfáng, dànshì méi yǒu shíjiān.

TL: Eu quero ir ao ginásio, **mas** não tenho tempo.

PT: Quero ir ao ginásio, **mas** não tenho tempo.

Exemplo de conjunção usada com advérbio:

CH: 虽然很富有，但是他并不感觉幸福。

PY: **Suīrán** hěn fùyǒu, **dànshì** tā bìng bù gǎnjué xìngfú.

TL: **Embora** seja rico, **mas** ele não se sente feliz.

PT: **Embora** seja rico, ele não se sente feliz.

- 3) As conjunções condicionais mais usadas são: 不管 **bùguǎn**/无论 **wúlùn**.....都 **dōu**.....(não importar...), 除非 **chúfēi** (salvo se / exceto se), 只要 **zhǐyào**.....就 **jiù**..... (desde que), 只有 **zhǐyǒu**.....才 **cái**..... (só se for...), etc.

Exemplo de conjunção usada sozinha:

CH: 我明天回来，除非出现意外情况。

PY: Wǒ míngtiān huílái, **chúfēi** chūxiàn yìwài qíngkuàng.

TL: Eu volto amanhã, **salvo se** aparecer um imprevisto.

PT: Voltarei amanhã, **salvo se** surgir algum imprevisto.

Exemplos de conjunção usada com advérbio:

CH: 只有身体健康，你才能抵抗病毒。

PY: **Zhǐyǒu** shēntǐ jiànkāng, nǐ **cái** néng dǐkàng bìngdú.

TL: **Só se for** saudável, você **advérbio estrutural** consegue combater o vírus.

PT: Só se tiver saúde é que consegue combater o vírus.

CH: 只要有希望，你就不能放弃。

PY: **Zhǐyào** yǒu xīwàng, nǐ **jiù** bù néng fàngqì.

TL: **Desde que** haja esperança, você **advérbio estrutural** não pode desistir.

PT: Desde que haja esperança, não pode desistir.

- 4) As conjunções hipotéticas mais usadas são: 不然 **bùrán** (senão), 否则 **fǒuzé** (senão), 假如 **jiǎrú**/如果 **rúguǒ**/倘若 **tǎngruò**/假使 **jiǎshǐ**/要是 **yàoshi**.....就 **jiù**..... (se/caso), 要不然 **yàoburán** (caso contrário), etc.

Exemplo de conjunção usada sozinha:

CH: 你要学习，**不然**通不过考试。

PY: Nǐ yào xuéxí, **bùrán** tōngbúguò kǎoshì.

TL: Deves estudar, **senão** não passas no teste.

PT: **Deves estudar**, **senão** não vais passar no teste.

Exemplo de conjunção usada com advérbio:

CH: **如果**你生病了，**就**去医院。

PY: **Rúguǒ** nǐ shēngbìng le, **jiù** qù yīyuàn.

TL: **Se** você estiver doente, **advérbio estrutural** vai ao hospital.

PT: Se estiver doente, vai ao hospital.

As conjunções concessivas mais usadas são: 即使 *jíshǐ* 也 *yě*(mesmo que...), 尽管 *jǐnguǎn* 也 *yě*(apesar de que...), etc.

Exemplos de conjunção usada com advérbio:

CH: **即使**你很有钱，**也**买不到幸福。

PY: **Jíshǐ** nǐ hěn yǒuqián, **yě** mǎibú dào xìngfú.

TL: **Mesmo que** você fosse muito rico, **advérbio estrutural** não conseguiria comprar a felicidade.

PT: **Mesmo que** fosse muito rico, não conseguiria comprar a felicidade.

- 5) As conjunções finais mais usadas são: 为了 *wèile* / 以便 *yǐbiàn* (para que / para)

Exemplo de conjunção usada sozinha:

CH: **为了**写出一篇文章，他阅读了很多资料。

PY: **Wèi le** xiěchū yīpiān hǎo wénzhāng, tā yuèdú le hěnduō zīliào.

TL: **Para** escrever um bom texto, ele leu muitos materiais.

PT: Ele tinha lido muitos materiais **para** escrever um bom texto.

1.6. Principais diferenças relativas às conjunções nas duas línguas

Na gramática chinesa e portuguesa, as definições, funções e classificações de conjunções são quase idênticas. Contudo, consideramos importante mencionar alguns contrastes que poderão influenciar o uso de conjunções por falantes de chinês.

1) Conjunção aditiva

No que concerne à conjunção coordenativa chinesa, existem duas subclasses: conjunção sucessiva e conjunção progressiva, que pertencem à conjunção aditiva na gramática portuguesa. Atendendo a este facto, significa que as conjunções aditivas portuguesas são mais abrangentes e incluem ambas classificações conjuntivas em chinês. Em comparação com a conjunção coordenativa *e*, a conjunção aditiva chinesa “和 ^{hé} (e)” não tem valor adversativo, não indica uma consequência, nem expressa uma finalidade. Além disso, sintaticamente, “和 ^{hé} (e)” não pode ligar duas orações coordenadas. Quando duas orações coordenadas chinesas exprimem duas ações de relação sucessivas ou progressiva, estas podem ser ligadas pela conjunção coordenativa “并 ^{bìng} (e ainda)” (Mai, 2012, p.263).

2) Conjunção adversativa

Na gramática chinesa, as conjunções adversativas são consideradas de relação subordinativa. De modo oposto, a gramática portuguesa define-as como conjunções coordenativas.

3) Conjunção causal, conclusiva e consecutiva

Na classificação de conjunções chinesas, as conjunções causais, conclusivas e consecutivas pertencem ao mesmo grupo: conjunções causais (因果连词 ^{Yīnguǒ Liáncí}). As conjunções que iniciam as orações subordinadas adverbiais causais podem ser empregues em conjunto com as conjunções conclusivas, sobretudo a locução conjuntiva “因为 ^{yīnwèi} (como/porque)” e “所以 ^{suǒyǐ} (por isso)”, sendo esta muito mais usada na oralidade e na escrita.

4) Conjunção integrante

Em relação às conjunções integrantes, estas não existem na língua chinesa. As funções de uma oração subordinada introduzida por *que* ou *se* são exercidas por um grupo de palavras (词组 ^{Cízhǔ}). Os grupos sujeito-predicado (主谓词组 ^{Zhǔwèi Cízhǔ}) e verbo-objeto (动宾词组 ^{Dòngbīn Cízhǔ})

dòngbīn cízǔ) podem exercer funções correspondentes a uma oração substantiva em português. O grupo de palavras que coincide a uma oração subordinada introduzida por *que* ou *se* é colocado na frase, de acordo com a sua função sintática (Mai, Morais, & Pereira, 2019, p.342).

No caso de um grupo sujeito-predicado (S-P), os constituintes principais são organizados de acordo com a ordem *Sujeito + Predicado* (Mai, Morais, & Pereira, 2019, p.381).

Por exemplo:

CH: 你天天学习很重要。

PY: Nǐ tiāntiān xuéxí hěnzhòngyào.

TL: **Tu todos os dias estudar** (ser) muito importante.

PT: É muito importante **que estudes todos os dias**.

Num grupo verbo-objeto (V-O), os constituintes principais são estruturados de acordo com a ordem *Verbo + Objeto*. É importante mencionar que o verbo do grupo deve ser transitivo (Mai, Morais, & Pereira, 2019, p.383).

Por exemplo:

CH: 我知道他喜欢苹果。

PY: Wǒ zhīdào tā xǐhuan píngguǒ.

TL: Eu sei ele **gosta de maçã**.

PT: Eu sei **que ele gosta de maçã**.

Em chinês, a afirmação e a negação são aplicadas no grupo de palavras para exercer uma função que corresponde a uma oração subordinada introduzida por *se* (Mai, Morais, & Pereira, 2019, p.343).

Por exemplo:

CH: 我不知道他来不来。

PY: Wǒ bù zhīdào tā lái bù lái.

TL: Eu não sei ele **vem não vem**.

PT: Não sei **se ele virá**.

5) Conjunção concessiva

Quanto à conjunção concessiva em chinês e português, a qualidade que mais se destaca é a dispensa da conversão dos verbos nas orações subordinadas adverbiais concessivas chinesas para modo conjuntivo. Além disso, algumas conjunções concessivas chinesas precisam de ser usadas junto com determinadas conjunções adversativas, tais como “虽然 suīrán (embora)|……但是 dànshì (mas)……”, ou com advérbios estruturais sem significado concreto, por exemplo, “即使 jíshǐ ……也 yě ……””. Normalmente, as conjunções introduzem orações subordinadas e os advérbios são colocados em orações principais.

6) Conjunção condicional e hipotética

Em chinês, a conjunção condicional e a conjunção hipotética são dois tipos de conjunção, enquanto, em português, ambos os sentidos se associam à conjunção condicional. Na língua chinesa, quando algumas destas conjunções iniciam uma oração subordinada, exigem-se na oração principal advérbios estruturais sem significado concreto, constituindo assim uma forma fixa, como as conjunções “要是 yàoshi / 如果 rúguǒ (se)” (Mai, 2012, p. 270).

7) Conjunção final

Na oração subordinada adverbial final portuguesa, no caso de o sujeito da oração subordinada que segue conjunções como *para que*, *a fim de que*, etc., ser diferente do sujeito da oração principal, o verbo da oração subordinada fica no modo conjuntivo. Pelo contrário, em chinês os verbos não se conjugam.

8) Conjunção temporal e comparativa

Em chinês, também há a ausência de conjunções temporais e comparativas. A norma é alguns advérbios executarem essas mesmas funções.

Por exemplo:

Advérbio com função de conjunção temporal: 一会儿 (por algum tempo)

CH: 天气一会儿阴一会儿晴。

PY: Tiānqì yìhuìr yīn yìhuìr qíng.

TL: O tempo **por algum tempo** está nublado, **por algum tempo** faz sol.

PT: **Ora** faz sol, **ora** fica nublado.

Advérbio com função de conjunção comparativa: 好像 (parecendo)

CH: 他表现得好像什么也没有发生。

PY: Tā biǎoxiàn dé hǎoxiàng shénme yě méiyǒu fāshēng.

TL: Ele reagiu **parecendo** nada aconteceu.

PT: Ele reagiu **como** se nada tivesse acontecido.

A comparação acima revela que as principais diferenças entre as conjunções em português e em chinês estão nos seguintes aspetos:

- 1) Tendo em conta que em chinês não há modo conjuntivo, a forma do verbo da oração subordinada não sofre nenhuma alteração. O oposto acontece no português, sendo que, nas orações subordinadas portuguesas introduzidas por conjunções, alguns verbos precisam de mudar o modo.
- 2) As conjunções chinesas são frequentemente utilizadas em conjunto com outros advérbios ou conjunções.
- 3) Algumas conjunções chinesas podem corresponder a duas conjunções diferentes em português.

Capítulo 2. A aquisição das conjunções portuguesas

2.1. A aquisição das conjunções portuguesas por parte dos falantes nativos

As primeiras conjunções que todos os investigadores encontram imediatamente no discurso espontâneo de uma criança são *e* e *mas*. As restantes conjunções surgem mais tarde. Os estudos experimentais demonstram que, antes da entrada no ensino básico, as crianças geralmente já compreendem e produzem frases simples, enquanto que as frases complexas surgem mais tarde no discurso da criança (Cabo, 2010).

Seguindo o estudo *Português Documentos Curriculares em Vigor*⁹ (Direção-Geral da Educação, 2018), resumimos o ensino-aprendizagem das conjunções portuguesa na educação básica em Portugal nas seguintes etapas:

- 1) A abordagem das estruturas de coordenação copulativa e disjuntiva ocorre primeiramente no 2.º ano do 1.º ciclo. Nessa fase, embora os alunos não estudem diretamente a palavra classe-conjunção, são introduzidas algumas conjunções coordenadas quando estudam a coordenação copulativa e disjuntiva.
- 2) No 3.º ano do 1.º ciclo, os alunos devem ser capazes de usar frases complexas para exprimir sequências (*tão que, para que*). Isto significa que, a partir do 3.º ano, os alunos estudam gradualmente as orações subordinadas e ficam familiarizados com a conjunção final *para que* e conjunção consecutiva *tão que*.
- 3) Durante o 4.º ano do 1.º ciclo, exige-se que os alunos ganhem maior consciência da função de frases complexas por meio de atividades de manipulação de dados, através do uso de conjunções coordenativas e conjunções subordinativas.
- 4) Posteriormente, os alunos ficam realmente a conhecer conjunções a partir do 5.º ano do 2.º ciclo. É previsto que saibam identificar a classe das palavras: verbo principal (transitivo e intransitivo) e verbo auxiliar, advérbio e conjunção.

⁹ <http://www.dge.mec.pt/portugues>

- 5) No 6.º ano do 2.º ciclo, o documento oficial sugere que desenvolvam a capacidade de identificar a classe de palavras: conjunção e locução conjuncional (coordenativa copulativa e adversativa; subordinativa temporal e causal).
- 6) Ao longo do 7.º ano do 3.º ciclo, os alunos têm de interiorizar a conjunção coordenativa disjuntiva, conclusiva e explicativa e conjunção final, condicional e completiva, bem como classificar as orações subordinadas.
- 7) Durante o 8.º ano do 3.º ciclo, os alunos devem saber distinguir as seguintes subclasses de conjunções e locuções conjuncionais subordinativas: comparativa, consecutiva, concessiva.

Através das sete etapas acima, podemos reconhecer que, ao terminar o ensino básico, os alunos portugueses já completaram uma parte do estudo das conjunções. No ano de 2011, a doutorada Maria do Carmo Oliveira, da Universidade de Porto, investigou a possibilidade de repetição da conjunção coordenativa por alunos do 7.º ano de escolaridade. Deste modo, pediu a cada respondente do seu projeto que construísse oito frases, e que utilizasse diferentes conjunções coordenativas em cada frase.

A investigadora descobriu que *e*, *mas* e *porque* eram as três conjunções coordenativas mais frequentemente ocorridas, *todavia* não sendo o caso. *Por isso* e *logo* são duas conjunções conclusivas que os inquiridos optaram sobretudo por utilizar. Alguns respondentes usaram a conjunção coordenativa adversativa *mas* várias vezes na mesma frase. Em suma, concluiu que os respondentes, ou seja os falantes nativos, são capazes de aplicar adequadamente as conjunções coordenativas, mas apresentam alguma incapacidade na manipulação de estruturas complexas que envolvam coordenação frásica com reiteração da conjunção.

A aquisição de conjunções subordinativas por falantes nativos não é isenta de problemas. Betoni (2008) deparou-se com o facto de que muitos alunos não reconhecem as funções do *se* e *que*, ou sabem sequer distinguir um pronome de uma conjunção. Embora os alunos já tenham estudado os conteúdos sintáticos ao chegar à universidade, as dificuldades de análise permanecem.

Por fim, T. P. de Oliveira (2014) e Secco (2010) , discutindo a classe das conjunções, consideram que as conjunções não são uma classe fechada, sendo antes uma classe aberta de palavras.

2.2. A aquisição das conjunções portuguesas por aprendentes de LE

2.2.1. Língua estrangeira (LE)

A língua estrangeira (LE) é uma língua não comumente falada no país do falante. Na perspetiva do ensino/aprendizagem, é aprendida em ambientes destinados à sua lecionação, como cursos ministrados em escolas de línguas, no ensino secundário ou e em universidades.

Deve ser estabelecida uma distinção definida entre LE e L2. Na aquisição da LE, a imersão na língua é muito menor do que numa segunda língua. Os alunos só são expostos à língua durante as aulas e praticam o diálogo com os professores e colegas, portanto trata-se de ocasiões limitadas. Para melhorar os seus conhecimentos, procuram oportunidades para praticar a língua que estão a aprender.

Na literatura sobre o ensino de línguas estrangeiras, os termos L2 e LE são utilizados de uma forma bastante confusa. Nos últimos anos, o termo “LE” tem sido empregue. O termo “L2” também tem sido usado, mas o que costuma surgir em abundância é “L2/LE”. Stern (1983, p. 15) considerou a L2 e a LE como sinónimos. Rod Ellis, um forte defensor da L2, crê ainda que o uso dos dois termos está descoordenado (1999, p. 12). O autor argumenta que a natureza da L2 está longe de ser clara e tem sido interpretada de forma diferente por diversos investigadores. A L2 possui por regra geral um estatuto oficial e uma função social reconhecida no local onde é aprendida, ao contrário de que a LE não o tem; a aprendizagem de uma segunda língua é geralmente realizada no âmbito de participar plenamente na vida política e económica do país, enquanto a aprendizagem de uma LE é usualmente feita para viajar, para comunicar com falantes nativos da língua, ou até mesmo para ler literatura estrangeira ou documentos científicos e técnicos.

2.2.2. A aquisição das conjunções portuguesas por aprendentes de LE

Em contraste com a vasta quantidade de estudos dedicados ao desenvolvimento, distribuição e utilização de conjunções por aprendentes de outras línguas, uma escassez de estudos

pertinentes, particularmente sobre aquisição das conjunções por alunos chineses, tem sido conduzida no campo da aquisição do PLE.

Português para Ensino Estrangeiro (Ye, 2009) é o primeiro livro didático introduzido à maioria dos alunos chineses que aprendem português. Há dois volumes deste livro, sendo que os estudantes do primeiro ano universitário os utilizam. A conjunção copulativa *e* é a primeira conjunção que aparece na Unidade 1. *Ao passo que, como, enquanto, mas, no entanto, porque, quando, se, caso, contudo, embora, entretanto, senão e uma vez que* também são as conjunções que necessitam de ser dominadas ao estudar estes dois volumes do livro. Podemos encontrar tanto conjunções coordenativas como conjunções subordinativas entre estas conjunções, o que significa que os estudantes chineses encontram ambos os tipos de conjunções no primeiro ano. A partir do segundo ano, os alunos começam a aprender sistematicamente a gramática portuguesa. Existem disponíveis livros de gramática escritos por professores chineses, entre eles *Gramática da Língua portuguesa* (S. Wang & Lu, 2014), que introduz concisamente a sintaxe e a morfologia da língua portuguesa. Deste modo, os alunos adquirem conhecimentos sobre a classe de conjunção.

Yang Wang (2014) acredita que os substantivos são mais facilmente ensináveis do que os verbos, as conjunções ou os advérbios, pois termos concretos costumam ser mais acessíveis do que termos abstratos. Por exemplo, não há tanto esforço a ensinar o sentido de uma palavra como *bicicleta* do que de uma palavra como *embora* (p. 54).

Quando aprendem uma língua estrangeira, os estudantes chineses deparam-se certamente com algumas falhas. Nos últimos anos, alguns estudiosos identificaram as dificuldades que alguns estudantes chineses encontram quando aprendem conjunções portuguesas. Ran Mai (2006) resumiu alguns dos erros que os alunos chineses cometem quando usam conjunções. Um caso destes na língua chinesa é a ausência de uma conjunção equivalente a *nem* para representar uma ideia negativa. Tal função pode ser assumida pela conjunção “和 ^{hé} (e)”. Portanto, quando os alunos escrevem uma frase com a ideia negativa para ligar dois substantivos, pronomes ou locuções, alguns deles ainda optam por usar *e*. A investigadora também julga que, entre todas as conjunções causais, os alunos chineses usam *porque* e *como* com mais frequência.

Sun (2012) vê que alguns alunos chineses não tomam a conjunção comparativa *como se* no seu conjunto.

- Eles são inteligentes, mas muitas vezes respondem *como se* não ✓ compreendessem nada.

Eles são inteligentes, mas muitas vezes respondem *como se* não *compreendem* nada

O autor considera que os alunos que escrevem a segunda resposta se centram na comparação, resultando no esquecimento da conjunção condicional *se*. Concluiu-se que os alunos não compreendem bem o significado de *como* e *como se*. *Como* é uma conjunção para fazer comparações comuns e reais, *como se* é uma conjunção que introduz uma comparativa irreal e hipotética. Em português, quando se usa a expressão *como se*, é obrigatório empregar o Pretérito Imperfeito do Conjuntivo para indicar que o facto expresso na oração comparativa não passa de uma hipótese.

Capítulo 3. Análise dos resultados

No capítulo anterior, discutimos sobre a morfologia e a sintaxe das conjunções em português e em chinês. No presente capítulo, vamos analisar os resultados dos inquéritos aos alunos chineses sobre a sua aprendizagem das conjunções portuguesas, no intuito de descobrir as dificuldades que os alunos chineses experienciam com o seu uso. Duas turmas foram selecionadas para este inquérito. Relativamente aos dados obtidos, estes serão exibidos a partir de gráficos, apresentando desta forma uma análise mais objetiva. Estes dados são considerados como a base para compreender os erros, assim como os problemas mais comuns na utilização de conjunções portuguesas por estudantes chineses.

3.1. Apresentação do inquérito

Este inquérito pretende identificar e analisar os principais problemas e dificuldades dos alunos chineses em aprender e utilizar as conjunções portuguesas. O inquérito foi distribuído no início de fevereiro de 2021, destinado a dois grupos de estudantes chineses que frequentam unidades curriculares no Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro e 4 alunos que frequentam cursos na Universidade de Lisboa. Entre os inquiridos, 22 são alunos do terceiro ano da licenciatura que fazem intercâmbio na Universidade de Aveiro, 18 são do primeiro ano do mestrado da mesma universidade, e 4 alunos frequentam o curso de mestrado de Língua portuguesa Estrangeira na Universidade de Lisboa. A fim de facilitar o processo de análise e comparação, designamos o grupo dos alunos da licenciatura como grupo A, o grupo dos alunos do mestrado como grupo B.

O inquérito é composto por duas partes. A primeira parte consiste em seis perguntas sobre as informações pessoais que caracterizam os inquiridos. As seis perguntas compreendem a idade, o sexo dos inquiridos, quantos anos tinham estudado português, os seus níveis de português, se aprendem ou aprenderam português num país lusófono, e que aspetos consideram difíceis ao aprenderem conjunções de português.

Em relação à segunda parte, esta tem cinco tipos de exercícios relacionados com a aplicação das conjunções.

O primeiro exercício apresenta sete frases. Cada frase está incompleta e é esperado que seja preenchida com conjunções apropriadas, de modo que a frase seja coerente. Os alunos

precisavam primeiro de compreender o significado da frase e depois de preencher as conjunções. Este exercício consiste em verificar se os estudantes podem utilizar corretamente as conjunções, avaliar com que frequência as utilizam e se existem conjunções que os estudantes chineses preferem servir-se.

No segundo exercício, existem quatro tarefas, cada uma com duas frases que precisam de serem conectadas com conjunções. Este exercício continua a explorar que conjunções são normalmente utilizadas pelos estudantes. Também se procurou perceber se os respondentes estavam conscientes da necessidade de adequar o modo e o tempo do verbo em algumas orações subordinadas iniciadas por conjunções.

No terceiro exercício, atribuem-se quatro opções com conjunções em posições diferentes para cada frase; embora algumas possam parecer idênticas, só há uma opção correta. Este exercício foi concebido para examinar a diferença entre duas conjunções semelhantes.

No quarto exercício, exige-se que os alunos completem a coluna B de acordo com a coluna A, segundo a classificação das conjunções. Para completar corretamente a tarefa, os estudantes devem saber exatamente a que classificação cada conjunção pertence, ainda que possam também inferir a resposta com base no significado da frase.

No último exercício são apresentadas tarefas de tradução, nas quais os estudantes chineses têm de traduzir de mandarim para português. Para obter um resultado comparável em função da diversidade de alunos, as frases dadas não são extensas e o vocabulário é suposto ser simples. Este exercício testou a competência geral dos inquiridos, que precisavam de prestar atenção à utilização de conjunções corretas, ao tempo da frase e à coerência do significado com o original.

O inquérito foi planeado para demorar cerca de 20 minutos a completar. A fim de obter resultados imparciais, foi solicitado aos inquiridos que não recorressem ao uso de materiais de referência, tais como dicionários e livros. Todas as perguntas e respostas dos inquéritos foram feitas em português. De forma a evitar que algumas perguntas fossem difíceis de compreender pelos inquiridos, o título de cada pergunta é complementado com uma tradução chinesa. Na expressão das perguntas, houve o cuidado de utilizar uma linguagem concisa e simples para que os inquiridos entendessem rapidamente o propósito de cada pergunta. É de

salientar que, devido à pandemia do Covid-19, todos responderam aos inquéritos eletrónicos em casa nos seus computadores ou telemóveis.

A seguir, os dados dos inquéritos serão apresentados em detalhe.

3.2. Análise da primeira parte do inquérito

3.2.1. A idade e o sexo dos inquiridos

Os inquiridos eram todos estudantes de nacionalidade chinesa. A sua língua materna é o chinês, sem qualquer exceção. Esta secção apresenta a idade e o sexo dos inquiridos - como se mostra abaixo.

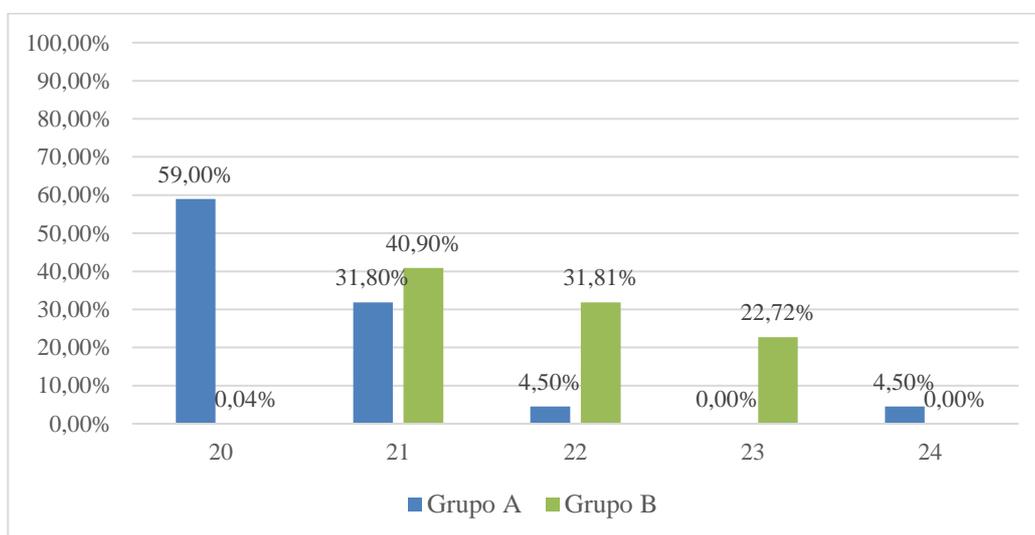


Gráfico 1- Idade dos inquiridos

No que diz respeito à idade, todos os participantes têm entre 20 e 24 anos. No grupo A, 59% dos alunos tem 20 anos, 32% tem 21 anos, 4,5% tem 22 anos e 4,5% tem 24 anos. Quanto ao grupo B, 0,04% dos alunos tem 20 anos, 40,90% dos alunos tem 21 anos, 31,81% dos alunos tem 22 anos e 22,72% dos alunos tem 23 anos.

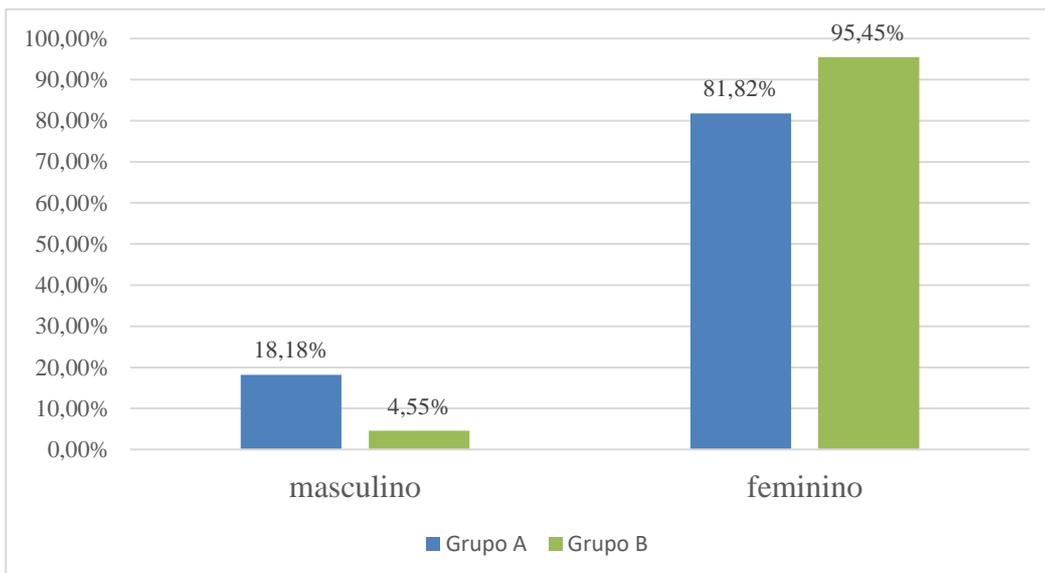


Gráfico 2- Sexo dos inquiridos

Em relação ao sexo, tal como apresentado no gráfico 2, a maioria dos dois grupos é do sexo feminino (81,82% e 95,45%). Estes dados demonstram que, no curso da Língua portuguesa, a generalidade dos alunos é representada por raparigas.

3.2.2. Há quantos anos aprende português

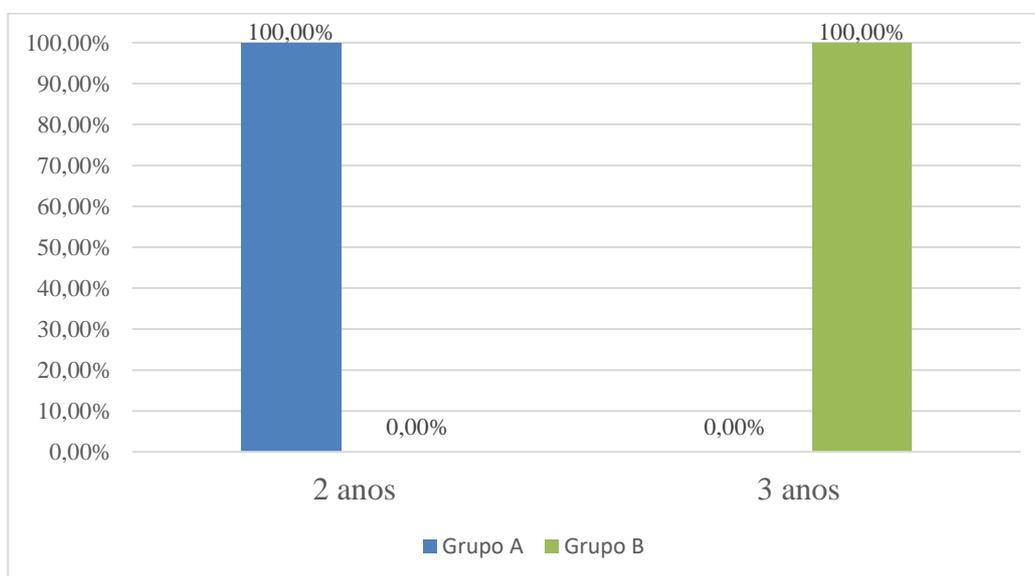


Gráfico 3- Há quantos anos aprende português

O Gráfico 3 indica que todos os alunos do grupo A aprendem português há 2 anos e os alunos do grupo B aprendem há 3 anos. Todos os inquiridos começaram a aprender português depois de entrar na universidade.

3.2.3. O nível de proficiência de português

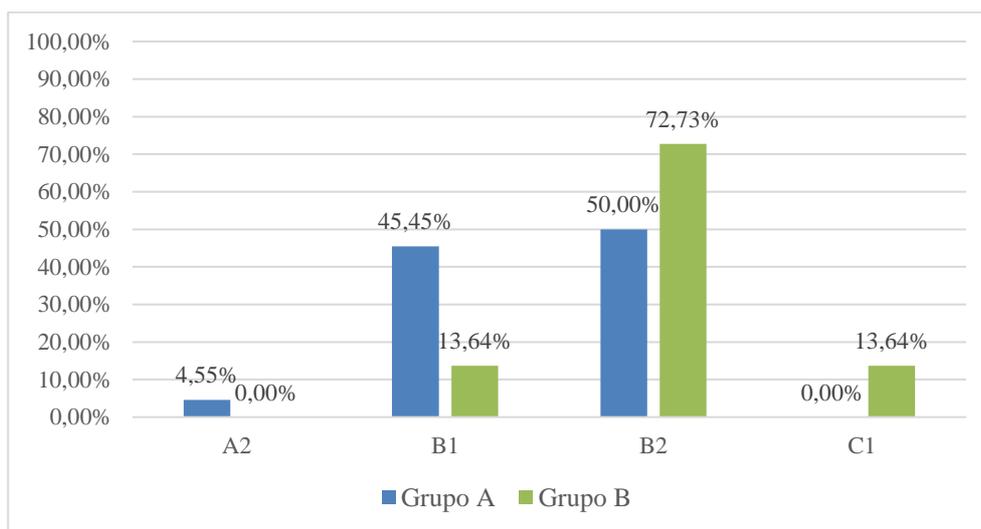


Gráfico 4- O nível de proficiência de português

Como pode ser visto no Gráfico 5, o nível de proficiência de português da maioria dos alunos do Grupo A está concentrada em B1 (45,45%) e B2 (50%). A maior proporção do grupo B é B2 (72,73%), para além de alguns em B1(13,64%) e C1 (13,64%). Expostos estes números, conclui-se que o nível global de proficiência de português no grupo B é mais elevado do que no grupo A.

3.2.4. Aprende ou aprendeu português em países lusófonos

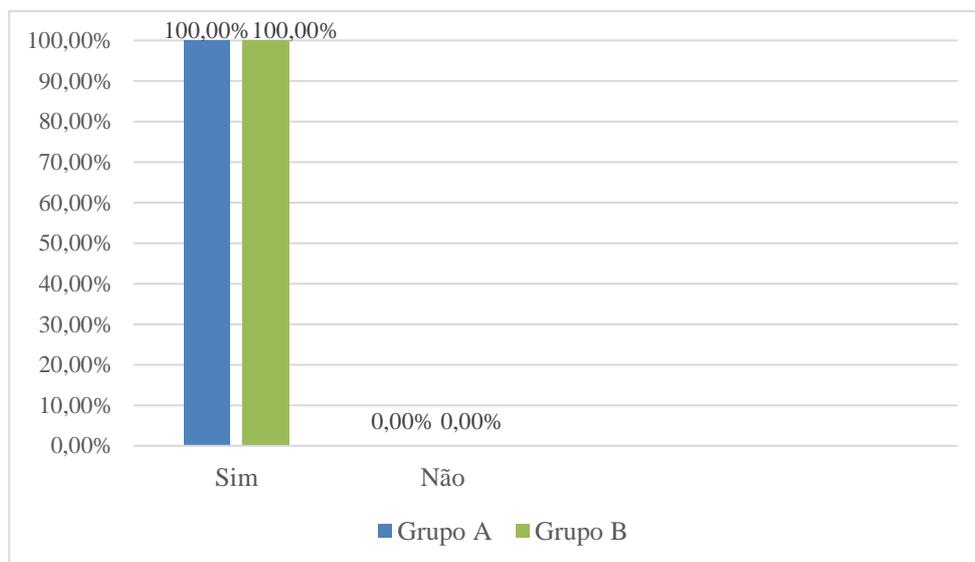


Gráfico 5- Aprende ou aprendeu português em países lusófonos

Todos os inquiridos têm experiências de aprender português em países lusófonos.

3.2.5. Os aspetos que consideram mais difíceis na aprendizagem de conjunções

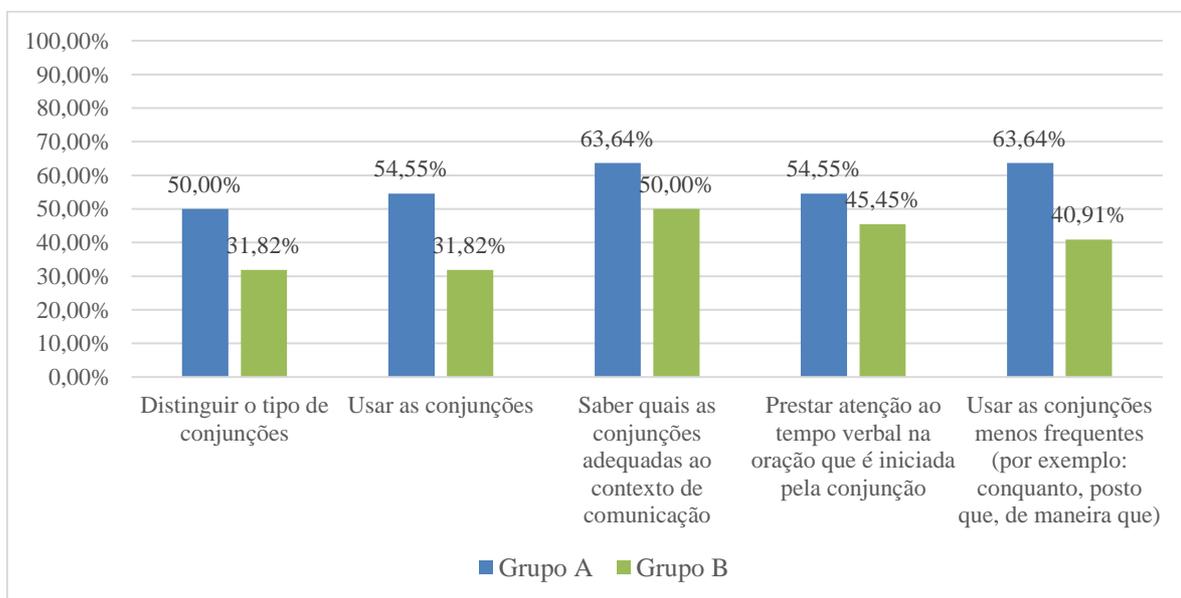


Gráfico 6- Os aspetos mais difíceis na aprendizagem de conjunções

De acordo com o Gráfico 6, podemos observar as dificuldades encontradas pelos inquiridos na aquisição de conjunções portuguesas. Distinguir o tipo de conjunções refere-se ao facto

de os estudantes saberem exatamente como diferenciar os tipos de conjunções, tais como conjunções concessivas, aditivas, e adversativas, etc. Obviamente, o grupo A (50%) teve mais dificuldades do que o grupo B (31,82%) a este respeito. Não obstante, o valor para o grupo B também não é baixo, indicando que os estudantes chineses ainda têm problemas em distinguir entre os tipos de conjunções.

Relativamente ao uso de conjunções, este ponto refere-se a se os estudantes chineses usam conscientemente conjunções na sua fala ou escrita. A fim de expressar as intenções e pensamentos de forma coerente, nem sempre se recorre a frases curtas para comunicar. Na verdade, a utilização de conjunções para ligar duas orações e dois parágrafos pode tornar a comunicação mais fluida. 54,55% dos alunos do grupo A e 31,82% dos alunos do grupo B consideram este aspeto difícil. Este aspeto é também parte integrante do estudo da aquisição de conjunções portuguesas por os alunos chineses.

Identificar qual a conjunção adequada ao contexto de comunicação é fundamental. Quando se usam conjunções erradas, a frase pode não fazer sentido ou pode até expressar o significado oposto. Os dois grupos encontraram os maiores problemas nesta área (63,64% e 50%). Saber utilizar as conjunções corretamente requer que os estudantes dominem ambos os aspetos anteriores, bem como uma compreensão do significado da frase. Isto exige, portanto, uma combinação de competências.

Prestar atenção ao tempo verbal numa oração iniciada pela conjunção é particularmente difícil para os estudantes chineses. Levando em consideração que os verbos chineses não têm conjugação, o tempo e o aspeto de uma ação podem ser indicados de forma analítica, através de advérbios, partículas aspetuais ou contexto. Por isto mesmo, ao utilizar algumas conjunções, tais como a conjunção concessiva *embora*, a conjunção condicional *se*, etc., o verbo precisa de ser conjugado no futuro, que é um problema recorrente dos estudantes chineses. 54,55% dos alunos do grupo A e 45,45% dos alunos do grupo B encontram dificuldades neste assunto.

Optar por conjunções menos frequentes foi também um dos aspetos mais difíceis para os alunos do grupo A (63,64%). Os estudantes do grupo B (40,91%) tinham muito menos respostas nesta área do que o grupo A. Os estudantes chineses tendem a usar conjunções simples, tais como, *mas*, *e*, *por isso*, etc., quando escrevem e falam, característica esta que

pode ser justificada pela escassez de vocabulário ou por não serem proficientes suficientemente na língua.

3.3. Análise da segunda parte do inquérito

Esta parte inclui exercícios para avaliar o domínio dos alunos chineses sobre as conjunções portuguesas. Para facilitar a recolha de conclusões, os dados quantitativos são apresentados sob a forma de gráficos. Uma vez que os inquiridos do grupo B têm vindo a aprender português há mais tempo do que o grupo A, prevemos aqui que a taxa média das respostas corretas no grupo B será mais elevada do que no grupo A.

3.3.1. Exercício 1

O exercício 1 é composto por sete perguntas que se destinam a utilizar corretamente as conjunções e calcular com que frequência as utilizam.

Exercício 1: **Complete as seguintes frases com conjunções adequadas.** 用适当的连接词完成句子。

1.1 _____o Sr. Nunes vai ficando mais velho, vai perdendo a memória. Hoje já não se recorda de muitos dos colegas.

A solução de exercício 1.1 é Como ou À medida que

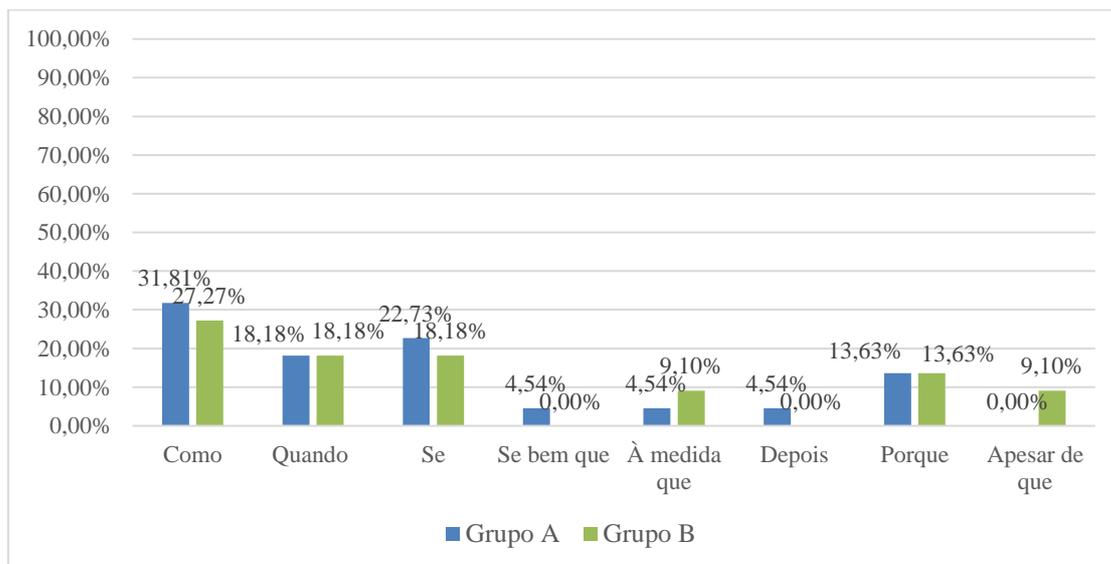


Gráfico 7- Dados relativos ao exercício 1.1

Com esta pergunta, temos o objetivo de perceber a utilização de conjunções temporais. Os inquiridos preencheram um total de oito respostas, duas das quais estavam corretas: *Como* e *À medida que*. O maior número de pessoas em ambos os grupos preencheram *Como*, 31,81% no grupo A e 27,27% no grupo B. O número de pessoas a preencher *À medida que* é baixo, com apenas 4,54% no grupo A e 9,10% no grupo B.

Os erros mais frequentes são *Se* (22,73% e 18,18%), *Quando* (18,18% e 18,18%) e *Porque* (13,63% e 13,63%). Ademais, *Se bem que* e *Apesar de que* explicam que 4,45% e 9,10% dos dois grupos usaram a conjunção errada. 4,54% dos alunos do grupo A não usaram a conjunção.

A partir dos dados acima revelados, podemos concluir que quando os alunos chineses procuram expressar o sentido de proporcionalidade, *como* é mais comum do que *à medida que*. Porém, na realidade *como* é pouco frequente neste contexto. As orações descrevem um processo que dura no tempo, por isso a ideia de *a medida que* é mais coerente. Ambos os grupos tinham números iguais de uso incorreto de conjunções, são 59,09%. Isto indica que conjunções que expressam proporções é ainda um conceito difícil para aqueles que aprenderam português, independentemente do tempo de estudo.

1.2 Tudo foi planeado _____ não houvesse falhas (疏漏) .

A solução de exercício 1.2 é *para que* ou *a fim de que*.

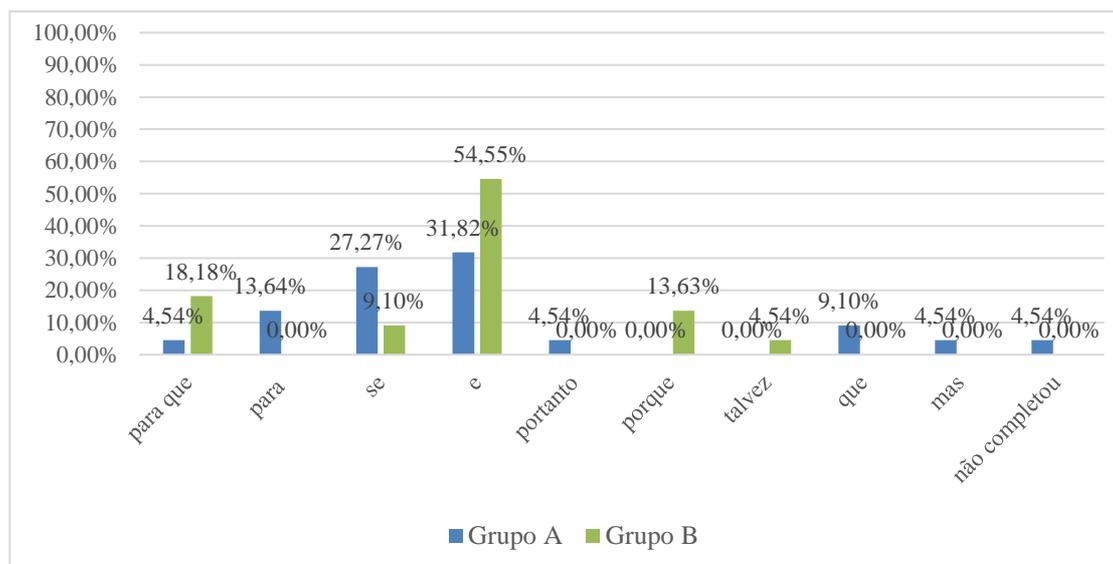


Gráfico 8- Dados relativos ao exercício 1.2

O exercício 1.2 visa conhecer o domínio da conjunção final. Existem nove tipos de respostas e um inquirido não respondeu. A percentagem de respostas corretas para esta pergunta é baixa, com apenas 4,54% no grupo A e 18,18% no grupo B.

Entre as respostas erradas, *e* ocupava a maior proporção. Cometem este erro por duas razões. A primeira é porque o respondente é influenciado pela estrutura da língua chinesa. Ao contemplar as escolhas disponíveis, assumiram que uma conjunção aditiva podia ser preenchida aqui no sentido de “Tudo foi planeado e não houve falhas.一切都计划好了, 并且没有疏漏。”. Optaram por esta resposta porque não repararam que o verbo *haver* na oração subordinada está no pretérito imperfeito do conjuntivo, já que tanto *houvesse* como *houve* têm a mesma forma em chinês. A segunda é que o livro gramatical afirma que *e* pode ser usado para expressar a finalidade. Mais de metade do número de pessoas do grupo B (54,55%) e 31,82% do grupo A escolheram esta resposta. Todas as outras conjunções incorretas (*se, portanto, porque, talvez, que* e *mas*) não correspondem ao significado desta frase. Entre os estudantes do grupo A, 13,64% das respostas a esta pergunta não eram conjunções, preencheram *para*. Compreenderam exatamente que a palavra nesta posição se destinava a transmitir a finalidade, mas *para* é uma preposição, o que implica que o verbo que se segue precisa de ser um infinitivo.

Nesta pergunta, a generalidade das pessoas cometeu erros porque não reparou no tempo verbal na oração subordinada e equivocou-se no significado da frase. Adicionalmente, percebemos que ninguém escreveu a resposta *a fim de que*, o que significa a mesma coisa que *para que*.

1.3 _____ me agrada, não vou comprar o vestido.

A solução de exercício 1.3 é *Embora, Se bem que, Mesmo que* ou *Ainda que*.

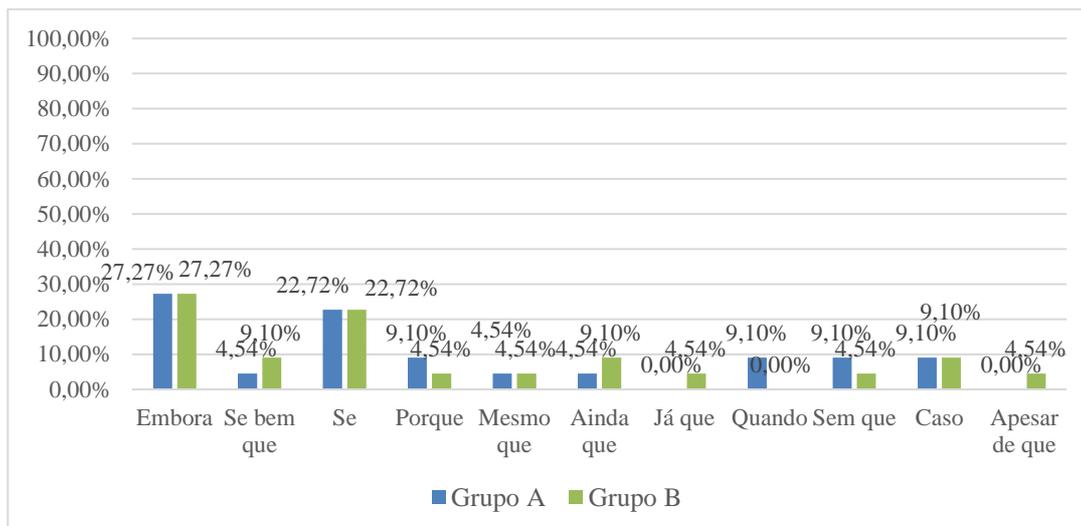


Gráfico 9- Dados relativos ao exercício 1.3

Aqui é esperado que os inquiridos completem a frase com uma conjunção concessiva. A resposta tem múltiplas possibilidades. 35,89% dos inquiridos do grupo A e 54,55% do grupo B responderam corretamente.

Entre as respostas corretas, o maior número dos alunos respondeu *Embora* com 27,27%. As respostas dos 4,54% dos alunos do grupo A e 9,10% dos alunos do grupo B são *Se bem que*. As respostas dos 4,54% dos alunos dos dois grupos são *Mesmo que*. 4,54% dos alunos do grupo A e 9,10% dos alunos do grupo B acham que *Ainda que* é a escolha correta. Além disso, a resposta para um pequeno número de pessoas é *Apesar de que*, e esta também é certa. Esta conjunção é de uso reduzido no português de Portugal mas é muito mais frequente no português do Brasil.

Entre as respostas incorretas, *Se* corresponde à taxa mais alta (22,72%). As outras opções, *Caso*, *Sem que* são conjunções condicionais como *Se*. A conjunção e a locução conjuncional causal *Porque* e *Já que* e a conjunção temporal *Quando* também apareceram nas respostas. A oração subordinada desta frase pretende admitir um fato contrário à ação principal; por este mesmo motivo, estas conjunções não são coerentes com o sentido da frase.

O gráfico 9 revela que os alunos do grupo A não foram muito competentes na aplicação da conjunção concessiva, atendendo ao facto de apenas cerca de metade dos alunos do grupo B responderam corretamente. Quando os alunos usam as conjunções concessivas, há uma preferência pelo *embora*.

1.4 _____ tivesse dinheiro, trocava o carro.

A solução de exercício 1.4 é *Se* ou *Caso*.

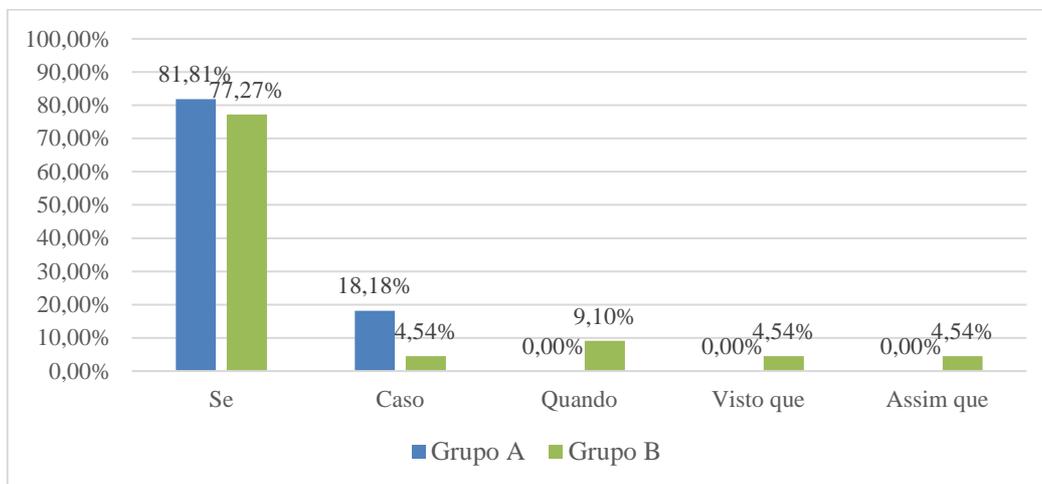


Gráfico 10- Dados relativos ao exercício 1.4

A primeira oração deve ser uma oração subordinada adverbial condicional, sendo que o espaço é suposto ser preenchido com conjunções condicionais. Esta pergunta resultou numa taxa de respostas corretas elevada, com 100% no grupo A e 81,81% no grupo B. Entre as corretas, preferem-se *Se* (81,81% e 77,27) e *Caso* (18,18% e 4,54%).

Surpreendentemente, os estudantes que erraram nesta pergunta foram os do grupo B. As suas respostas foram *Quando* (9.10%), *Visto que* (4.54%) e *Assim que* (4.54%). O modo do verbo da oração subordinada nesta frase é o pretérito imperfeito do indicativo e o modo do verbo da oração principal é o pretérito imperfeito do conjuntivo. Dito isto, para expressar uma situação contrária ao pressuposto pelo verbo da oração subordinada é preciso recorrer à conjunção condicional no início da frase. Ao optarem por estas três conjunções erradas, a frase não fará sentido.

Com os dados do gráfico 10, podemos observar que os estudantes têm uma boa compreensão da aplicação das conjunções condicionais e usam *se* com maior frequência do que *caso*.

1.5 Ele está doente, _____ não veio à aula.

A solução de exercício 1.5 é *por isso*, *portanto* ou *pois*.

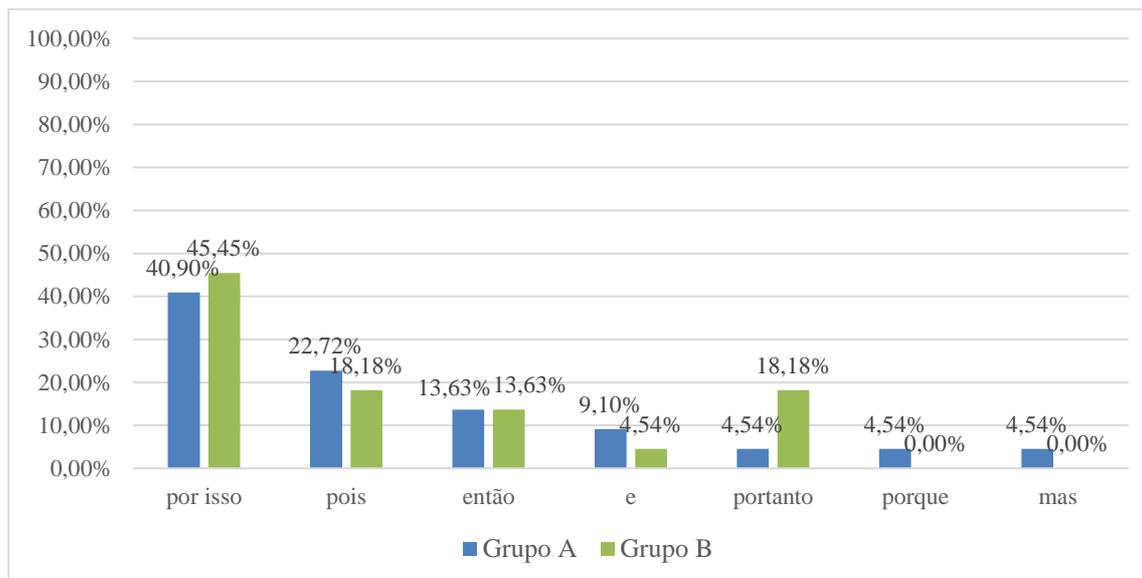


Gráfico 11- Dados relativos ao exercício 1.5

O espaço em branco desta pergunta deve ser preenchido pela conjunção conclusiva. 68,16% dos alunos do grupo A e 81,81% dos alunos do grupo B responderam a esta pergunta corretamente.

Entre as respostas corretas, as taxas de *por isso* nos dois grupos são mais altas, são 40,90% no grupo A e 45,45% no grupo B. Seguido de *pois*, 22,72% dos alunos do grupo A e 18,18% do grupo B optaram por esta palavra. Os alunos do grupo B (18,18%) que utilizaram, *portanto*, são mais do que grupo A (4,54%), o que indica que esta conjunção é usada principalmente por alunos que estudaram português mais tempo.

Então, *e*, *porque* e *mas* são respostas erradas. Entre as respostas erradas, contamos o advérbio *então*. Ao usá-lo, a frase é coerente, mas a pergunta pede que seja completada com uma conjunção, o que indica que a palavra não se enquadra na categoria. *Porque* é uma conjunção causal, *e* uma conjunção aditiva e *mas* é uma conjunção adversativa. Com base no conteúdo conhecido da frase, podemos inferir que a segunda oração é uma consequência da primeira, pelo que estas três conjunções são inadequadas.

A partir do gráfico 11, podemos constatar que a maioria dos estudantes selecionaria *por isso* ao utilizar as conjunções conclusivas. Não obstante, os alunos do grupo B demonstraram ter melhor compreensão das conjunções conclusivas do que o grupo A. Há pessoas em ambos os grupos que consideram *então* como uma conjunção.

1.6 Eles devem estar a dormir, _____ não ouço barulho nenhum.

A solução de exercício 1.6 é *porque, pois ou porquanto*.

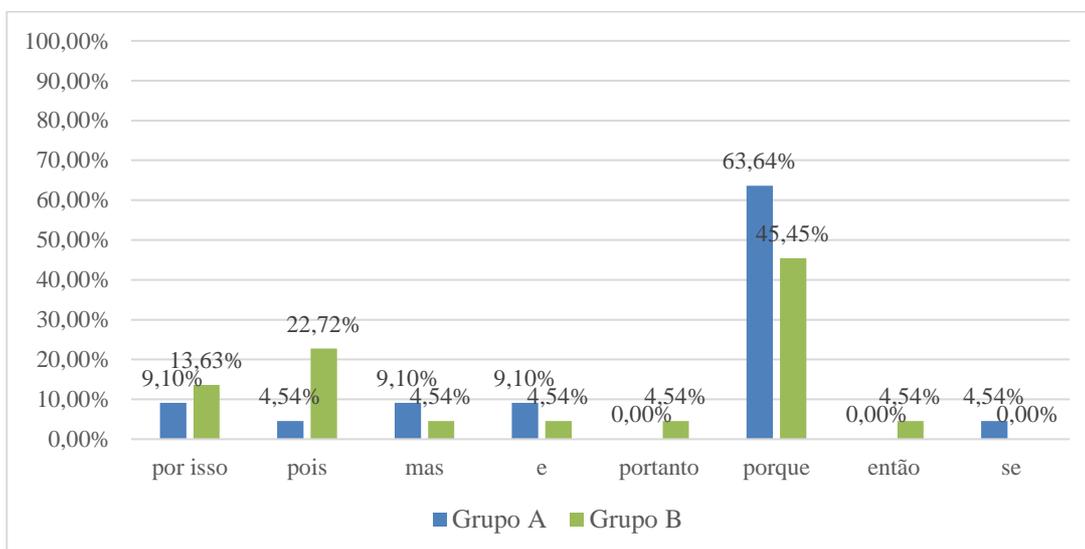


Gráfico 12- Dados relativos ao exercício 1.6

A resposta a esta pergunta deve ser a conjunção explicativa: *porque, pois ou porquanto, não ouço barulho nenhum* explica porque penso que *eles devem estar a dormir*. 68,18% dos alunos do grupo A e grupo B responderam corretamente.

A maior percentagem concentra-se no *porque*, onde encontramos 63,64% dos alunos do grupo A e 45,45% dos alunos do grupo B. 4,54% dos alunos do grupo A e 22,72% dos alunos do grupo B preencheram *pois*, números claramente inferiores à taxa de *porque*.

O maior número de respostas incorretas foi *por isso*. As pessoas que escolheram esta resposta enganaram-se na relação entre a oração principal e a oração subordinada. Nesta frase, a oração subordinada não é o resultado da oração principal, mas sim a explicação. Os alunos que preencheram *portanto* cometeram o mesmo erro. Relativamente a outras conjunções (*mas, e, e se*), estas também não se inserem bem na frase. A palavra *então* é advérbio, logo não se relaciona com o propósito deste estudo.

A taxa de acerto nesta pergunta sugere que os inquiridos aprenderam os conteúdos previstos nos programas. Contudo, alguns estudantes ainda confundem a conjunção conclusiva com a conjunção explicativa.

1.7 A criança _____ chora, _____ ri.

A solução de exercício 1.7 é nem...nem, ora...ora, às vezes...às vezes.

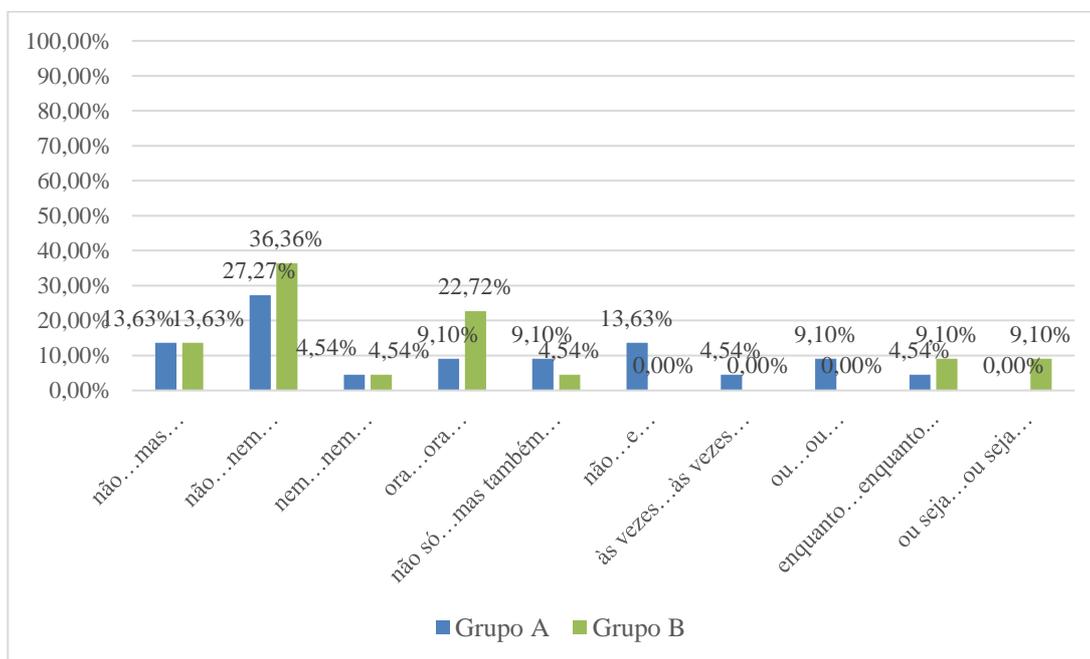


Gráfico 13- Dados relativos ao exercício 1.7

Esta pergunta examina o uso de conjunções disjuntivas. 18,14% dos alunos do grupo A e 27,26% dos alunos do grupo B estavam corretos.

Entre as respostas corretas, a locução conjuntiva *nem...nem* é escolhida por 4,54% dos inquiridos. O número de *ora...ora* ocupa a segunda posição, apesar da clara disparidade entre as percentagens do grupo A e B. Só 4,54% dos alunos do grupo A escreveram *às vezes...às vezes*. Podemos averiguar que os dois componentes que as conjunções ligam na frase são mutuamente exclusivos nos seus significados, pelo que se deve aplicar uma conjunção disjuntiva para fazer as escolhas.

Em relação às respostas erradas, a taxa de *não...nem* é mais alta (27,27% e 36,36%). Apesar de os alunos reconhecerem que o uso de *nem* exige um *não* na frase, as gramáticas normativas não classificam *não...nem* como locução. A locução conjuntiva *não só...mas também* é classificada como locução conjuntiva aditiva, porém a sua utilização é muito inadequada nesta frase. As respostas *não...e* foram preenchidas pelos 13,63% dos alunos do grupo A. Pode-se considerar um erro típico chinês. Na língua chinesa, não há equivalente da

conjunção *ou* para frases negativas, sendo que esta função pode ser assumida pela conjunção 和 ^{hé} (*e*). Por isso, alguns alunos sentiram-se inclinados a escolher *não...e* para expressar a escolha negativa. A locução conjuntiva *ou...ou* também não é coerente na frase em questão. Quanto às restantes três locuções, não são consideradas locuções conjuntivas.

Em resumo, apenas uma minoria dos inquiridos tinha dominado a utilização das conjunções disjuntivas. Cerca de 40% dos estudantes compreenderam o significado da frase, mas influenciados pelo chinês e pelo discurso coloquial, decidiram não usar locuções ou usaram locuções conjuntivas irregulares. Os restantes alunos não perceberam perfeitamente o significado da frase, o que resultou em respostas inadequadas ao sentido da frase.

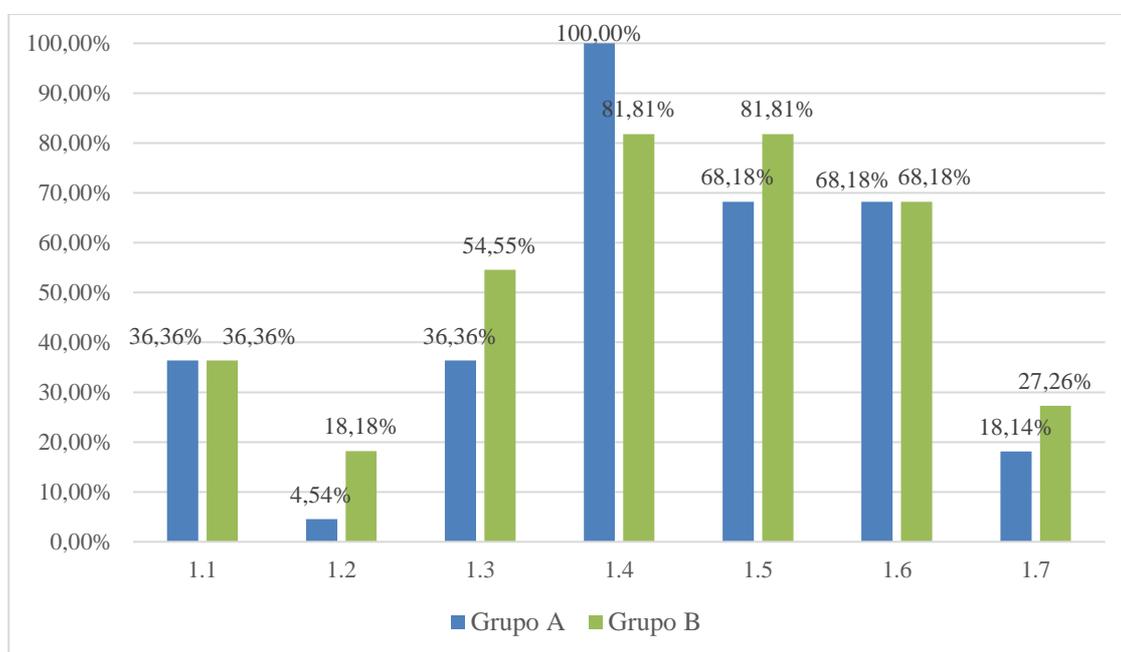


Gráfico 14- Taxas de respostas corretas no exercício 1

O gráfico acima expõe a percentagem de inquiridos que fizeram o exercício 1 corretamente. Com base nos dados do gráfico, constata-se que a pergunta d) foi a pergunta mais bem respondida pelos alunos, enquanto a pergunta b) foi a pior. Cada uma das sete perguntas do exercício 1 contém sete conjunções diferentes. Os inquiridos tiveram a maior dificuldade com a conjunção final. Aliás, o domínio dos estudantes nas conjunções comparativas (Exercício 1.1) e conjunções disjuntivas (Exercício 1.7) não foi positivo, mais de metade dos respondentes deu a resposta errada.

Entre as respostas incorretas dos inquiridos, resumimos várias dificuldades que os estudantes chineses encontraram na utilização de conjunções para este exercício. Podemos argumentar que alguns alunos não têm capacidade de utilizar as conjunções corretas para tornar as frases coerentes. Nas suas respostas, é evidente que algumas das conjunções preenchidas não são adequadas às frases e estas carecem de sentido. Uma possível razão para isto é que os alunos não sabem como cada conjunção deve ser utilizada e em que contexto. Alguns estudantes confundiram conjunções com advérbios, como *para* e *então*. Ambos são advérbios, mas os estudantes usaram-nos como conjunções. Podemos ainda mencionar a influência do chinês em alguns casos, ao fazer a ligação entre as orações. Por vezes, esta influência pode ter um impacto negativo na expressão em português.

Geralmente, este exercício reflete que os alunos mais avançados percebem as conjunções melhor do que os alunos iniciantes. Todavia, ambos os grupos cometeram erros de diversos tipos neste exercício. Os alunos chineses precisam de estudar o uso das conjunções com mais atenção, a fim de adquirir capacidades de produzir frases de forma clara e sucinta.

3.3.2. Exercício 2

O exercício 2 é composto por 4 alíneas, cada uma com duas frases que devem ser ligadas com conjunções. O objetivo é conhecer a situação dos alunos no que respeita à aprendizagem das utilizações das conjunções, para que duas frases estejam coesas e coerentes. Recorrendo à transcrição de frases, conseguimos também perceber se os respondentes estavam conscientes da necessidade de mudar o modo do verbo em algumas orações subordinadas iniciadas por conjunções.

2.1 Não sei isto. Não sei aquilo.

A solução do exercício 2.1 é Não sei isto *nem* aquilo.

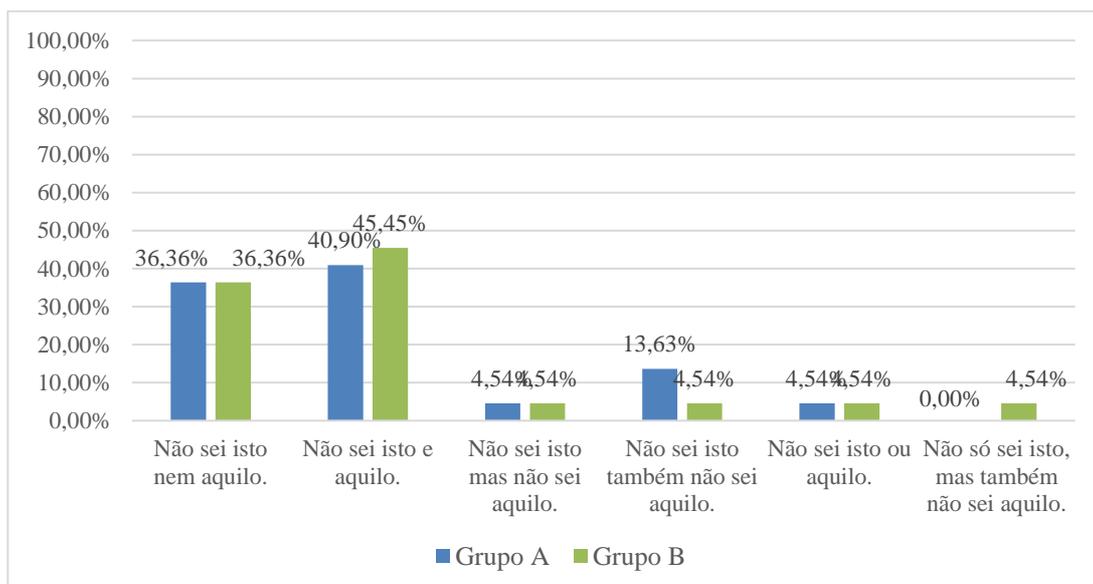


Gráfico 15- Dados relativos ao exercício 2.1

Esta pergunta visa investigar o uso de conjunções nas orações negativas. Segundo o gráfico 15, 36,36% dos alunos dos dois grupos responderam corretamente. No que concerne às opções erradas, a resposta *Não sei isto e aquilo.* ocupa o primeiro lugar. 13,63% dos alunos do grupo A e 4,54% dos alunos do grupo B preferiram o advérbio *também* para conectar duas frases. Para além destes, os estudantes também utilizaram as conjunções *ou*, *mas* e a locução conjuncional *não só... mas também*. Estas três conjunções não se traduzem em frases coerentes.

Ambos os grupos obtiveram o mesmo número de respostas corretas nesta pergunta. Podemos observar que o maior problema que os estudantes encontraram foi a confusão entre o uso da conjunção *e* e *nem*. Quando dois elementos coordenados surgem numa construção negativa, é necessário utilizar *nem* de forma a possibilitar a sua própria coordenação, uma vez que *e* coordena elementos em que haja valor positivo/afirmativo. A utilização de uma ou outra conjunção implicará estruturas de diferente valor semântico. Mais uma vez, aqui é manifestada a influência da língua chinesa. Em frases afirmativas ou negativas, está presente a mesma conjunção aditiva, que é o caso de 和 ^{hé} (*e*) quando se pretende ligar dois elementos na frase. Alguns alunos usaram o advérbio *também* para unir as duas frases. Seria aceitável a seguinte forma: *Não sei isto, mas também não sei aquilo.* Com *também*, sem *mas*, temos uma estrutura de parataxe, ou seja, são duas orações sem ligação conjuncional.

O resultado desta pergunta não é satisfatório. Quer seja no grupo de nível mais avançado ou iniciante na proficiência em Língua portuguesa, é irrefutável que há muitos estudantes que não compreenderam o uso da conjunção *nem*.

2.2 Entrei na sala. Vi que me tinha enganado.

A solução do exercício 2.2 é Mal/ Logo que/Assim que /Quando entrei na sala, vi que me tinha enganado. ou Entrei na sala e/mas vi que me tinha enganado.

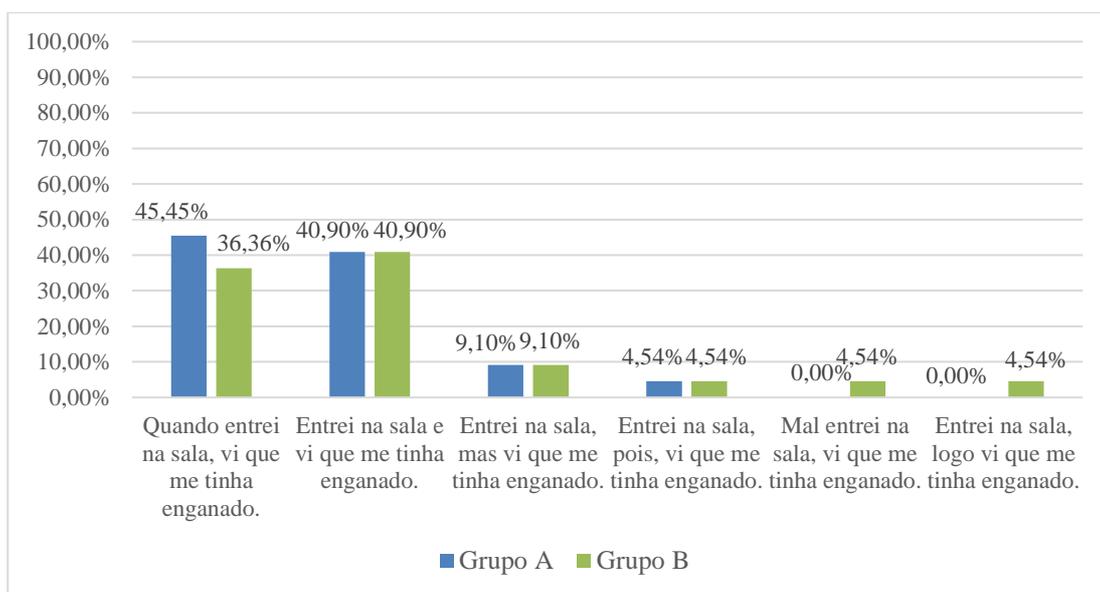


Gráfico 16- Dados relativos ao exercício 2.2

Para tornar as duas frases um todo coerente, precisamos de utilizar uma conjunção temporal que inicia uma oração e expressa circunstância de tempo. O gráfico 16 indica que as respostas de 95,45% dos alunos do grupo A e 86,36% dos alunos do grupo B são corretas. Quanto a essas respostas, 45,45% dos alunos do grupo A e 36,36% dos alunos do grupo B escolheram *quando* e 4,54% dos alunos do grupo B usaram *mal*. 40,90% dos alunos colocaram a conjunção aditiva *e* para fazer a transcrição das frases. Além disso, a conjunção adversativa *mas* foi utilizada por 9,10% dos alunos.

Quanto às respostas erradas, a conjunção conclusiva *pois*, usada por 4,54% dos alunos dos dois grupos, é um componente que não possibilita as duas orações tornarem--se coerentes. Outra resposta é o advérbio *logo*. Aqui não tem função conjuncional, significa *imediatamente*.

Podemos concluir que os resultados desta pergunta foram positivos, com a maioria dos inquiridos a responder corretamente. Aproximadamente metade dos alunos escolheram a conjunção temporal *quando* e *mal* para ligar as duas frases. O número de alunos que usam *quando* é superior ao número de alunos que usam *mal*. Isto significa que, no momento em que pretendem construir uma oração subordinada adverbial temporal, a conjunção mais adotada é *quando*.

2.3 Não apreciei o filme. Os atores e o realizador eram conhecidos.

A solução do exercício 2.3 é Não apreciei o filme, embora/ainda que/mesmo que/se bem que os atores e o realizador fossem conhecidos. ou Não apreciei o filme, mas/todavia os atores e o realizador eram conhecidos.

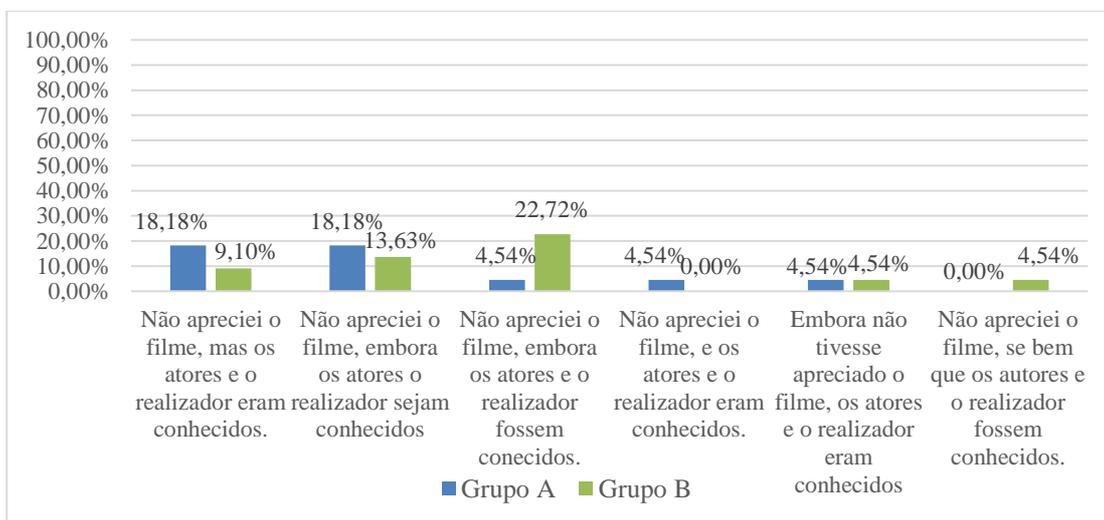


Gráfico 17- Dados relativos ao exercício 2.3

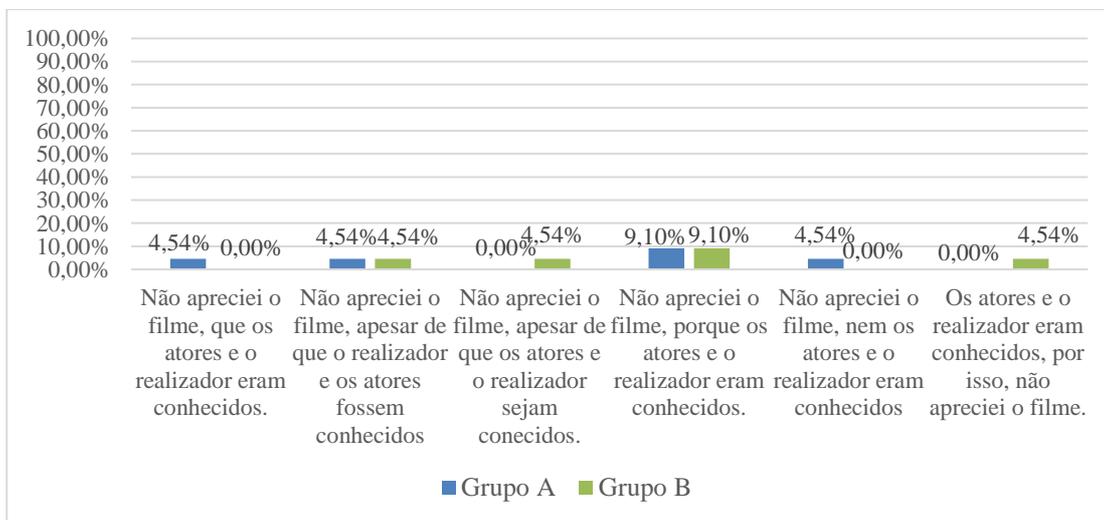


Gráfico 18- Dados relativos ao exercício 2.3

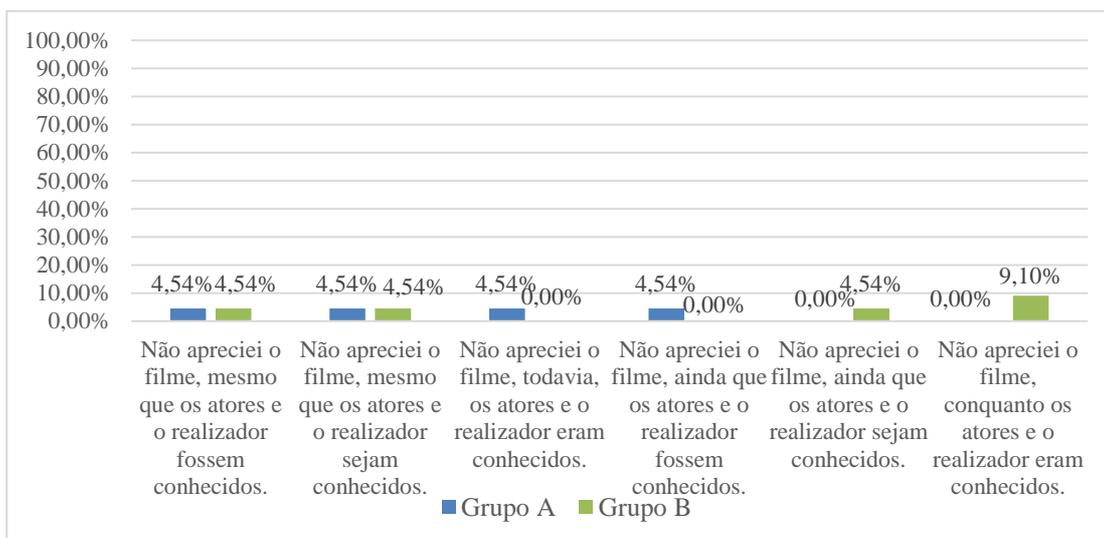


Gráfico 19- Dados relativos ao exercício 2.3

Os inquiridos deram muitas respostas diferentes a esta pergunta. Com o intuito de facilitar a apresentação de todos os dados, dividimo-los em três gráficos. As duas frases podem ser ligadas com as conjunções concessivas ou conjunções adversativas; porém, quando usamos as conjunções concessivas, temos de estar conscientes de que o tempo e o modo do verbo na oração subordinada devem estar no pretérito imperfeito do conjuntivo. 50% dos alunos do grupo A e 45,45% dos alunos do grupo B escreveram as frases corretas.

Os inquiridos utilizaram uma variedade de conjunções concessivas diferentes para responder a esta pergunta. *Ainda que, embora, mesmo que, se bem que, apesar de que e conquanto* estavam todas corretas. O número de alunos que optou por usar *embora* para conectar duas frases (22,72% dos alunos do grupo A e 36,36% dos alunos do grupo B) é maior. 22,72% dos alunos do grupo A e 9,10% dos alunos do grupo B serviram-se das conjunções adversativas, pelo que podemos confirmar que mais pessoas usaram *mas* do que *todavia*.

Adicionalmente, 22,72% dos alunos do grupo A e 36,36% dos alunos do grupo B utilizaram as conjunções corretas. Contudo, nas frases que escreveram, o modo e o tempo do verbo na oração subordinada não estavam corretos. 22,72% dos alunos do grupo A e 18,18% dos alunos do grupo B não optaram por conjunções adequadas para ligar as duas frases.

Metade dos inquiridos respondeu corretamente a esta pergunta. No que diz respeito ao uso de conjunções concessivas, o tempo e o modo do verbo na oração subordinada ainda são pormenores aos quais os alunos chineses devem prestar a atenção.

2.4 É uma ótima cidade para se visitar. Tem problemas terríveis de trânsito.

A solução do exercício 2.4 é É uma ótima cidade para se visitar, *ainda que* tenha problemas terríveis de trânsito. É uma ótima cidade para se visitar, *mas/porém* tem problemas terríveis de trânsito. ou É uma ótima cidade para se visitar, *se* não tiver problemas terríveis de trânsito.

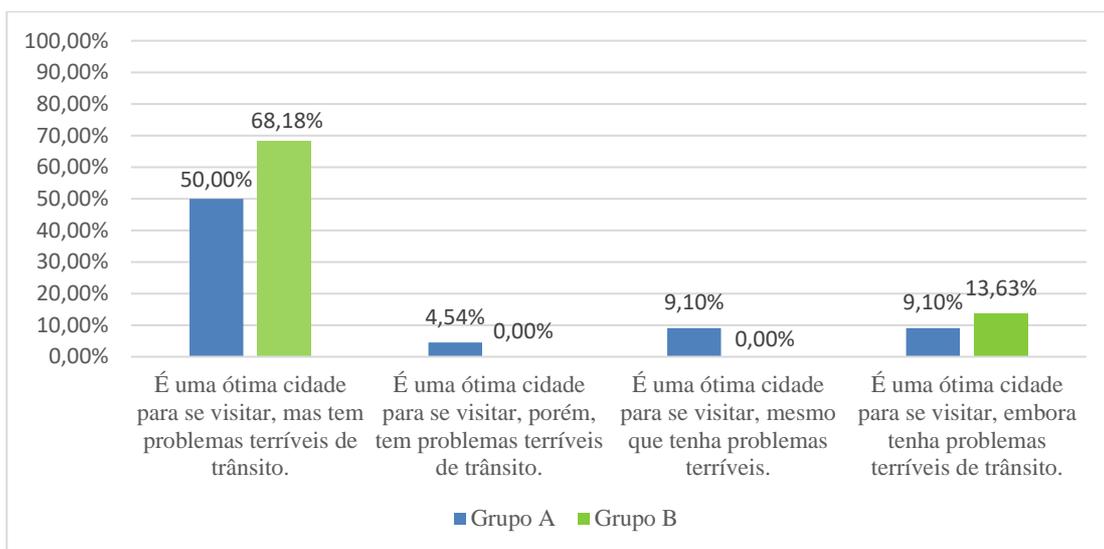


Gráfico 20- Dados relativos ao exercício 2.4

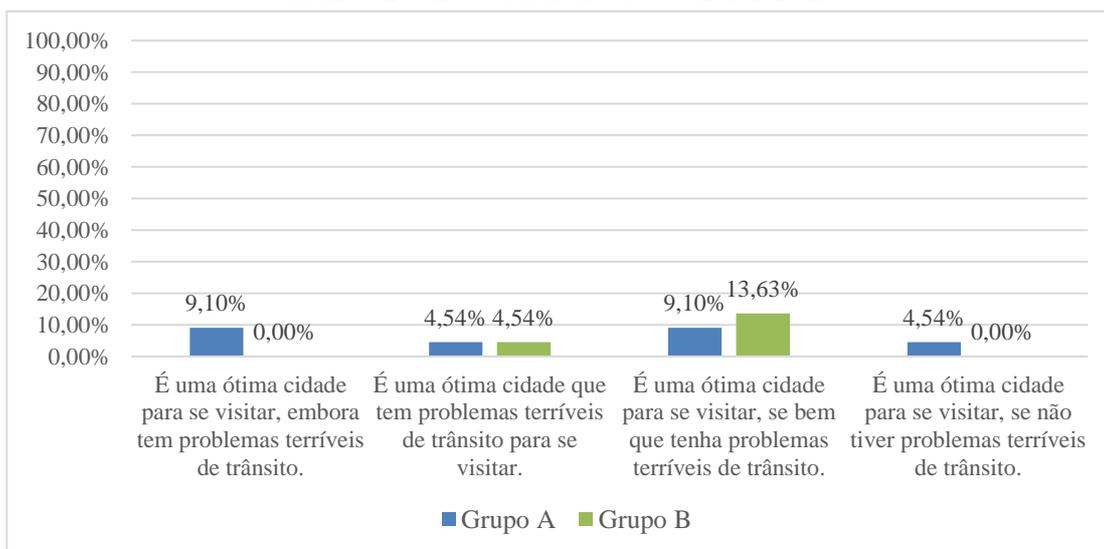


Gráfico 21- Dados relativos ao exercício 2.4

A solução para esta pergunta dispõe de várias possibilidades. Há 86,38% dos alunos do grupo A e 95,45% dos alunos do grupo B que responderam corretamente. A maioria dos alunos optaram por utilizar as conjunções adversativa *mas* e *porém* para conectar as duas frases, e depois temos 27,27% dos alunos dos dois grupos que recorreram às conjunções concessivas. Como caso único, temos um aluno do grupo A que usou a conjunção condicional *se*.

Podemos verificar que os estudantes ainda encontraram nesta pergunta a mesma dificuldade que na anterior, nomeadamente que o verbo na oração subordinada tem de estar no modo conjuntivo quando a oração foi iniciada por uma conjunção concessiva.

Não obstante, os resultados decorrentes desta pergunta são positivos. Ao contrário da nossa previsão inicial, a generalidade dos estudantes ligou as duas frases com a conjunção adversativa *mas*, em vez da conjunção concessiva. Dos alunos que empregaram as conjunções concessivas para conectar duas frases, foi maior o número de estudantes que usam *embora*.

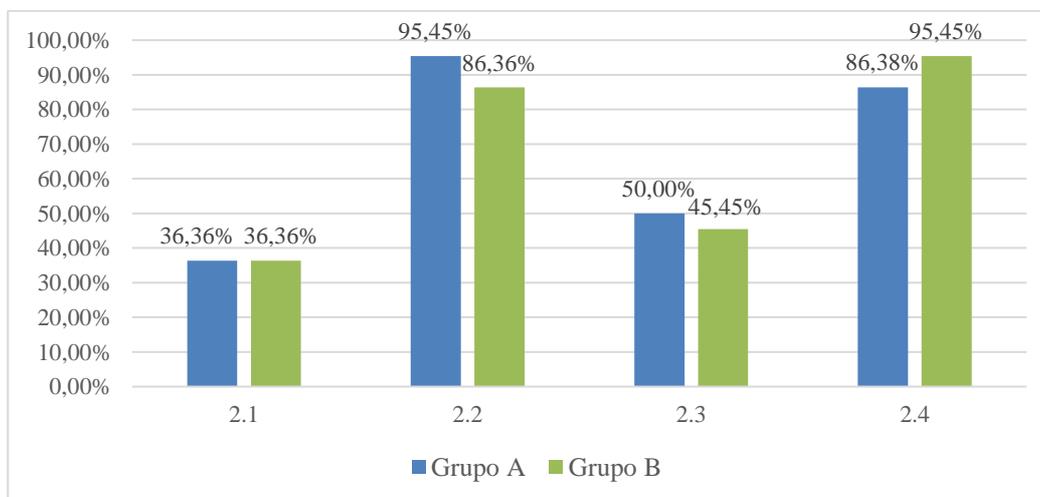


Gráfico 22- Taxas de respostas corretas no exercício 2

De acordo com os dados do gráfico 21, no exercício 2, os resultados das perguntas b) e d) foram positivos. De todo o exercício, a taxa de respostas corretas do grupo A é substancialmente mais alta do que o grupo B. Este exercício mostra alguma tendência no uso de conjunções por alunos chineses: isto é, ao usar as conjunções adversativas preferem o *mas*, ao usar as conjunções concessivas escolhem usar *embora*.

Para além dessa característica, este exercício revela ainda as várias dificuldades na aquisição de conjunções por estudantes chineses. Ao que tudo indica, os estudantes não se habituam a usar *nem* quando necessitam de ligar os dois elementos ou orações que representam ideias negativas. Devido à interferência do chinês, preferem usar *e* ao ligar dois componentes afirmativos ou negativos. Outra dificuldade a mencionar é o modo conjuntivo do verbo da oração subordinada concessiva. Como o modo conjuntivo e a conjugação do verbo não são conceitos presentes na língua chinesa, os alunos cometem muitos erros no tempo e o modo das diferentes formas do conjuntivo. 31,81% dos alunos do grupo A e 36,36% dos alunos do grupo B caíram nesse erro. Os estudantes que tinham estudado português durante um longo período de tempo não apresentaram melhor desempenho nesta área do que aqueles que tinham estudado português há menos tempo.

Concluindo a análise dos resultados deste exercício, reconhecemos que os alunos devem estar atentos às diferenças entre a gramática chinesa e a gramática portuguesa ao realizar a aquisição de conjunções, assim como focarem-se na conjugação dos verbos portugueses.

3.3.3. Exercício 3

Exercício 3: Assinale a frase correta. 选出正确的句子。

- a) Como estava indisposto, por isso não fui à aula.
- b) Não fui à aula porque estava indisposto.
- c) Não fui à aula como estava indisposto.
- d) Porque estava indisposto não fui à aula.

A opção correta do exercício 3 é b).

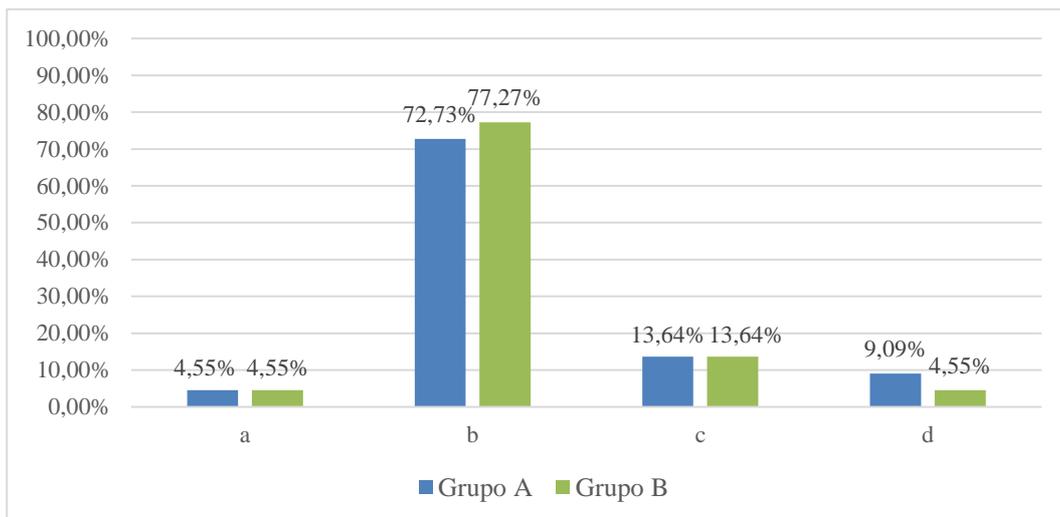


Gráfico 23- Dados relativos ao exercício 3

Das quatro opções do exercício 3, podemos observar que têm significados semelhantes mas com posicionamentos diferentes das conjunções. Este exercício foi concebido para avaliar se os estudantes eram capazes de distinguir o uso das conjunções causais *como* e *porque*.

Segundo as pesquisas de Mai Ran (2006, p.164), há uma preponderância no uso de *porque* e *como* por parte dos alunos chineses porque não conseguem distinguir muito bem as circunstâncias ligeiramente diferentes em que o uso das restantes conjunções causais ou locuções conjuncionais causais possa ser mais adequado, tais como *portanto*, *visto que* ou *pois*, entre outras.

Embora estas duas conjunções expressem a mesma coisa, têm ainda assim algumas diferenças; ou seja, *porque* e *como* estão em posições diferentes na frase. *Porque* deve ser colocada no meio da frase e *como* no início. Em chinês, essa distinção não existe. Uma oração subordinada causal introduzida por 因为 *yīnwèi* (*porque/como*) pode ficar antes ou depois da oração principal. Outra questão a notar é que em português, as conjunções causais e conclusivas não podem ser colocadas na mesma frase, enquanto que em chinês é possível.

Mais de 70% dos alunos escolheram a resposta correta. Quanto às respostas incorretas, 4,55% dos alunos elegeram *Como estava indisposto, por isso não fui à aula*. A falha aqui é que a conjunção conclusiva *por isso* não pode existir na mesma frase com a conjunção causal *como*. Em maior percentagem, 13,64% dos alunos escolheram *Não fui à aula como estava indisposto*. O erro nesta opção é que o *como* aparece no meio da frase. Por fim, 9,09% dos

alunos do grupo A e 4,55% dos alunos do grupo B consideraram que a opção d) *Porque estava indisposto não fui à aula.* é correta. Tendo em conta que o *porque* surge no início da frase, é evidentemente um erro.

Os dados demonstram que a maioria dos inquiridos domina o uso das conjunções *como* e *porque*. Muito poucas pessoas cometem o erro de utilizar a conjunção causal e conclusiva em conjunto. Podemos ainda assumir que os estudantes que escolheram a resposta errada não estavam suficientemente esclarecidos sobre a localização de *como* e *porque* na frase. Este lapso provavelmente deriva do facto de as duas conjunções terem a mesma tradução 因为 *yīnwéi* em chinês. A colocação da oração introduzida por 因为 *yīnwéi* é livre, podendo ser inserida antes ou depois da oração principal.

3.3.4. Exercício 4

Exercício 4: **Complete a coluna B de acordo com a coluna A, segundo a classificação das conjunções.** 将 A 栏的连接词与 B 栏中的句子进行匹配。

Coluna A

a) conjunção temporal 时间连接词	b) conjunção causal 原因连接词	c) conjunção condicional 条件连接词
d) conjunção adversativa 转折连接词	e) conjunção comparativa 比较连接词	f) conjunção integrante 补充连接词
g) conjunção concessiva 让步连接词	h) conjunção consecutiva 结果连接词	i) conjunção explicativa 解释连接词

Coluna B

- | | |
|--|---|
| (c)· <i>Se</i> vocês quiserem, podem dormir em minha casa. | (d)·Foi bastante aplicado, <i> todavia</i> o resultado não foi destacado. |
| (i)·O pai já está deitado, <i> pois</i> as luzes estão apagadas. | (b)· <i> Uma vez que</i> ele se curou, não precisa mais do médico. |
| (f)·Não sei <i> se</i> ela virá. | (g)· <i> Se bem que</i> estivesse triste, não chorou. |
| (e)·Gosto de ti <i> assim como</i> tu de mim. | (h)·Ele correu <i> tão</i> rápido <i> que</i> caiu no chão. |
| (a)·Recolha a roupa <i> antes que</i> caia a chuva. | (a)· <i> Mal</i> se levantou, começou a estudar. |

4.1 Se vocês quiserem, podem dormir em minha casa.

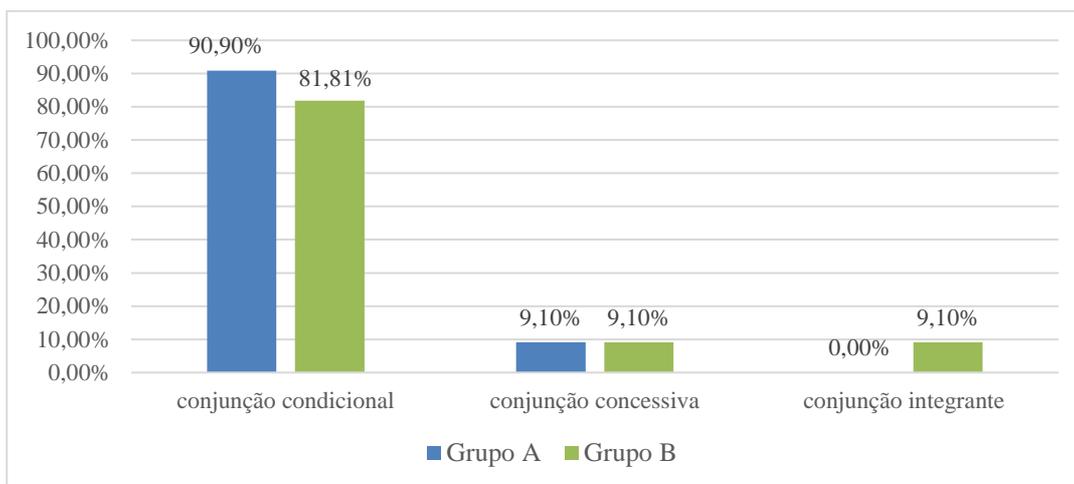


Gráfico 24- Dados relativos ao exercício 4.1

Nesta frase, a conjunção *se* é uma conjunção condicional. Segundo o gráfico 23, as taxas de resposta correta dos grupos A e B são 90,90% e 81,81%, respectivamente. Isto significa que a maioria dos inquiridos está consciente de que a conjunção *se* inicia a oração subordinada adverbial condicional nesta frase. Quanto aos erros, a conjunção concessiva foi a opção de 9,10% dos alunos dos dois grupos. Além disso, 9,10% dos alunos do grupo B escolheram a conjunção integrante.

Digamos que a maior parte dos alunos chineses sabe a classificação da conjunção *se* nesta frase. Contudo, ainda há alguns alunos que não souberam com clareza o papel de *se* na frase; portanto, não conseguiram selecionar a resposta correta.

4.2 O pai já está deitado, **pois** as luzes estão apagadas.

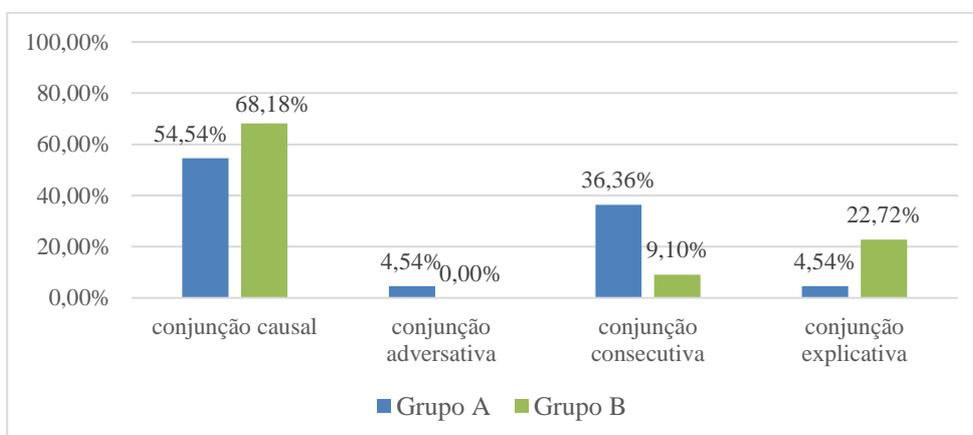


Gráfico 25- Dados relativos ao exercício 4.2

A conjunção *pois* desta frase tem a função de conjunção explicativa. Aqui é nos fornecida uma explicação (as luzes estão apagadas), justamente para provar uma suposição (o pai já está deitado). Segundo o gráfico, só 4,54% dos alunos do grupo A e 22,72% dos alunos do grupo B colocaram a opção correta.

No que diz respeito aos erros, a maioria das respostas é a conjunção causal (54,54% e 68,18%). 36,36% dos alunos do grupo A e 9,10% dos alunos do grupo B deram como resposta conjunção consecutiva. Para além destas opções, 4,54% dos alunos do grupo A presumiram que a conjunção *pois* desempenha a função de conjunção adversativa.

Ao observar o gráfico, podemos considerar que as taxas de respostas corretas dos dois grupos não foram ideais.

O problema que mais se destacou na realização deste exercício foi a incapacidade de distinguir entre as conjunções explicativas e as conjunções causais. Nesta frase, o facto de as luzes estarem apagadas não é a causa de o pai estar deitado; é a razão que leva o orador a pensar que o pai já esteja deitado. A oração subordinada causal é iniciada pela conjunção causal, que tem uma relação de dependência em relação à principal. Apresenta uma causa da ação, do acontecimento e da ocorrência referida nessa oração principal. A conjunção explicativa elucida ou justifica o fato expresso na declaração anterior. A oração coordenada explicativa também apresenta, pois, um motivo ou uma causa, porém são independentes uma da outra.

Finalmente, uma pequena parte dos estudantes elegeu as outras duas conjunções. Estas escolhas refletem a fraca compreensão sobre a função das conjunções adversativas e consecutivas por parte desta minoria.

4.3 Não sei se ela virá.

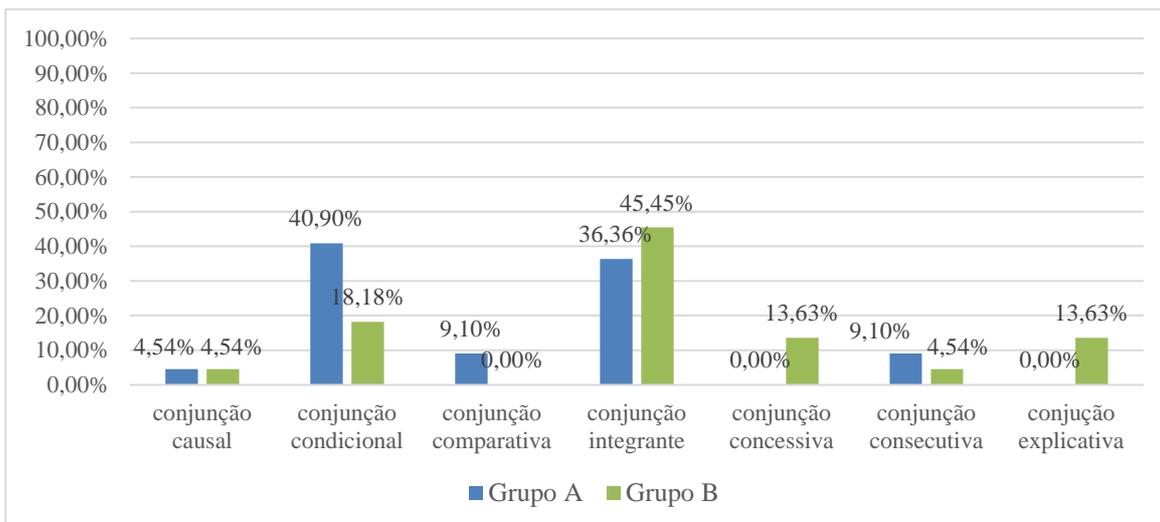


Gráfico 26- Dados relativos ao exercício 4.3

A conjunção *se* é a conjunção integrante que serve para introduzir uma oração, funcionando como objeto direto da oração principal. Neste exercício, são múltiplas as respostas apresentadas pelos alunos.

Segundo o gráfico, a percentagem de respostas corretas dos grupos A e B são, por ordem respetiva, 36,36% e 45,45%. O número de respostas erradas a esta pergunta é superior ao número de respostas corretas. A maior proporção de respostas incorretas concentra-se na conjunção condicional (40,90% e 18,18%). Aliás, alguns alunos parecem ter concluído que *se* nesta frase era a conjunção causal, comparativa, concessiva, consecutiva ou explicativa.

O facto de as respostas erradas terem ultrapassado as respostas certas mostra que os alunos chineses ainda não têm o conhecimento suficiente sobre as conjunções integrantes. Levando em consideração que as conjunções integrantes não têm palavras equivalentes em chinês, assume-se então que estes inquiridos não estão totalmente familiarizados com as suas funções. Uma parte dos estudantes atribuía uma só função à conjunção *se*, conhecendo-a apenas como uma conjunção condicional.

4.4 Gosto de ti **assim como** tu de mim.

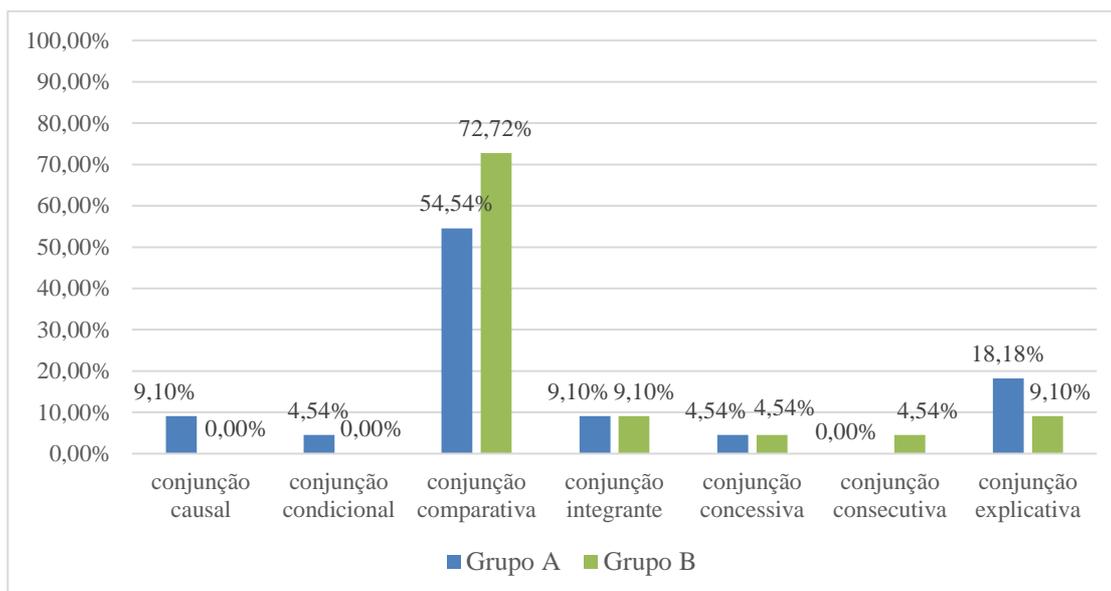


Gráfico 27- Dados relativos ao exercício 4.4

A opção correta é a conjunção comparativa. Nesta frase, pretende-se comparar o quanto *eu gosto de ti* com o quanto *tu gostas de mim*. A taxa de respostas corretas foi mais de 50%.

Com base no gráfico 26, verifica-se que 54,54% dos alunos do grupo A e 72,72% dos alunos do grupo B acertaram. Tal como o exercício anterior, as respostas dos alunos a esta pergunta foram dispersas. Quanto às opções erradas, as conjunções causais, condicionais, integrantes, concessivas, consecutivas e explicativas foram escolhidas pelos alunos e, entre elas, a taxa da conjunção explicativa foi maior (18,18% e 9,10%).

A taxa de respostas corretas neste exercício é bastante satisfatória. O grupo B revelou também um desempenho melhor do que o grupo A. Contudo, a pluralidade de respostas incorretas indica que alguns estudantes ainda não entendem muito bem o significado e função de *assim como*, tal como não estavam cientes da função das conjunções que tinham escolhido.

4.5 Recolha a roupa **antes que** caia a chuva.

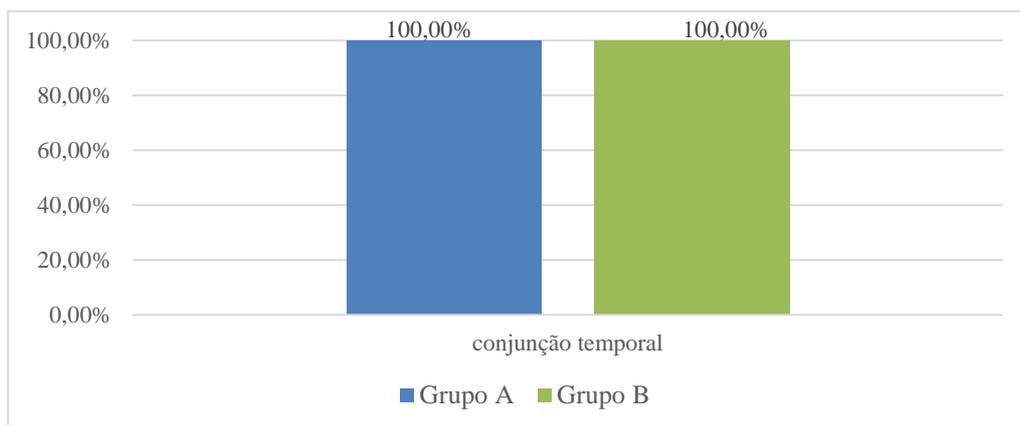


Gráfico 28- Dados relativos ao exercício 4.5

A locução conjuncional temporal *antes que* inicia uma oração subordinada temporal. A percentagem de respostas corretas a esta pergunta prática foi extremamente satisfatória, com 100% em ambos os grupos.

De acordo com os dados do gráfico, os alunos chineses têm claramente uma boa compreensão da classificação e função da locução conjuncional temporal *antes que*.

4.6 Foi bastante aplicado, **todavia** o resultado não foi destacado.

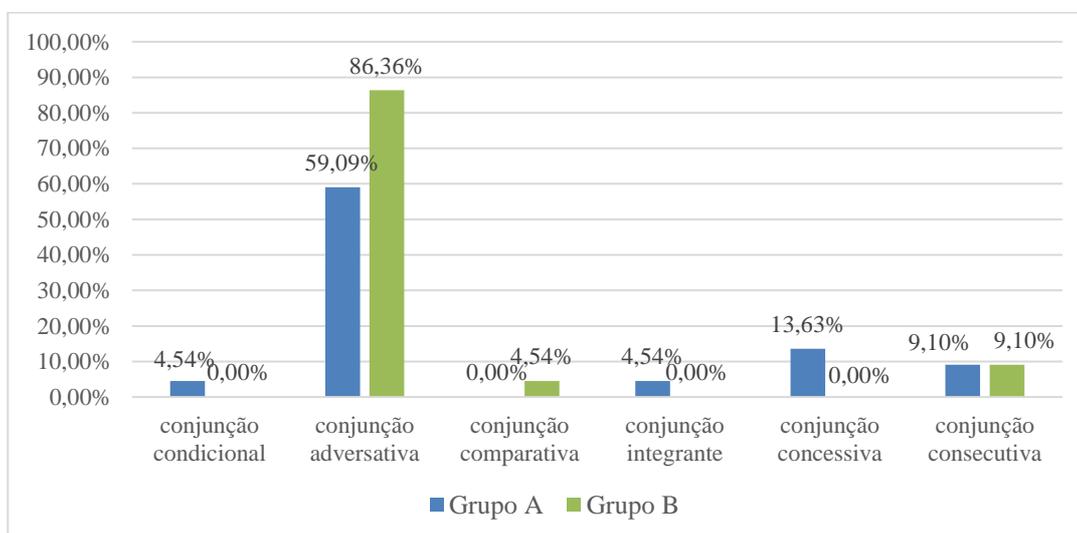


Gráfico 29- Dados relativos ao exercício 4.6

Todavia é uma conjunção adversativa típica que liga duas orações de igual função, acrescentando-lhes, porém, uma ideia de contraste (Cunha, & Cintra, 2016, p. 594). As respostas dos inquiridos a esta pergunta também não foram consensuais.

Segundo o gráfico 28, 59,09% dos alunos do grupo A e 86,36% dos alunos do grupo B acertaram. 13,63% dos alunos do grupo A optaram pela conjunção concessiva, enquanto 9,10% dos dois grupos julgaram que *todavia* era a conjunção consecutiva. 4,54% dos alunos do grupo A e grupo B escolheram, respetivamente, a conjunção condicional e a conjunção comparativa.

O gráfico ilustra ainda que o domínio da conjunção adversativa, *todavia*, do grupo B é melhor do que o grupo A. Grande parte dos alunos do grupo B domina o uso de *todavia*; por outro lado, os alunos do grupo A deverão interiorizar melhor esta conjunção.

4.7 **Uma vez que** ele se curou, não precisa mais do médico.

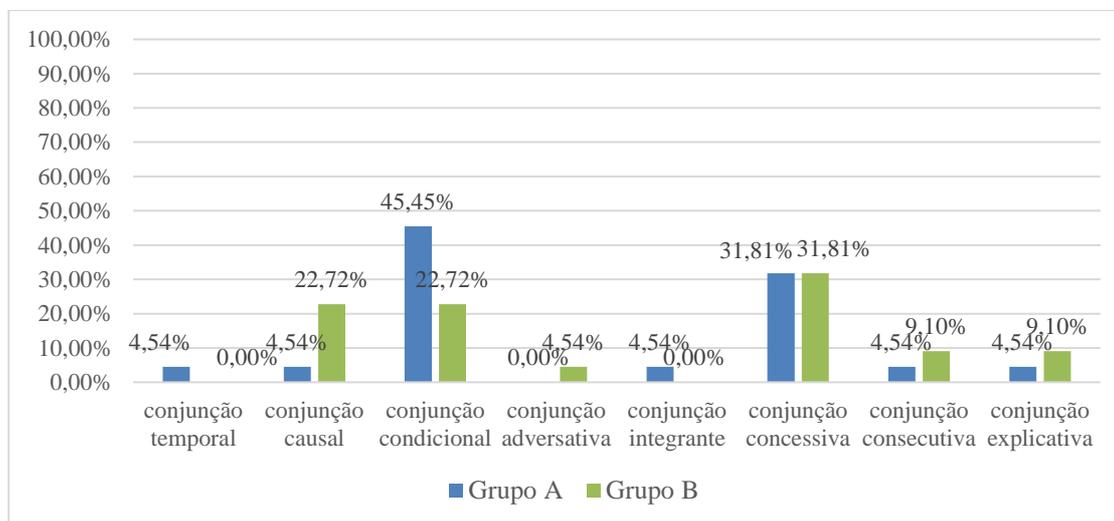


Gráfico 30- Dados relativos ao exercício 4.7

A classificação correta de *uma vez que* nesta frase é a locução conjuncional causal. De acordo com o Dicionário Houaiss da Língua portuguesa (Houaiss et al., 2001), a locução conjuncional *uma vez que* dispõe dois significados: uma exprime as causas, sendo equivalente a *como*, *visto que* e *já que*, e outra exprime as condições, possuindo a mesma função como *se* e *caso*. As opiniões dos inquiridos sobre a classificação de *uma vez que* foram diversas.

Segundo o gráfico 29, 4,54% dos alunos do grupo A e 22,72% dos alunos do grupo B tiveram êxito neste exercício. Contudo, a taxa de resposta correta dos inquiridos é muito baixa. Dos que indicaram respostas incorretas, o maior número está representado na conjunção condicional (45,45% e 22,72%), seguida pela conjunção concessiva (31,81% e 31,81%). As

conjunções temporais, adversativas, integrantes, consecutivas e explicativas também apareceram nas respostas.

Esta fraca percentagem de respostas corretas demonstra que os alunos chineses não estão familiarizados com o uso da locução conjuncional *uma vez que*. Uma parte dos alunos sabia que *uma vez que* funcionava como uma conjunção condicional, porém, não prestaram atenção ao verbo na oração subordinada que estava no pretérito perfeito do indicativo e não no conjuntivo, pelo que *uma vez que* não era uma locução conjuncional condicional aqui. Quanto a outras opções, *uma vez que* não tem a mesma funcionalidade.

4.8 **Se bem que** estivesse triste, não chorou.

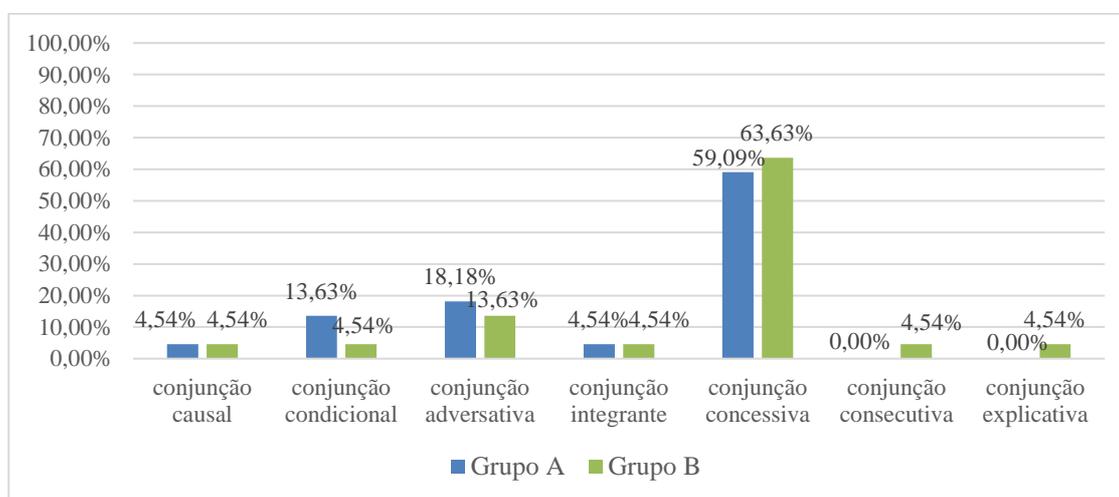


Gráfico 31- Dados relativos ao exercício 4.8

Se bem que é uma locução conjuncional concessiva cujo propósito é introduzir uma oração subordinada concessiva, tal como *embora*. De acordo com as regras da gramática portuguesa, o uso do modo conjuntivo do verbo é exigido na oração subordinada.

Ao observar o gráfico 30, nota-se que 59,09% dos alunos do grupo A e 63,63% dos alunos do grupo B escolheram a opção correta. A conjunção adversativa foi responsável pela maior proporção de respostas incorretas. As conjunções causais, condicionais, integrantes, consecutivas e explicativas também foram outras opções selecionadas pelos alunos chineses.

Verificamos que metade dos alunos chineses sabia a classificação correta de *se bem que*, enquanto a outra metade ainda não a deve conhecer. Para estes alunos, *se bem que* não é uma locução conjuncional concessiva propriamente comum.

4.9 Ele correu **tão** rápido **que** caiu no chão.

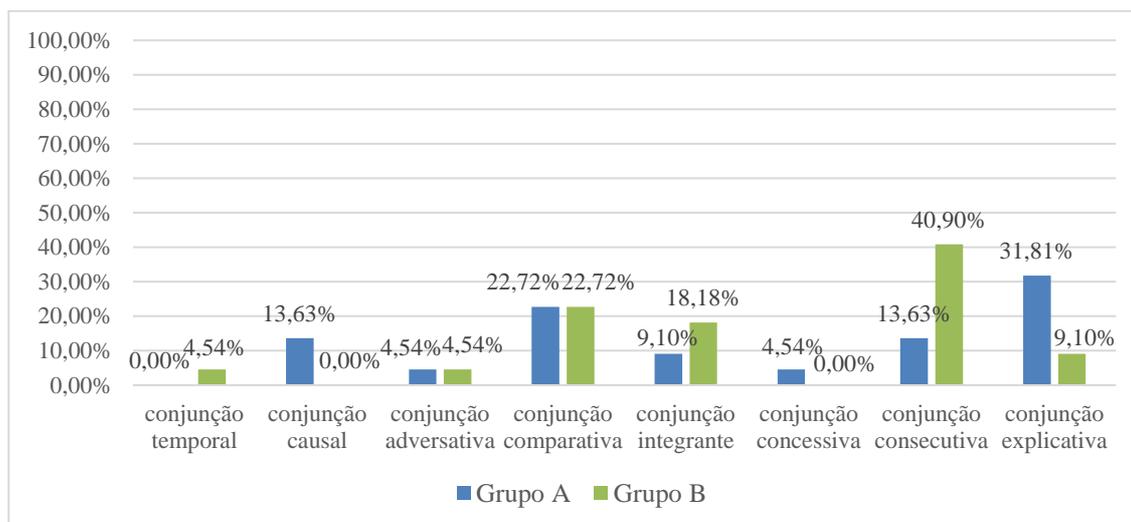


Gráfico 32- Dados relativos ao exercício 4.9

A conjunção consecutiva *que*, combinada com *tão*, inicia uma oração no qual se indica a consequência do que foi declarado na anterior. Nesta frase, *caiu no chão* é a consequência de *Ele correu tão rápido*.

Conforme o gráfico 31, o número dos inquiridos que responderam corretamente foi reduzido, 13,63% e 40,90%. No grupo A, mais alunos escolheram a conjunção explicativa, percentagem essa que corresponde a 31,81%. 22,72% dos alunos dos dois grupos preferiram a conjunção comparativa. Relativamente às restantes respostas erradas, estas estão distribuídas nas opções da conjunção temporal, causal, adversativa, integrante e concessiva.

Podemos concluir que a maioria dos alunos chineses não conhece a locução conjuntiva *tão...que*. Os estudantes que optaram pela conjunção explicativa não percebem se as duas orações são coordenadas ou subordinadas. Os inquiridos que escolheram a conjunção comparativa podem ter sido influenciados pelo termo gramatical *comparativo de igualdade*. O comparativo de igualdade antepõe-se ao advérbio *tão*, pospondo-se a conjunção *como* ou *quanto* ao adjetivo (Cunha, & Cintra, 2016, p. 269). Mesmo havendo uma diferença significativa entre os dois, não existe uma relação comparativa entre as duas orações nesta frase, pelo que a escolha da conjunção comparativa é incorreta.

4.10 **Mal** se levantou, começou a estudar.

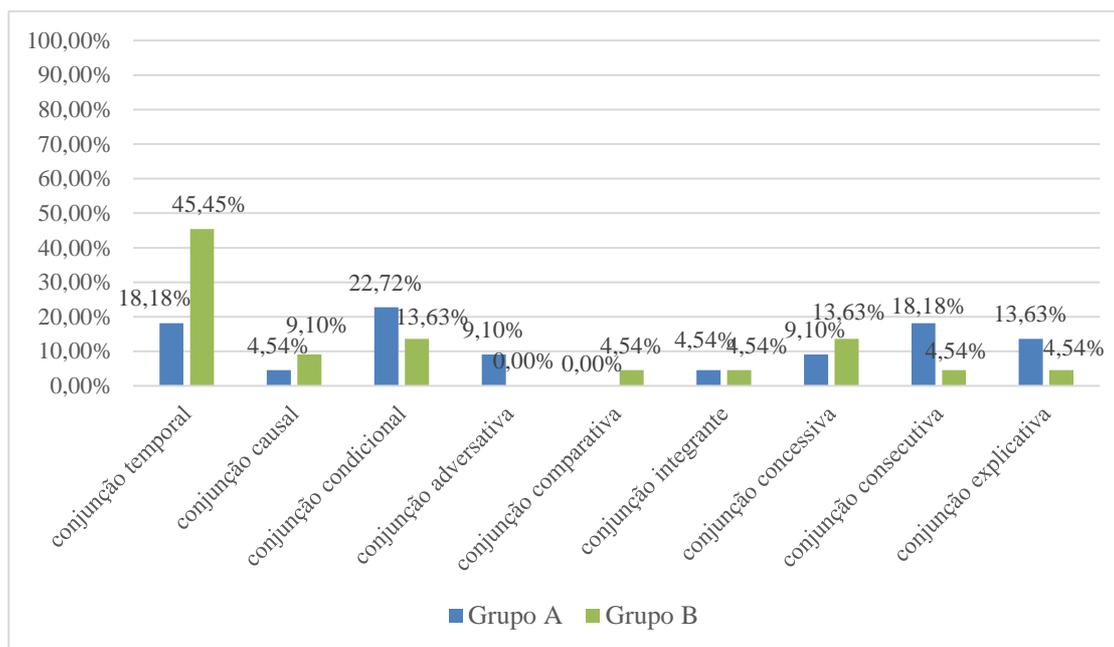


Gráfico 33- Dados relativos ao exercício 4 j)

Este exercício também abordou a conjunção temporal. A conjunção *mal* trata-se de uma conjunção temporal, introduzida numa oração subordinada adverbial temporal e equivalente a *quando*, *assim que*. Os inquiridos apresentaram a maior variedade de respostas sobre esta pergunta de todo o exercício.

O grupo B (45,45%) tinha uma taxa de resposta correta mais elevada do que o grupo A (18,18%). Não obstante, os dados para ambos os grupos não eram muito promissores, contrastando fortemente com o exercício e). Todos os alunos dos dois grupos foram capazes de identificar *antes que* como uma locução conjuncional temporal, mas apenas um pequeno número dos alunos reconhecia que *mal* era também uma conjunção temporal. Entre os que enviaram respostas incorretas, a maioria dos inquiridos escolheu conjunção condicional. Havia também uma fração dos alunos do grupo A que tomou *mal* como conjunção consecutiva ou como conjunção comparativa.

Tais respostas revelam que a conjunção *mal* não é muito habitual para os alunos chineses. Desconhecer a palavra *mal* ou conhecer somente o seu significado enquanto advérbio induziu muitos a fazer a escolha errada. Podemos ver pelos exercícios anteriores que os alunos sabem o que são conjunções temporais, porém só dominam algumas delas, tais como *quando*, *antes que*, etc.

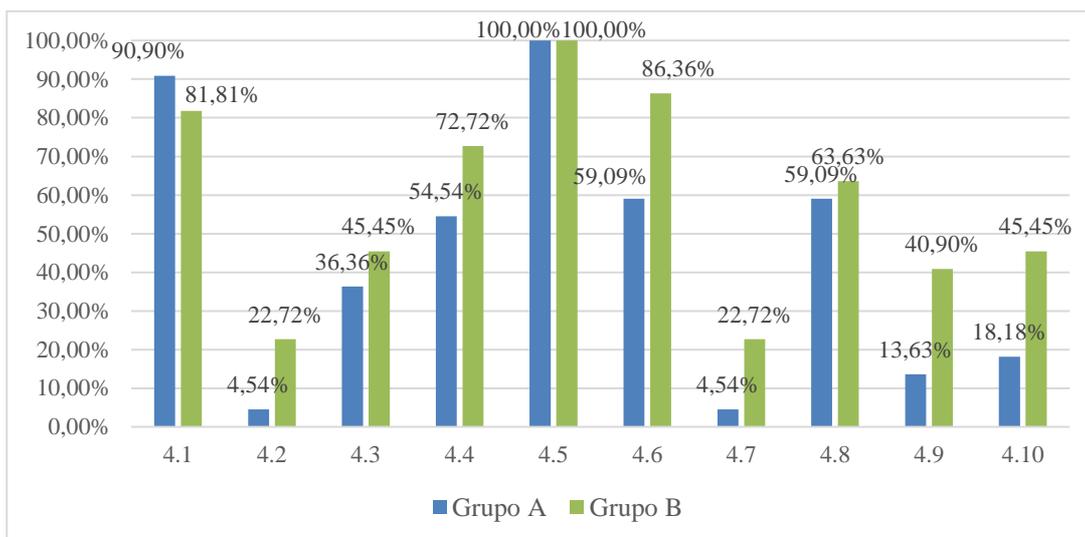


Gráfico 34-Taxas de respostas corretas no exercício 4

Para este exercício, selecionámos algumas conjunções e locuções conjuncionais portuguesas comuns (*se, pois, assim como, antes que, todavia, uma vez que, se bem que, tão...que e mal*) para serem colocadas na frase. Pedimos aos respondentes que determinassem a classificação das mesmas. É importante realçar que os alunos chineses ainda estão a aprender Língua portuguesa e, devido ao seu conhecimento relativamente limitado, desconhecem algumas das conjunções no exercício que são de uso comum para portugueses.

Como se observa no gráfico 33, em geral, o grupo B teve melhores resultados do que o grupo A. Este sucesso comprova que quanto mais tempo se aprende português, melhor será o domínio das conjunções portuguesas. No entanto, os dados no gráfico não determinam quais são as conjunções que os estudantes chineses aprenderam e efetivamente utilizam. Por exemplo, as frases e) e j) têm ambas conjunções temporais, mas a taxa de respostas corretas de e) é de 100%, enquanto a de j) é diminuta. Isto indica que, embora algumas conjunções pertençam à mesma categoria, os alunos chineses não as conhecerão todas.

Apesar da taxa de respostas corretas do exercício a) também ser alta, isto não significa que os alunos chineses conheçam o uso da conjunção *se*. Podemos suportar esta ideia a partir do exercício c), onde só 36,36% dos alunos do grupo A e 45,45% dos alunos do grupo B é que responderam corretamente. A conjunção *se* na frase c) tem função de iniciar uma oração subordinada substantiva objetiva direta, sendo uma conjunção integrante.

No exercício g) deparamo-nos com a mesma situação. *Uma vez que* pode ser ou uma locução conjuncional causal ou uma locução conjuncional condicional, dependendo do contexto em que é utilizada. *Uma vez que* no exercício g) era suposto ser uma locução conjuncional causal, porém a maioria dos inquiridos optou pela conjunção condicional. Isto deve-se ao facto de não terem prestado atenção ao tempo do verbo na oração subordinada, assim como ao seu conhecimento limitado do significado de *uma vez que*.

De acordo com a *Nova Gramática do Português Contemporâneo* (Cunha & Cintra, 2016), a conjunção *pois* pode ser uma conjunção conclusiva, explicativa ou causal, sendo portanto uma conjunção multifuncional. A sua função específica depende de as duas orações serem subordinadas ou coordenadas, e da relação entre as duas orações. No inquérito apresentado, na frase b) a conjunção *pois* é uma conjunção explicativa. No entanto, os inquiridos mostraram preferência pela conjunção causal. Por um lado, este erro foi cometido pelo facto de alguns estudantes não saberem que *pois* funcionava como conjunção explicativa; por outro lado, pode-se apontar a sua incapacidade de distinguir as conjunções explicativas e conjunções causais. Vamos discutir posteriormente a diferença entre as conjunções explicativas e as conjunções causais.

Através desta análise, podemos ver que quando uma conjunção desempenha várias funções, os alunos chineses sentem dificuldade em recordarem-se de todas as suas classificações. Normalmente, só fixam a sua função principal, que será aquela que costuma ter mais exposição. Em chinês, de uma forma geral, uma conjunção só dispõe um significado e uma função, por isso os alunos tendem a aplicar essa regra quando aprendem conjunções em português: cada conjunção portuguesa corresponde a uma conjunção chinesa. Por este motivo, torna-se complicado distinguir as diversas funções de uma conjunção portuguesa e algumas frases podem ser mal interpretadas.

Em síntese, verifica-se que os alunos chineses ainda não estão familiarizados com algumas conjunções portuguesas comuns e não sabem as suas interpretações, funções e respetiva classificação. Além disto, os múltiplos significados de algumas conjunções causam muitos problemas aos estudantes chineses. A relação entre duas orações pode também ter um impacto na determinação do tipo de conjunção, portanto, isto exige que os estudantes pensem cuidadosamente à medida que leem.

3.3.5. Exercício 5

5.1 尽管很富有，但是他并不感觉幸福。(Although he is rich, he does not feel happy)

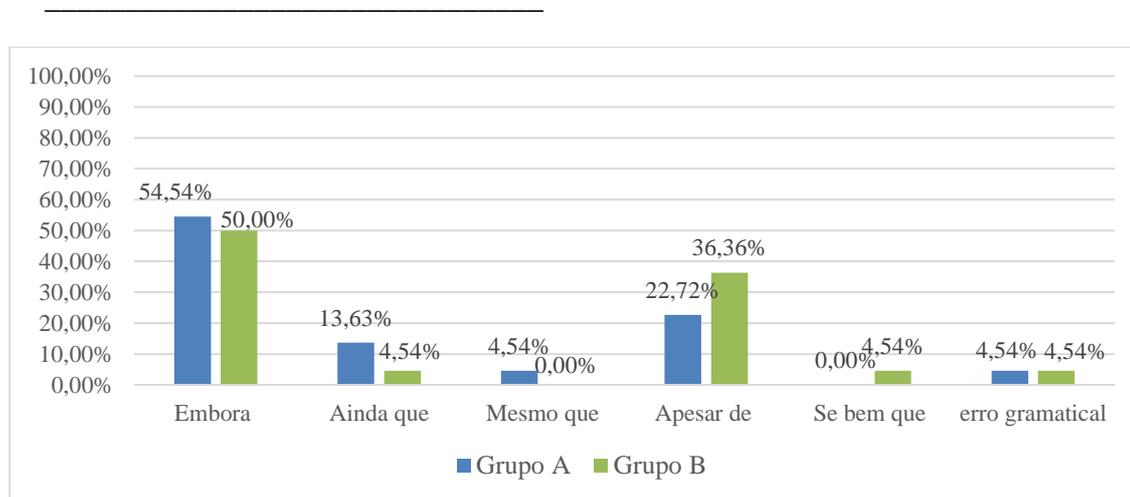


Gráfico 35- Dados relativos ao exercício 5.1

A tradução correta é Embora/Mesmo que/Ainda que/Se bem que seja rico, ele não se sente feliz. ou Apesar de ser rico, ele não se sente feliz. A primeira oração é uma oração subordinada adverbial concessiva que exprime um obstáculo real, mas não impedirá a declaração da oração principal, ou seja, segunda oração (Bechara, 2003).

Segundo o gráfico 34, a maioria dos inquiridos indicou a tradução correta. As suas respostas não foram todas iguais, tendo em conta que escolheram uma variedade de conjunções ou locuções conjuncionais para transmitir o sentido da frase. Metade dos alunos chineses usou *embora*, 13,63% dos alunos do grupo A e 4,54% dos alunos do grupo B usaram *ainda que* e 4,54% dos dois grupos usaram separadamente *mesmo que* e *se bem que*. Exceto as conjunções já mencionadas, 22,72% dos alunos do grupo A e 36,36% do grupo B colocaram a locução *apesar de*, que também está certa. Somente 4,54% dos dois grupos obtiveram respostas incorretas, os seus erros estão no modo e o tempo errado do verbo na oração subordinada.

Os resultados demonstram que os alunos chineses sabem como empregar as conjunções concessivas para expressar uma concessão à ideia expressa pelo verbo da oração principal. A conjunção concessiva mais utilizada pelos estudantes chineses é *embora*. Alguns alunos preferem a locução prepositiva *apesar de* para expor a concessão. Os erros no tempo e modo

do verbo persistem quando se utiliza uma conjunção concessiva para iniciar uma oração subordinada.

5.2 既然你在忙，我就不和你说话了。(Since you are busy, I will not talk to you)

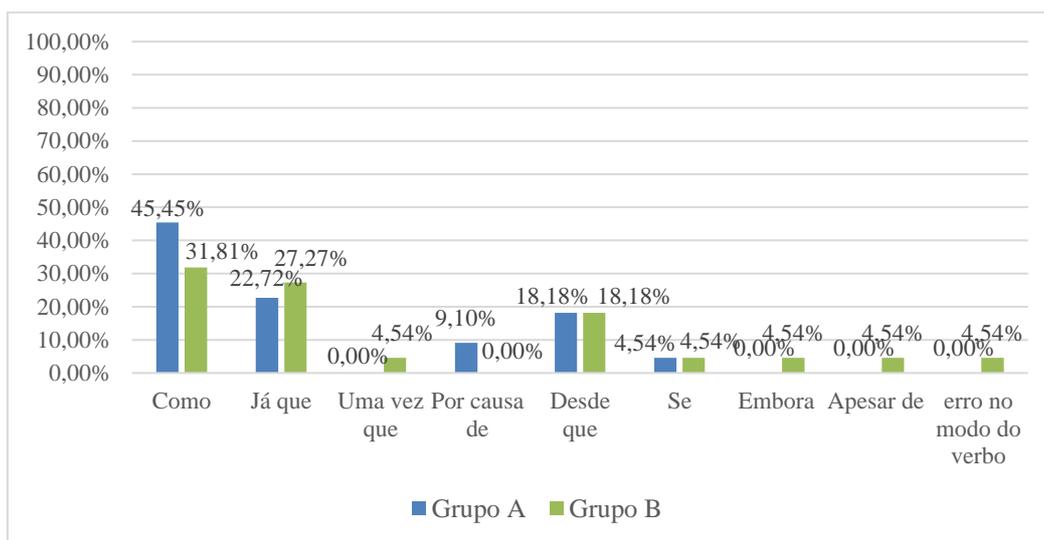


Gráfico 36- Dados relativos ao exercício 5.2

A tradução correta é Já que/Como/Uma vez que estás ocupado, não vou falar contigo. Por causa de estares ocupado, não vou falar contigo. ou Se estás ocupado, não vou falar contigo. A primeira oração é uma oração subordinada adverbial causal, que exprime a causa ou o motivo da segunda oração.

Segundo o gráfico 35, 81,81% dos alunos do grupo A e 68,18% dos alunos do grupo B acertaram. Os inquiridos que responderam corretamente recorreram a duas conjunções causais e duas locuções conjuncionais causais distintas: *como*, *se*, *já que* e *uma vez que*. Entre elas, *como* é a opção predominante e *já que* ocupa o segundo lugar. A conjunção *se* pode ter uma interpretação causal se o verbo estiver no indicativo. 9,10% dos alunos do grupo A não usaram a conjunção, mas uma locução prepositiva que tem valor causal: *por causa de*. Por fim, apenas 4,54% dos alunos do grupo B usou *uma vez que* ao traduzir a frase.

Observando os erros, sabe-se que alguns alunos chineses selecionaram erradamente a conjunção. Entre as conjunções inadequadas, a maior proporção destas está na opção *desde que*. A locução conjuncional *desde que* tem o significado com a condição de que. A

conjunção *embora* e a locução prepositiva *apesar de* têm o valor concessivo. Nenhuma destas palavras pode exprimir impecavelmente o significado da frase original. Quanto ao erro no modo do verbo, quando a locução *uma vez que* é uma conjunção causal, o verbo na oração deve ser o indicativo; porém, na resposta de um inquirido, o verbo esteve no conjuntivo.

Digamos que a maioria dos estudantes chineses é proficiente no uso das conjunções causais. As que utilizam com mais frequência são sobretudo *como* e *já que*. Contudo, ainda havia estudantes que escolhiam conjunções que não formavam uma frase coerente, pois não desconheciam o significado de algumas das conjunções.

5.3 你越学习，遇到的困难就越少。(The more you study, the less difficulties you find in studying.)

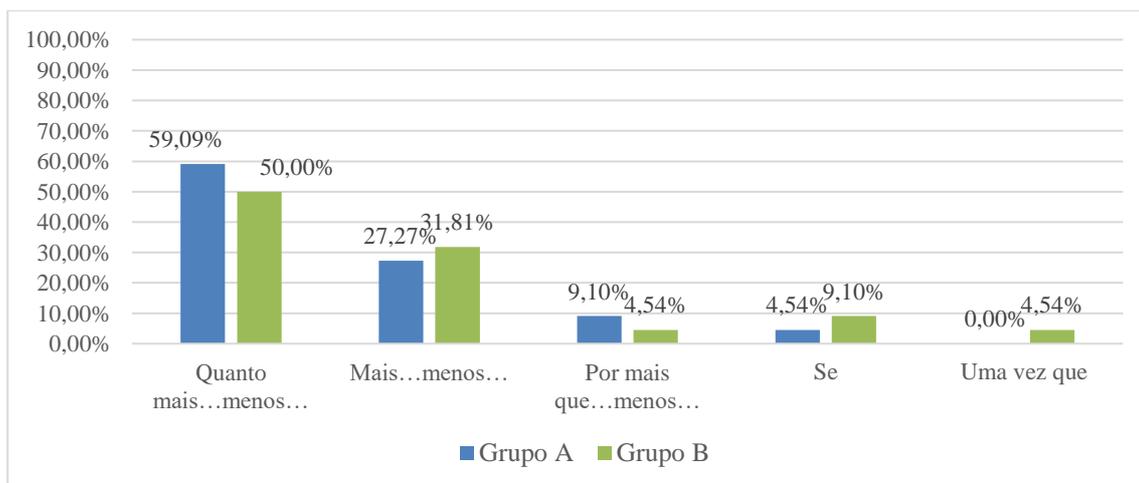


Gráfico 37- Dados relativos ao exercício 5.3

A tradução correta é Quanto mais estudas, menos dificuldades sentes no estudo. ou Se/Uma vez que estudares mais, menos dificuldades sentes no estudo. Esta pergunta foi originalmente estabelecida para investigar a aprendizagem dos inquiridos sobre as conjunções comparativas. De qualquer forma, as conjunções condicionais também são sustentáveis nesta frase. Na *Gramática da Língua Portuguesa* (Mateus, Brito, Duarte, & Faria, 2003, pp. 765-766), a locução *quanto mais...menos* é considerada como um conector descontínuo correlativo, que marca a relação de proporcionalidade. Encontramos também na *Gramática*

do Português (Raposo, Veloso, & Vicente, 2013, pp. 2164-2165), esta locução é descrita como uma estrutura de correlação de escalas que podem ser operadores comparativos diferentes - um de superioridade e outro de inferioridade.

Segundo o gráfico 36, 60% dos inquiridos acertaram na resposta. A generalidade das respostas corretas foi *quanto mais...menos*. Uma pequena parte dos alunos usou a conjunção condicional *se* e a locução conjuncional condicional *uma vez que*, ambas com uma conotação hipotética. A respeito das respostas incorretas, a taxa dos 22,72% dos alunos do grupo A e 31,81% dos alunos do grupo B foi *Mais estudas, menos dificuldades sentes no estudo*. A frase é uma tradução direta do chinês, sendo que na língua portuguesa não existe uma locução como *mais...menos*. Outra resposta errada foi *Por mais que estudas, menos dificuldades sentes no estudo*. A locução *por mais que* é designada como uma construção condicional-concessiva¹⁰, iniciando uma oração subordinada concessiva. A utilização desta conjunção para a tradução da frase é exatamente o oposto do significado original.

Verificamos que metade dos alunos chineses sabem usar a locução conjuncional comparativa *quanto mais...menos*. Contudo, alguns alunos ainda não dominam o uso da conjunção comparativa para indicar que as escalas são inversamente proporcionais.

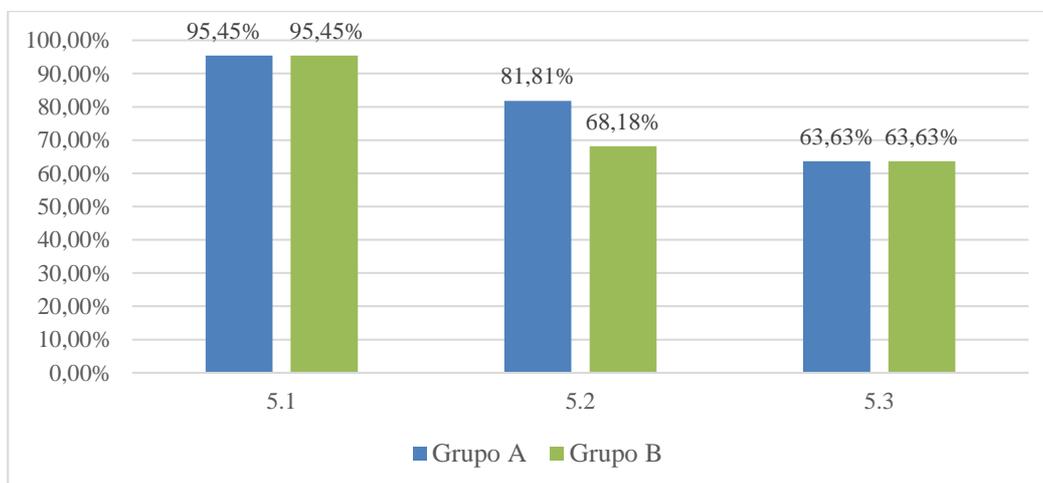


Gráfico 38-Taxas de respostas corretas no exercício 5

¹⁰ A oração condicional-concessiva, ao contrário das concessivas canónicas, é a situação da oração subordinada não é apresentada como verdadeira, mas antes como hipotética ou como não ser verdadeira (Raposo et al., 2013).

O exercício 5 foi adequadamente concluído, com a maioria dos alunos a entregar a resposta correta. A primeira tradução tem a ver com a conjunção concessiva, a segunda frase requer a utilização da conjunção causal, e a terceira tem necessidade de uma conjunção comparativa para completar a frase. Entre estas três, reconhece-se que os estudantes traduziram melhor a oração subordinada adverbial concessiva. Como ainda não usam de forma completamente eficaz as conjunções comparativas, a tradução respetiva à oração subordinada adverbial comparativa precisa de ser melhorada. Um outro pormenor a salientar é que o grupo B, ao contrário do que seria esperado, não tinha um domínio tão bom das conjunções causais como o grupo A. Talvez necessitam de investir mais nesse aspeto.

Quando os respondentes traduziram a oração subordinada adverbial concessiva, o modo do verbo na oração ainda era algo problemático, mas não tão mau como nos exercícios anteriores. Isto demonstra que, no momento em que os alunos escrevem uma frase completa, a maioria consegue colocar o verbo na oração subordinada no modo conjuntivo.

3.4. Apresentação do desempenho dos inquiridos

Conjunção comparativa	4.4; 5.3
Conjunção final	1.2
Conjunção concessiva	1.3; 2.3; 2.4; 4.8; 5.1
Conjunção condicional	1.4;4.1
Conjunção conclusiva	1.5
Conjunção explicativa	1.6; 4.2
Conjunção disjuntiva	1.7
Conjunção aditiva	2.1
Conjunção temporal	1.1; 2.2; 4.5; 4.10
Conjunção causal	3; 4.7; 5.2
Conjunção integrante	4.3
Conjunção adversativa	4.6
Conjunção consecutiva	4.9

Quadro 1-Distribuições de conjunções nos exercícios

O quadro 4 mostra a correspondência entre cada tipo de conjunção e os exercícios, sendo que os exercícios deste inquérito refletem a aquisição de todo o tipo de conjunções por alunos

chineses. A seguir, vamos apresentar o desempenho dos dois grupos em cada exercício isoladamente.

3.4.1. Desempenho do grupo A

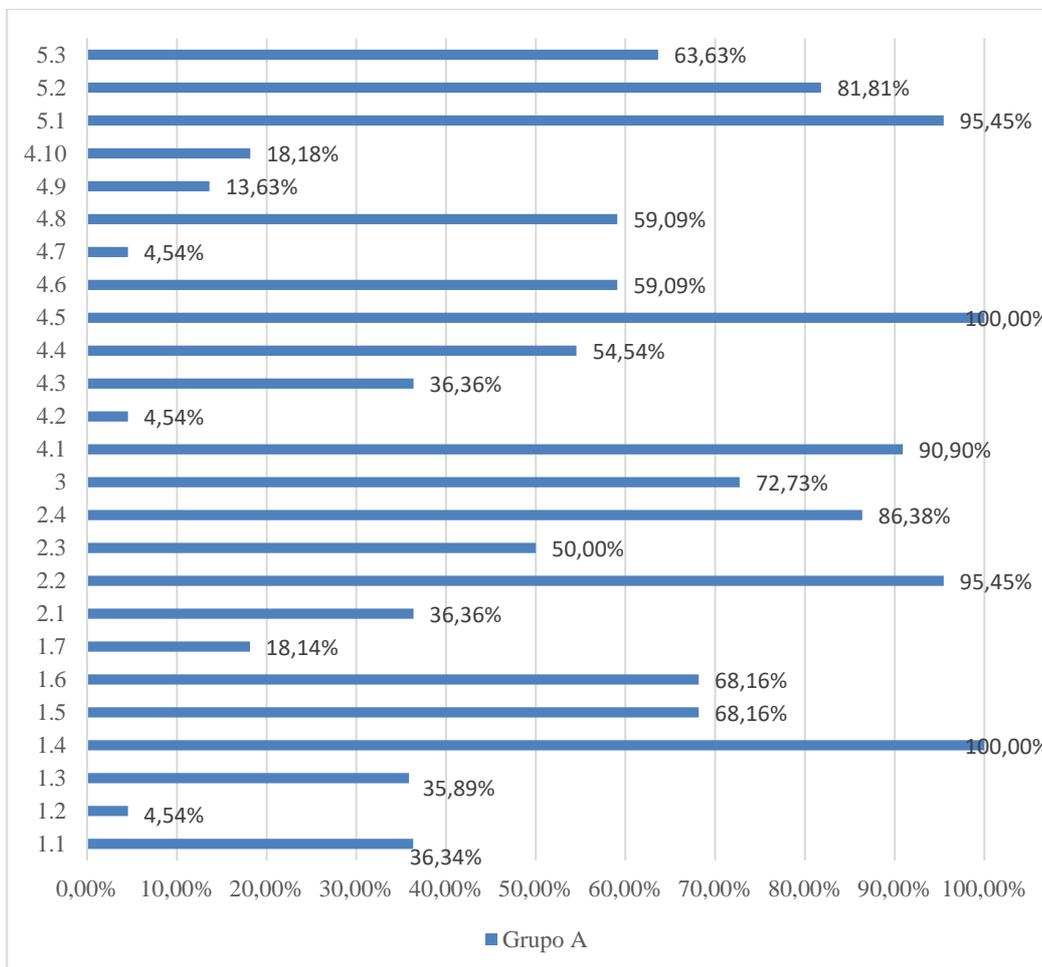


Gráfico 39-Taxas de respostas corretas do grupo A

Podemos examinar no gráfico 39 que os inquiridos do grupo A têm uma grande disparidade nas taxas de respostas corretas dos exercícios, uma vez que a taxa de acerto mais baixa foi de apenas 4,54%, enquanto a mais alta foi de 100%.

De acordo com os dados acima demonstrados, podemos observar que o grupo A tem:

- 1) Taxas de respostas corretas dos exercícios 1.2, 4.2 e 4.7 inferiores a 10%. Estes três exercícios estão relacionados com a conjunção final: *para que*, *a fim de que*; conjunção explicativa: *pois* e conjunção causal: *uma vez que*, respectivamente.

Com uma percentagem de acerto tão baixa, concluímos que os alunos do grupo A experienciam muita dificuldade no uso das conjunções finais, nomeadamente em distinguir a conjunção causal-*pois* e a conjunção explicativa *pois*, ou conhecer a conjunção causal *uma vez que*.

- 2) Taxas de respostas corretas dos exercícios 1.1; 1.3; 1.7; 2.1; 4.3; 4.9; 4.10 entre 10%-39%. Estes sete exercícios relacionam-se com a conjunção e locução conjuncional temporal: *à medida que, como*; conjunção e locução conjuncional concessiva: *embora, ainda que, mesmo que, se bem que*; locução conjuncional disjuntiva: *ora...ora, nem...nem, às vezes...às vezes*; conjunção aditiva: *nem*; conjunção integrante: *se*; locução conjuncional consecutiva: *tão... que* e conjunção temporal: *mal*.

Estes sete exercícios, na realidade, não são os mais problemáticos para os alunos do grupo A; contudo, é uma parte onde os alunos erraram muito. Segundo as análises na parte 3.3, verificamos que os inquiridos do grupo A ficam num impasse no que toca à locução conjuncional temporal *à medida que*, para estabelecer uma correlação proporcional entre a oração subordinada e principal. Os alunos também não são exímios em usar as conjunções concessivas para exprimir uma resistência ao fato apresentado na *oração principal*, porém sem impedi-lo, nem usar as conjunções disjuntivas para exprimir uma opção entre os membros representados pelos termos coordenados. Ademais, os alunos chineses não estão habituados a colocar a conjunção copulativa *nem* quando unem duas orações coordenadas negativas. Na verdade, demonstram até terem dificuldades em diferenciar entre os tipos de conjunções.

- 3) Taxas de respostas corretas dos exercícios 1.5; 1.6; 2.3; 4.4; 4.6; 4.8; 5.3 entre 40%-69%. Estes sete exercícios concernem a conjunção conclusiva: *por isso, portanto, pois*; conjunção explicativa: *pois, porquanto, porque*; conjunção e locução conjuncional concessiva: *embora, ainda que, mesmo que, se bem que*; locução conjuncional comparativa: *assim como*; conjunção adversativa: *todavia*; locução conjuncional concessiva: *se bem que* e locução conjuncional comparativa: *quanto mais...menos*.

Observamos que perto de metade dos inquiridos cometeu erros na utilização de conjunções conclusivas e conjunções explicativas. Uma parte dos alunos não deve ter prestado atenção ao modo verbal na oração subordinada, tendo em conta que se serviram

de conjunções concessivas. Além disso, tudo indica que alguns alunos não conhecem a conjunção adversativa *todavia* e locução conjuncional concessiva *se bem que*, nem dominam o uso da locução conjuncional comparativa *quanto mais...menos* para indicar que as escalas são inversamente proporcionais.

- 4) Taxas de respostas corretas dos exercícios que são 1.4; 2.2, 2.4, 3; 4.1; 4.5; 5.1; 5.2 superiores a 70%. Estes oito exercícios são pertinentes à conjunção condicional: *se, caso*; conjunção e locução conjuncional temporal: *mal, logo que, assim que, quando*; conjunção e locução conjuncional concessiva: *embora, ainda que, mesmo que, se bem que*; conjunção causal: *porque, como*; conjunção condicional: *se*; locução conjuncional temporal: *antes que*; conjunção e locução conjuncional concessiva: *embora, ainda que, mesmo que, se bem que* e conjunção e locução conjuncional causal: *se, já que, como, uma vez que*.

As taxas de acerto nestes oito exercícios estão positivas. A maioria dos alunos do grupo A obteve a resposta correta quanto ao uso da conjunção condicional, temporal, concessiva e causal. É seguro afirmar que apenas um pequeno número dos inquiridos desconhecia a diferença entre a causa *como* e *porque*.

3.4.2. Desempenho do grupo B

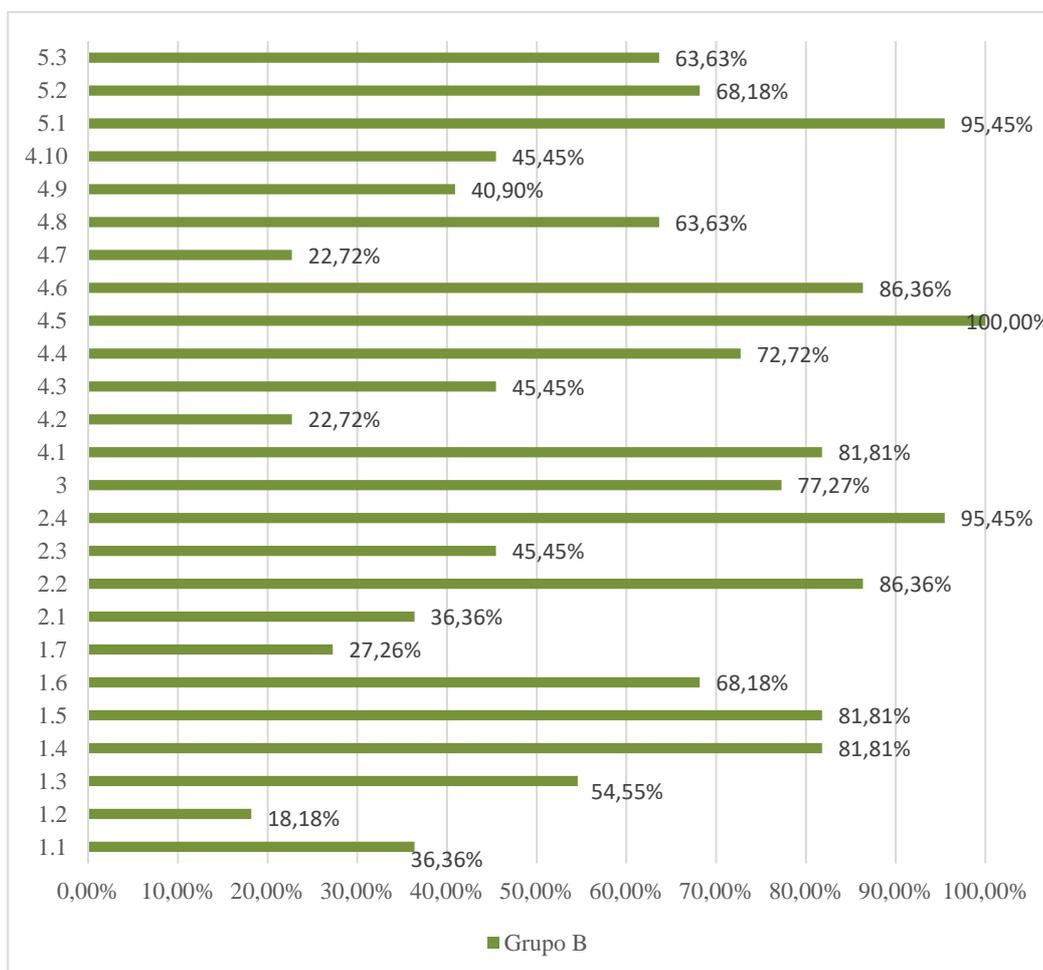


Gráfico 40- Taxas de respostas corretas do grupo B

Podemos ver no gráfico 40 está presente uma grande diversidade nas taxas de respostas corretas no grupo B. Embora ligeiramente menor que a disparidade que se reparou no grupo A, aqui as taxas de acerto vão de 18,18% até 100%.

De acordo com os dados acima expostos, podemos observar que o grupo B tem:

- 1) Taxas de respostas corretas dos exercícios 1.1; 1.2; 1.7; 2.1; 4.2; 4.7 entre 10%-39%. Estes seis exercícios relacionam-se com a conjunção e locução conjuncional temporal: *à medida que, como*; locução conjuncional final: *para que, a fim de que*; locução conjuncional disjuntiva: *ora...ora, nem...nem, às vezes...às vezes*; conjunção aditiva: *nem*; conjunção explicativa: *pois* e conjunção causal: *uma vez que*.

- 2) Taxas de respostas corretas dos exercícios 1.3; 1.6; 2.3; 4.3; 4.8 4.9; 4.10; 5.2; 5.3 entre 40%-69%. Estes nove exercícios estão relacionados com conjunção e locução conjuncional concessiva: *embora, ainda que, mesmo que, se bem que*; conjunção explicativa: *pois, porquanto, porque*; conjunção e locução conjuncional concessiva: *embora, ainda que, mesmo que, se bem que*; locução conjuncional consecutiva: *tão... que*; conjunção concessiva: *se bem que*; conjunção integrante: *se*; locução conjuncional consecutiva: *tão... que*; conjunção temporal: *mal*; conjunção e locução conjuncional causal: *se, já que, como, uma vez que* e locução conjuncional comparativa: *quanto mais...menos*.
- 3) Taxas de respostas corretas dos exercícios 1.3; 1.4; 2.2, 2.4, 3; 4.1; 4.4; 4.5; 4.6; 5.1 superiores a 70%. Estes dez exercícios concernem a conjunção e locução conjuncional concessiva: *embora, ainda que, mesmo que, se bem que*; conjunção condicional: *se, caso*; conjunção e locução conjuncional temporal: *mal, logo que, assim que, quando*; conjunção concessiva: *embora, ainda que, mesmo que, se bem que*; conjunção causal: *porque, como*; conjunção condicional: *se*; locução conjuncional comparativa: *assim como*; locução conjuncional temporal: *antes que*; conjunção adversativa: *todavia* e conjunção e locução conjuncional concessiva: *embora, ainda que, mesmo que, se bem que*.

Verificamos então que os inquiridos do grupo B depararam-se quase com as mesmas dificuldades que os do grupo A em responder a este inquérito. Porém, num cenário geral o desempenho do grupo B é relativamente melhor. Nenhuma percentagem de respostas corretas dos exercícios está abaixo de 10%, enquanto com o grupo A chegou a descer até aos 4,54%.

3.4.3. Comparação de desempenhos dos dois grupos

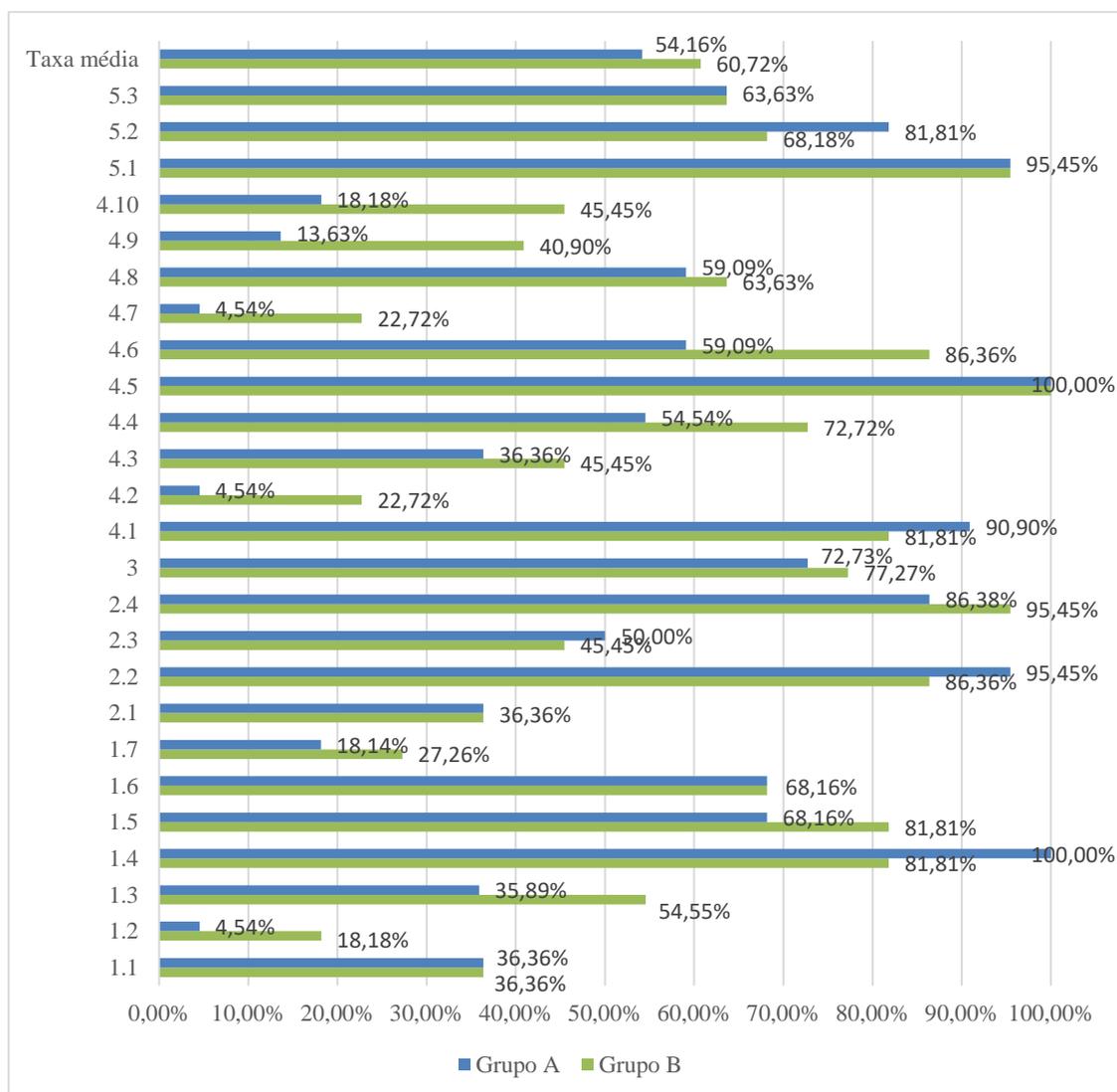


Gráfico 41-Taxas de respostas corretas dos dois grupos

A partir da taxa média de acerto no gráfico 41, podemos ver que, de uma forma geral, os alunos do grupo B tiveram mais sucesso neste inquérito do que os alunos do grupo A. Esta observação corresponde à nossa expectativa, uma vez que os alunos do grupo B estudam português há muito mais tempo. No entanto, a diferença entre as percentagens de acerto da maioria dos exercícios não é muito substancial, não mais do que 20%, salvo o exercício 4.10. Alguns exercícios obtiveram a mesma taxa de respostas corretas para ambos os grupos, sendo alguns desses exercícios 1.1, 1.6, 2.1, 4.5 e 5.1. Além do mais, em determinados exercícios os alunos do grupo A acertaram mais do que o grupo B, que é o caso do 1.4, 2.2, 4.1 e 5.2. Isso é que ultrapassou a nossa expectativa.

Capítulo 4. Discussão dos resultados

4.1. Visão geral de utilização de conjunções por alunos chineses

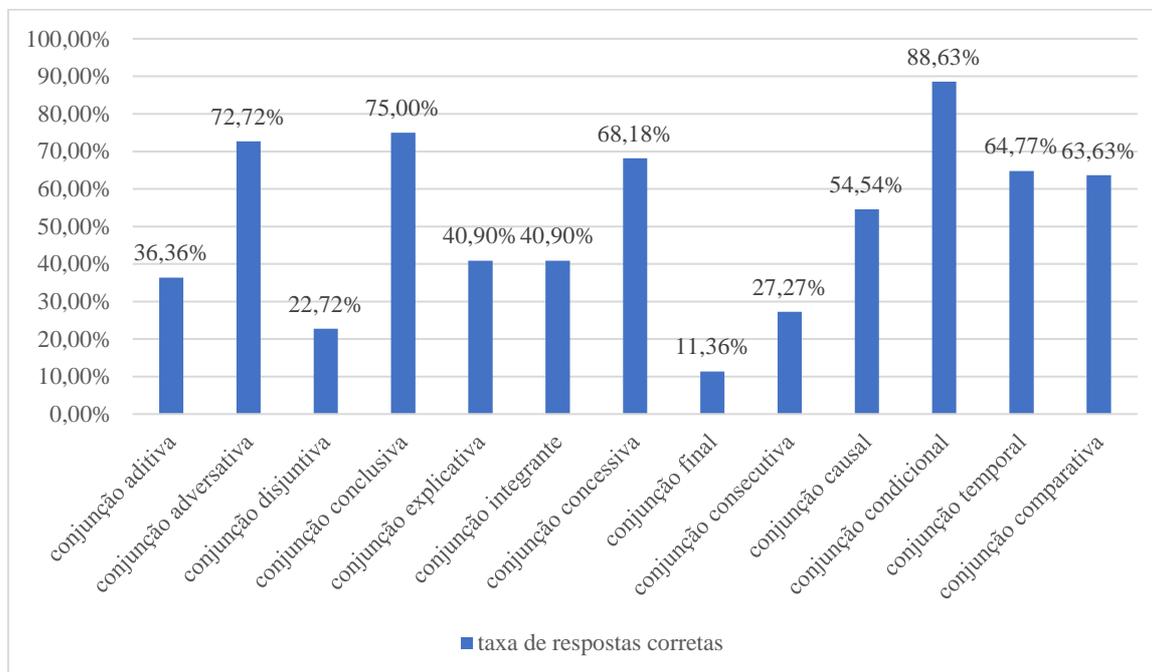


Gráfico 42-Taxa de utilização correta de cada conjunção

A partir do gráfico acima, verifica-se que o erro mais frequente ocorre na utilização de conjunções finais, com uma taxa de acerto de 11,36%; as conjunções disjuntivas e consecutivas são a segunda e terceira mais frequentemente usadas com erros pelos estudantes chineses, com uma taxa de erro de 77,27% e 72,72% respectivamente. Os estudantes também demonstraram ter um fraco entendimento das conjunções aditivas, com apenas 36,36% de taxa de acerto. Mesmo assim, o domínio dos estudantes no que toca a conjunções condicionais, conjunções adversativas e conjunções conclusivas é de louvar, com as suas taxas das respostas corretas nos três primeiros. Na análise estatística dos inquéritos respondidos pelos estudantes, os principais tipos de erros no uso de conjunções foram resumidos como se segue.

4.1.1. Os erros comuns

4.1.1.1. Desvio de conjunções

Uma análise cuidadosa dos 44 inquiridos revela que o uso indevido das conjunções portuguesas é comum entre os estudantes que aprenderam português durante um período de tempo mais ou menos longo. É possível que alguns estudantes não compreendem realmente a semântica lógica de algumas conjunções portuguesas; outros, talvez não consigam refletir cuidadosamente na semântica das frases quando confrontados com tempo limite para responder ao inquirido. Seja qual for a razão, o uso errado das conjunções portuguesas ainda é comum. Este estudo centrou-se num pequeno *corpus* autoconstruído para analisar o uso errado das conjunções portuguesas, e os exemplos do *corpus* são analisados abaixo:

Exercício 1.1: ***Quando** o Sr. Nunes vai ficando mais velho, vai perdendo a memória. Hoje já não se recorda de muitos dos colegas.

Exercício 1.2: *Tudo foi planeado **e** não houvesse falhas.

Exercício 1.3: ***Porque** me agrada, não vou comprar o vestido.

Exercício 1.4: ***Quando** tivesse dinheiro, trocava o carro.

Exercício 2.1: *Não sei isto **e** aquilo.

Exercício 2.3: *Não apreciei o filme **porque** os atores e o realizador eram conhecidos.

Exercício 5.2: ***Embora** esteja ocupado, não vou falar contigo.

O acima exposto é uma lista parcial do uso indevido de conjunções. No próprio *corpus*, não só estas conjunções são mal empregues como também existem outras conjunções na mesma situação. Em função disso, este artigo enumera apenas alguns dos fenómenos representativos do mau uso de conjunções.

Nos exercícios 1.1 e 1.4, os estudantes utilizaram indevidamente a conjunção *quando*. No exercício 1.1, o verbo nas orações está no gerúndio com o auxiliar *ir*, expressa a ideia de duração, de uma ação que se prolonga no tempo. É suposto usar a conjunção proporcional *à medida que*. No exercício 1,4, o verbo na oração subordinada está no pretérito imperfeito do conjuntivo para expressar uma condição irrealizável ou hipotética, deve-se usar aqui a

conjunção condicional. Nos exercícios 1.2 e 2.1, a conjunção aditiva *e* foi inadequada. No exercício 1.2, os alunos usaram *e* para expressar uma adição com sentido positivo, mas isso não é coerente. Quanto ao exercício 2.2, a conjunção *nem*, usada para indicar uma adição com sentido negativo, tal como o uso da conjunção *e*, estão erradas. Nos exercícios 1.3 e 2.3, a conjunção *porque* foi aplicada excessivamente. A conjunção *porque* presente em duas frases torna-as incoerentes. Ambas as frases devem utilizar a conjunção concessiva.

No exercício 5.2 “**Embora** esteja ocupado, não vou falar contigo.”, esta frase não é lógica. Não faz sentido porque está-se a optar pela conjunção errada, deve-se usar a conjunção causal.

Resumidamente, a análise dos exemplos acima referidos revela que conjunções indevidamente usadas por alunos chineses podem afetar a coerência e a fluência das frases.

4.1.1.2. Desconhecimento de conjunções

Incluimos nesta secção não só a fraca compreensão do significado de conjunções individuais por parte dos inquiridos, mas também improficiência quanto ao tipo a que cada conjunção pertence. O exercício 4 ilustra bem este dilema. Os exercícios 4.2, 4.3, 4.7, 4.9, e 4.10 não tiveram uma taxa de respostas corretas superior a 50%. Abaixo apresentam-se algumas das opções incorretas que a maioria das pessoas escolhe:

Exercício 4.2: O pai já está deitado, **pois** as luzes estão apagadas. (conjunção causal)

Exercício 4.3: Não sei **se** ela virá. (conjunção condicional)

Exercício 4.7: **Uma vez que** ele se curou, não precisa mais do médico (conjunção condicional/ concessiva)

Exercício 4.9: Ele correu **tão** rápido **que** caiu no chão. (conjunção explicativa)

Exercício 4.10: **Mal** se levantou, começou a estudar. (conjunção condicional)

Evidentemente, as respostas aos outros exercícios não são exatamente corretas, porém o número de pessoas que responderam de modo incorreto a estas cinco perguntas foi ligeiramente mais elevado. Os resultados dos inquéritos apontam que os estudantes chineses não têm uma cognição suficiente sobre as conjunções explicativas, integrantes, causais, consecutivas e temporais. Além disso, mostraram-se desentendidos em relação às conjunções *pois*, *se*, *uma vez que*, *tão... que* e *mal*. Por consequência, não indicaram

corretamente o tipo de conjunção a que pertencem, mesmo que o contexto tenha sido facultado.

A falta de conhecimento sobre conjunções pode conduzir a múltiplos problemas. Acreditamos que uma das razões por detrás do seu uso indevido é que os estudantes não percebem o significado das conjunções que estão a utilizar. Não conhecendo perfeitamente essas conjunções poderá levar a uma pobre receção de informação ou, até mesmo, erros de interpretação.

4.1.1.3. Desatenção ao modo e tempo verbal na oração que é iniciada pela conjunção

Segundo os livros de gramática, algumas conjunções empregam-se com o conjuntivo, tais como “para que, a fim de que”, cujo intuito é expressar finalidade, “embora / mesmo que”, onde se expressam ideias que reforçam uma ideia oposta, “contanto que / desde que / caso” que expressa uma condição, “sem que” sendo uma ausência de informação, “até que” em que existe uma ideia para o futuro, e ainda “antes que”, onde se pretende expressar uma ideia antes do tempo.

Ao analisar os inquéritos, é nos revelado que alguns estudantes têm problemas quanto ao modo e tempo verbal na oração que é iniciada pela conjunção. A representação mais evidente deste problema está presente nos exercícios 2.3, 2.4 e 5.1.

Exercício 2.3: *Não apreciei o filme, **embora/ ainda que/ apesar de que** os atores e o realizador **sejam** conhecidos.

Exercício 2.4: *É uma ótima cidade para se visitar, **embora tem** problemas terríveis de trânsito.

Exercício 5.1: ***Embora é** rico, ele não se sente feliz.

No exercício 2.3, o verbo da oração subordinada está no conjuntivo. Devido ao facto de o verbo na oração principal estar no passado, o verbo *ser* deverá estar obrigatoriamente no pretérito imperfeito do conjuntivo. Como as orações são introduzidas pela conjunção *embora*, o verbo *ter* no exercício 2.4 e o verbo *ser* no exercício 5.1 deve estar igualmente no conjuntivo.

Quando se constrói uma frase, o tempo e o modo correto do verbo na oração subordinada são também sinais de domínio da conjunção. Alguns alunos provavelmente não sabiam que

os verbos em orações subordinadas iniciadas por algumas conjunções precisam de ser empregues no modo conjuntivo. Descobriram-se ainda outros casos de alunos que não sabiam como ajustar o tempo da oração subordinada, de acordo com o tempo da oração principal.

4.1.2. Frequência de utilização de conjunções

Primeiro, realizámos uma contagem das conjunções que apareceram nas respostas dos inquiridos. Os resultados foram tabulados como se segue.

Conjunção	Nº de ocorrências	Percentagem
se	68	14,28%
e	63	13,24%
embora	51	10,71%
quando	30	6,30%
por isso	25	5,25%
porque	24	5,04%
quanto mais...menos	24	5,04%
nem	17	3,57%
mas	17	3,57%
como	17	3,57%
porque	16	3,36%
como	13	2,73%
já que	12	2,52%
pois	9	1,89%
caso	9	1,89%
ainda que	9	1,89%
desde que	8	1,68%
se bem que	8	1,68%

ou	7	1,47%
mesmo que	7	1,47%
pois	6	1,26%
apesar de que	6	1,26%
para que	5	1,05%
não só...mas também...	3	0,63%
sem que	3	0,63%
à medida que	3	0,63%
ou...ou	2	0,42%
nem...nem...	2	0,42%
ora...ora...	2	0,42%
uma vez que	2	0,42%
que	2	0,42%
todavia	1	0,21%
portanto	1	0,21%
logo	1	0,21%
visto que	1	0,21%
mal	1	0,21%
assim que	1	0,21%
Total	476	100%

Quadro 2-Ocorrências de conjunções

Os dados do quadro 2 foram recolhidos dos Exercícios 1, 2, e 5 porque apenas estes três exercícios exigiam que os estudantes preenchessem as conjunções, os outros dois eram de escolha múltipla. A fim de tornar os resultados mais homogêneos, removemos os advérbios que surgiam nas respostas dos inquiridos, sendo que há 37 conjunções diferentes e 476 conjunções no total nas restantes respostas. Os dados do quadro acima demonstram que a conjunção condicional *se*, a conjunção aditiva *e* e a conjunção concessiva *embora* aparecem

com maior frequência nas respostas dos inquiridos, com 68, 63 e 51 ocorrências, respectivamente.

Conjunção	Nº de ocorrências	Percentagem
e	63	13,24%
nem	17	3,57%
não só...mas também...	3	0,63%
Total	83	17,44%

Quadro 3- Ocorrências de conjunções aditivas

Em relação à conjunção coordenativa aditiva, as três conjunções expostas no quadro acima abrangem as que são colocadas nas construções afirmativas e negativas. É possível reparar que *e* é a conjunção mais predominante (63 ocorrências), com uma diferença considerável face à que surge em segundo lugar *nem* (17 ocorrências). Contudo, nenhuma resposta correta dos exercícios do inquérito foi *e*, pelo que podemos acreditar que existem situações onde os estudantes utilizaram abusiva e indevidamente a conjunção *e*. A locução conjuncional correlativa aditiva *não só...mas também* ocorre 3 vezes, estabelecendo uma estrutura de coordenação copulativa. Do mesmo modo, esta conjunção não aparece na resposta correta. Por isso, concluímos que os alunos chineses têm uma forte preferência pela conjunção *e* e há o desvio e abuso das conjunções aditivas.

Conjunção	Nº de ocorrências	Percentagem
ou	7	1,47%
ou...ou	2	0,42%
nem...nem...	2	0,42%
ora...ora...	2	0,42%
Total	13	2,73%

Quadro 4- Ocorrências de conjunções disjuntivas

Segundo o quadro 4, podemos constatar que as conjunções disjuntivas foram menos utilizadas. A ocorrência mais frequente de conjunção disjuntiva é *ou*. Verifica-se que as restantes três conjunções *ou...ou*, *nem...nem* e *ora...ora* foram as menos utilizadas nesta

atividade, indicando que os alunos chineses não estão habituados a aplicar estas três conjunções quando exprimem a ideia de alternância ou escolha.

Conjunção	Nº de ocorrências	Percentagem
mas	17	3,57%
todavia	1	0,21%
Total	18	3,7%

Quadro 5- Ocorrências de conjunções adversativas

De acordo com o quadro 5, duas conjunções adversativas, *mas* (17 ocorrências) e *todavia* (1 ocorrência), apareceram nas respostas dos inquiridos. Estamos cientes que existem muitas conjunções adversativas, no entanto os estudantes chineses aparentemente estão mais inclinados a recorrer ao *mas*.

Conjunção	Nº de ocorrências	Percentagem
por isso	25	5,25%
pois	9	1,89%
portanto	1	0,21%
logo	1	0,21%
Total	36	7,56%

Quadro 6- Ocorrências de conjunções conclusivas

Quanto às conjunções conclusivas, os alunos optaram sobretudo pela utilização de *por isso* (25 ocorrências), seguido por *pois* (9 ocorrências). As conjunções *portanto* e *pois*, cada uma delas, aparecem uma vez. Deve-se referir que a utilização de conjunções conclusivas por parte dos alunos chineses ainda se concentra principalmente em *por isso*. Embora se aproveitem também de outras conjunções, essas surgem com menos frequência.

Conjunção	Nº de ocorrências	Percentagem
porque	24	5,04%
pois	6	1,26%

Total	30	6,28%
--------------	-----------	--------------

Quadro 7- Ocorrências de conjunções explicativas

É de notar que, entre as conjunções explicativas, *porque* foi a mais utilizada. Teve 24 ocorrências, e *pois* teve 6 ocorrências. Por outras palavras, isto indicia que quando os alunos chineses expressam uma explicação da ideia, a maioria deles opta por usar *porque*.

Conjunção	Nº de ocorrências	Percentagem
como	17	3,57%
já que	12	2,52%
uma vez que	2	0,42%
visto que	1	0,21%
Total	48	10,08%

Quadro 8- Ocorrências de conjunções causais

Notámos que os estudantes souberam usar uma variedade de conjunções no que concerne às conjunções causais, pelo que as suas escolhas se resumem em *como* (17 ocorrências), *porque* (16 ocorrências) e *já que* (12 ocorrências). *Uma vez que* e *visto que* foram as menos utilizadas.

Conjunção	Nº de ocorrências	Percentagem
se	68	14,28%
caso	9	1,89%
desde que	8	1,68%
sem que	3	0,63%
Total	88	18,49%

Quadro 9- Ocorrências de conjunções condicionais

As conjunções condicionais foram as que apareceram com mais frequência nas respostas dos inquiridos, entre todas as outras categorias de conjunções. As conjunções *se*, *caso* e *desde que* são sinónimos, mas *se* (68 ocorrências) é usado com mais constância entre os alunos chineses do que *caso* (9 ocorrências) e *desde que* (8 ocorrências). Acreditamos que os estudantes chineses preferem usar *se* quando expressam uma condição, provavelmente

porque a composição da palavra é simples e fácil de lembrar. No entanto, como no caso da conjunção aditiva *e*, não há tantos exercícios no inquérito onde *se* é exigida.

Conjunção	Nº de ocorrências	Percentagem
embora	51	10,71%
ainda que	9	1,89%
se bem que	8	1,68%
mesmo que	7	1,47%
apesar de que	6	1,36%
Total	81	17,02%

Quadro 10- Ocorrências de conjunções concessivas

Através do quadro 10, subentende-se que os estudantes chineses conhecem múltiplas conjunções concessivas. A conjunção *embora* (51 ocorrências) é decididamente a predileta, com uma margem considerável entre as restantes quatro conjunções que se encontram próximas umas das outras. Ou seja, podemos assumir que a conjunção concessiva mais aceite pelos estudantes chineses é *embora*, enquanto as outras, apesar de serem também utilizadas, não têm um uso tão popular.

Conjunção	Nº de ocorrências	Percentagem
quanto mais...menos	24	5,04%
como	13	2,73%
à medida que	3	0,63%
Total	40	8,40%

Quadro 11- Ocorrências de conjunções comparativas

Ambas as conjunções *como* e *à medida que* são conjunções comparativas. No entanto, *como* pode iniciar o segundo termo de uma comparação ou uma oração que exprime um fato em conformidade, e *à medida que* introduz uma oração proporcional. Muitos alunos chineses presumem que estas duas conjunções possuem o mesmo significado para apresentar um

processo que dura no tempo. Segundo o quadro, usam *como* (13 ocorrências) com mais frequência do que *à medida que* (3 ocorrências).

Conjunção	Nº de ocorrências	Porcentagem
quando	30	6,30%
mal	1	0,21%
assim que	1	0,21%
Total	32	6,72%

Quadro 12- Ocorrências de conjunções temporais

Os inquiridos escolheram somente três conjunções temporais nas suas respostas ao inquérito, *quando*, *mal* e *assim que*, com 30, 1 e 1 ocorrências, respetivamente. Podemos ver claramente que os estudantes têm uma óbvia preferência quando se trata de utilizar conjunções temporais, preferindo *quando*.

Conjunção	Nº de ocorrências	Porcentagem
para que	5	1,05%
que	2	0,42%
Total	7	1,47%

Quadro 13- Ocorrências de conjunções finais

Nas respostas dos inquiridos, estavam apenas presentes duas conjunções finais, *para que* (5 ocorrências) e *que* (1 ocorrência), *a fim de que* não ocorre. As circunstâncias em que as conjunções finais aparecem nas respostas dos estudantes foi muito menor do que deveria ter sido nas respostas corretas, o que sugere que a generalidade dos alunos chineses ainda não sabe como usar as conjunções finais para indicar a finalidade.

4.2. Interferência da língua chinesa na aprendizagem das conjunções

Para os estudantes de línguas estrangeiras, a interferência da língua materna é inevitável. Na literatura linguística, se o traço linguístico de um idioma surge noutra de uma forma accidental e (quase) individual, a isto denominamos de interferência (Ngunga, 2012). Vicente

(2009, p.45) afirma que os aprendizes transferem conhecimentos já adquiridos da Língua Materna para a Língua Estrangeira. A interferência da língua chinesa para a aquisição de conjunções portuguesas tem os seguintes aspetos:

- 1) Levando em consideração que os verbos chineses não têm flexão, os alunos cometem erros na conjugação de verbo quando determinadas conjunções são usadas, ou simplesmente não conseguem identificar o modo do verbo para escolher a conjunção correta.

Por exemplo:

*Tudo foi planeado **e** não houvesse falhas.

*É uma ótima cidade para se visitar, **embora tem** problemas terríveis de trânsito.

- 2) Muitas conjunções chinesas são frequentemente colocadas em pares, como 因为 yīnwéi (como) e 所以 suǒyǐ (por isso) na mesma frase. Devido a essa influência, os alunos podem escrever frases com conjunções redundantes que têm o mesmo significado lógico, resultando em erros gramaticais.

Por exemplo:

***Como** estava indisposto, **por isso** não fui à aula.

- 3) Quando uma conjunção chinesa corresponde a diferentes conjunções em português, a distinção torna-se mais difícil. Um caso desses seria 因为 yīnwéi (como/porque), que corresponde a *como* e *porque*, ou então 和 hé (e), que pode ser usada tanto em orações afirmativas ou em orações negativas. Este fator pode originar um uso abusivo de certas conjunções.

Por exemplo:

***Porque** me agrada, não vou comprar o vestido.

* Não sei isto **e** aquilo.

Conclusão

A conjunção é uma unidade da língua que tem a função de ligar ou transpor as orações e outros termos do discurso. No presente trabalho, que incidiu sobre a aquisição de conjunções portuguesas por alunos chineses, analisamos os tipos de erros gerais no seu uso de conjunções e as razões para os mesmos através de um inquérito. Resumimos a frequência e tipos de conjunções utilizadas, e comparamos as diferenças e semelhanças entre as conjunções chinesas e portuguesas. Por fim, propomos sugestões de ensino de acordo com a análise dos erros.

Em primeiro lugar, foi definido um enquadramento teórico para a redação e análise dos inquéritos, que inclui a coesão e coerência, coordenação e subordinação, funções das conjunções, e conjunções em português e em chinês. A fim de executar o segundo passo, elaborámos um inquérito a 44 alunos chineses que estão a estudar a Língua portuguesa na universidade. O inquérito dirige-se a tomar conhecimento das dificuldades e problemas que experienciam na aprendizagem de conjunções.

Em segundo lugar, apresentamos as respostas dos inquiridos a todas as perguntas e exercícios com base nos resultados, recorrendo a gráficos e quadros para fornecer os dados de forma clara e comparável. Além das análises dos erros que cometeram os inquiridos, os dados obtidos foram também comparados em dois níveis diferentes: um entre os dois grupos de forma a observar o domínio das conjunções portuguesas por estudantes de níveis diferentes, e o outro entre os exercícios para investigar em que tipos de conjunções os estudantes chineses encontraram mais problemas.

O resultado foi um elenco dos erros comuns que os alunos chineses produzem quando usam as conjunções, as semelhanças e diferenças linguísticas das conjunções em duas línguas, bem como a interferência da língua chinesa na aprendizagem das conjunções.

As conclusões principais deste estudo, aplicáveis à prática pedagógica, são:

- 1) Os erros comuns cometidos pelos estudantes chineses quando usam conjunções, sendo eles a escolha errada de conjunções, uso excessivo de algumas conjunções, assim como o tempo e o modo incorretos dos verbos nas orações subordinadas quando usam conjunções. Tendo em mente que a pobre escolha de conjunções é

frequente, é fundamental que os estudantes aprendam mais sobre o uso de conjunções e regras gramaticais relacionadas.

- 2) A utilização de conjunções portuguesas pelos estudantes chineses não é variada o suficiente e é constantemente limitada a simples conjunções, tais como *e*, *mas*, *embora*, *quando*, etc. Visto que conjunções repetitivas podem tornar um discurso menos fluente e idiomático, espera-se que os estudantes se habituem a utilizar conjunções diferentes para expressar a relação entre as mesmas orações.
- 3) Alguns erros dos estudantes no uso das conjunções reflete a interferência da sua língua materna.

O presente estudo sobre a aquisição de conjunções portuguesas por alunos chineses identificou algumas características, que a partir delas retirou um número de conclusões que poderão apontar linhas de trabalho aos professores, estudantes e investigadores.

Do lado dos estudantes, em primeiro lugar, devem estar conscientes da utilização de diferentes tipos de conjunções, bem como prestar atenção ao uso de maior variedade na escrita e expressão oral em geral. Em segundo lugar, devem interiorizar o uso correto das conjunções e utilizar as diferentes funções pragmáticas das conjunções, de forma a expressar as relações semânticas do discurso. Em suma, os estudantes carecem de mais prática no que toca à utilização de conjunções, devendo conhecer mais sobre elas a fim de atualizarem a sua base de conhecimentos. Ao tornarem-se capazes de lidar com as conjunções como aprendentes nativos de português, será mais benéfico para a sua produção linguística.

Relativamente aos docentes, primeiro é necessário ensinar as conjunções como um tópico gramatical autónomo, sensibilizando-os para a importância de assegurar a coerência e coesão das frases, evitando assim a utilizações ilógicas.

Em segundo lugar, devem concentrar-se na correção escrita e explícita das conjunções quando corrigem os trabalhos dos alunos, a fim de os alunos prestarem atenção ao uso incorreto das conjunções.

Para os investigadores, mais discussão deve ser promovida para enriquecer os conhecimentos teóricos sobre o estudo das conjunções em PLE.

Baseando-nos na análise dos problemas que os estudantes têm na utilização de conjunções devido à influência da língua chinesa, apresentamos as seguintes sugestões para auxiliar os estudantes a melhorar a sua proficiência:

- 1) Para além de valorizar a coerência, os professores devem também estimular o sentido e uso das diversas conjunções em português, bem como as diferentes conjunções que poderão ajudar os alunos a expressar o mesmo sentido lógico. Por exemplo, não só temos a conjunção adversativa mais comum *mas*, como temos ainda *todavia*, *no entanto* e *porém*. Este método aumentará a precisão e diversidade do uso de conjunções, resultando num discurso mais fluente e natural.
- 2) Os professores podem orientar os alunos a fazer uma comparação consciente entre as especificidades das conjunções portuguesas e chinesas. Ao fazê-lo, permite aos alunos compreender melhor as características de cada língua.
- 3) Exercícios de tradução mostram-se uma ajuda eficaz durante a aprendizagem de uma outra língua. A tradução é o processo de dissecar a língua de partida e reorganizá-la na língua de chegada. Por isso mesmo, os estudantes precisam de perceber o sentido lógico da língua de partida e usar o seu conhecimento da língua para traduzir para a língua de chegada. Esta formação orientada reforça a utilização de conjunções. Contudo, a correspondência palavra por palavra entre o chinês e o português no processo de tradução deve ser evitada sempre que é possível. Atendendo ao facto de a tradução ser, essencialmente, um processo de transformação e interpretação, uma tradução literal pode conduzir a um desencontro na produção linguística.

Temos de admitir que existem algumas limitações a este trabalho. Primeiro, o âmbito e o número dos inquiridos selecionados para o estudo são limitados, contado apenas com 44 alunos. Por este motivo, não se trata de um estudo universal sobre os alunos chineses e as conjunções portuguesas, mas sim de um estudo de caso que poderá contribuir para uma melhor noção da ligação entre os dois. É ainda de reforçar que, devido à epidemia, todos os participantes responderam ao inquérito *on-line*. Deste modo, não podemos garantir que houve uma total ausência de informações de apoio ao preenchê-lo.

Por conseguinte, esperamos que, no futuro, os investigadores possam compensar as deficiências acima mencionadas quando estudarem a aquisição de conjunções portuguesas por alunos chineses, a fim de enriquecer a investigação sobre conjunções da língua portuguesa. Ao mesmo tempo, com esta pesquisa esperamos fornecer contributos fundamentados para os subsequentes estudos relacionados com as conjunções.

Bibliografia

- Bechara, E. (2003). *Gramática escolar da língua portuguesa* (2.^a ed.). Editora Lucerna.
- Bechara, E. (2009). *Moderna Gramática Portuguesa* (37.^a ed.). Editora Nova Fronteira Participações S.A.
- Ben-Anath, D. (2005). The Role of Connectives in Text Comprehension. Em *TESOL & Applied Linguistics* (Vol. 5, Número 2).
<https://doi.org/https://doi.org/10.7916/D8NP23XX>
- Betoni, S. (2008). Uma tentativa de compreensão de dificuldades sintáticas através de limitações da gramática tradicional. *Revista da Graduação*, 1(2).
<https://doi.org/https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/graduacao/article/view/4142>
- Cabo, D. da C. R. G. (2010). *A coordenação: questões de aquisição, aprendizagem e norma, com contributos didáticos* [Dissertação de Mestrado, Universidade de Évora, Repositório Institucional da Universidade de Évora].
<http://hdl.handle.net/10174/15333>
- Carone, F. de B. (1988). *Subordinação e coordenação: confrontos e contrastes* (6.^a ed.). Editora Atica.
- Corrêa, K. F. L., & Sperança-Crisculo, A. C. (2019). O ensino de conjunções a partir do texto. *Revista Práticas de Linguagem*, 8(2), 67–76.
<https://doi.org/https://doi.org/10.34019/2236-7268.2018.v8.28314>
- Cunha, C. F. da, & Cintra, F. L. (2016). *Nova gramática do Português contemporâneo* (7.^a ed.). Lexikon Editora Digital.
- De Beaugrande, R.-A., & Dressler, W. U. (1981). *Introduction to text linguistics*. Longman London.
- Dijk, T. A. Van. (1977). *Text and context: explorations in the semantics and pragmatics of discourse* (2.^a ed.). Longman.
- Direção-Geral da Educação. (2018, Julho 6). *Português Documentos Curriculares em Vigor*. <http://www.dge.mec.pt/portugues>
- Du, X., & Tang, W. (2011). 语篇衔接理论研究综述 A review of the theoretical studies on discourse cohesion. *Journal of dongguan university of technology*, 18(6), 6–9. <https://doi.org/https://doi.org/10.3969/j.issn.1009-0312.2011.06.017>
- Ellis, R. (1999). *The Study of Second Language* (1.^a ed.). Shanghai Foreign Language Education Press.
- Glória, Y. A. L., Hanauer, L. P., Wiethan, F. M., Nóro, L. A., & Mota, H. B. (2016). O uso das conjunções por crianças com desenvolvimento típico de linguagem. *CoDAS*, 28(3), 221–225. <https://doi.org/10.1590/2317-1782/20162015107>

- Guimarães, E. R. J. (1980). Argumentação e pressuposição linguística. *Comunicação apresentada no V Encontro Nacional de Linguística*.
- Halliday, M. A. K., & Hasan, R. (1976). *Cohesion in English*. Longman.
- Hartnett, C. G. (1986). Static and dynamic cohesion: signals of thinking in writing. *Functional Approaches to Writing: Research Perspective*, 142–153.
- Houaiss, A., Villar, M., & Franco, F. M. de M. (2001). *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Objetiva Rio de Janeiro.
- Hu, Z. (1994). 《语篇的衔接与连贯》 *Discourse cohesion and coherence*. Shanghai Foreign Language Education Press.
<https://books.google.pt/books?id=AcwYAQAIAAJ>
- Li, D., & Cheng, M. (2008). 《外国人实用汉语语法》 *A practical chinese grammar for foreigners* (2.^a ed.). Beijing Language and Culture University Press.
- Li, F. (2010). 《葡萄牙语语法大全》 *Grande gramática portuguesa explicada*. Beijing Foreign Language Teaching and Research Press.
- Lingnau, C. M., Antonio, J. D., & Barbosa, P. L. N. (2020). A ocorrência da conjunção aditiva “e” no texto de divulgação sobre o Programa Ciência sem Fronteiras na Revista Tecnológica da UTFPR. *RELACult - Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade*, 6(1), 1–9.
<https://doi.org/https://doi.org/10.23899/relacult.v6i1.1390>
- Luft, C. P. (2002). *Moderna gramática brasileira* (2.^a ed.). Editora Globo.
- Mai, R. (2006). *Aprender Português na China* [Dissertação de mestrado, Universidade de Aveiro, Repositório Institucional da Universidade de Aveiro].
<http://hdl.handle.net/10773/2857>
- Mai, R. (2012). *Ensino de Chinês a Falantes de Português o caso da Universidade de Aveiro* [Tese de doutoramento, Universidade de Aveiro, Repositório Institucional da Universidade de Aveiro]. <http://hdl.handle.net/10773/9842>
- Mai, R., Morais, C., & Pereira, U. M. S. (2019). *Gramática de língua chinesa para falantes de português*. UA Editora.
- Malcata, H. (2018). *Português Atual 3* (2.^a ed.). LIDEL.
- Marques, N. B. N., & Pezatti, E. G. (2016). O estatuto de nem na gramática do português. *Scripta*, 20(38), 168–185.
<https://doi.org/https://doi.org/10.5752/P.2358-3428.2016v20n38p168>
- Mateus, M. H. M., Brito, A. M., Duarte, I., & Faria, H. I. (2003). *Gramática da Língua Portuguesa* (6.^a ed.). Editorial Caminho.
- Moreno da Silva, F. (2011). Os processos de subordinação e de coordenação. *Revista Leitura*, 1(47), 217–229. <https://doi.org/https://doi.org/10.28998/rl.v1i47.910>

- Mousinho, R., Schmid, E., Pereira, J., Lyra, L., Mendes, L., & Nóbrega, V. (2008). Aquisição e desenvolvimento da Linguagem- dificuldades que podem surgir neste percurso. *Revista Psicopedagogia*, 25(78), 297–306.
- Ngunga, A. (2012). Interferências de línguas moçambicanas em português falado em Moçambique. *Revista Científica da Universidade Eduardo Mondlane*, 1(0), 7–20.
- Oliveira, I. da C. P. de. (2010). *Coesão interfrásica : os conectores discursivos em produções escritas de alunos de PLE* [Dissertação de Mestrado, Universidade do Porto, Repositório Aberto da Universidade do Porto]. <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/55546>
- Oliveira, T. P. de. (2014). Conjunções adverbiais no português. *REVISTA DE ESTUDOS DA LINGUAGEM*, 22(1), 45–66. <https://doi.org/http://dx.doi.org/10.17851/2237-2083.22.1.45-66>
- Oliveira, M. do C. P. (2011). *A sintaxe da coordenação e os conectores conclusivos- estudo de caso: a coordenação conclusiva na estruturação de textos argumentativos de jovens em idade escolar* [Tese de doutoramento, Universidade do Porto, Repositório Aberto da Universidade do Porto]. <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/63224>
- Pascoal, J. L., & Oliveira, T. B. (2019). *Exames de português B2 - preparação e modelos* (2.^a ed.). LIDEL.
- Quirk, R., Greenbaum, S., & Leech, G. (1985). *A comprehensive grammar of the English language* (2.^a ed.). Longman.
- Raposo, E. B. P., Nascimento, M. F. B. do, Mota, M. A. C. da, Segura, L., & Mendes, A. (2013). *Gramática do português*. Fundação Calouste Gulbenkian.
- Roberta Longhin-Thomazi, S. (2006). Gramaticalização de conjunções coordenativas: a história de uma conclusiva. *Gragoatá*, 11(22). <https://periodicos.uff.br/gragoata/article/view/33214>
- Rocha Lima, C. H. da. (2011). *Gramática normativa da língua portuguesa* (49.^a ed.). José Olympio.
- Secco, A. F. (2010). *Um estudo acerca da classe de palavras conjunção no português brasileiro*. <http://hdl.handle.net/10183/60668>
- Stern, H. H. (1983). *Fundamental concepts of language teaching* (7.^a ed.). Oxford University Press.
- Sun, W. (2012). *A análise dos erros de alunos de língua materna chinesa na aprendizagem dos conjuntivos do português e o discurso metodológico do ensino* [Dissertação de Mestrado, Universidade do Minho, Repositório Institucional da Universidade do Minho]. <http://hdl.handle.net/1822/24052>
- Toledo, E. G. F. de, & Grande, K. C. P. (2017). *Apostila de língua portuguesa, literatura e cultura*. <https://www.varginha.cefetmg.br/wp-content/uploads/sites/11/2016/11/Apostila-Língua-Portuguesa-Literatura-e-Cultura.pdf>

- Vicente, B. (2009). A interferência da língua materna na aprendizagem de uma língua estrangeira. *Revista de Ensino, Educação e Ciências Humans*, 10(1), 43–46.
<https://doi.org/https://doi.org/10.17921/2447-8733.2009v10n1p%25p>
- Wang, S., & Lu, Y. (2014). 《葡萄牙语语法》 *Gramática da Língua Portuguesa* (1.^a ed.). Shanghai Foreign Languages Education Press.
- Wang, S. Y., & Lu, Y. (1991). *O português para um chinês: abordagem simultânea sobre os métodos de ensinar português aos chineses* (1.^a ed.). Instituto Rainha D. Leonor.
- Wang, Y. (2014). *A aquisição e o desenvolvimento da competência lexical em PLE por estudantes de língua materna chinesa* [Dissertação de Mestrado, Universidade do Minho, Repositório Institucional da Universidade do Minho].
<http://hdl.handle.net/1822/33081>
- Ye, Z. (2009). *Português para Ensino Estrangeiro* (1.^a ed.). Foreign Language Teaching and Research Press.
- Zhang, B., & Zhang, Y. (2000). 《现代汉语虚词》 *Palavras vazias chinesas modernas* (1.^a ed.). Shanghai East China Normal University Press.
- Zhang, D., & Liu, R. (2003). 《语篇连贯与衔接理论的发展及应用》 *Development and application of coherence and cohesion theory in discourse* (2.^a ed.). Shanghai Foreign Language Education Press.
- Zhang, F. (2020). 《巴西葡萄牙语水平测试对我国葡萄牙语教学的反拨效应——基于葡萄牙语泛读课教学实践》 The countervailing effect of the Celpe-bras on the teaching of Portuguese in China - based on the teaching practice of Portuguese as a reading classes. *Foreign Language Education in China*, 3(1), 30–37.

Anexo

Inquérito

Este inquérito é anónimo e os dados obtidos serão utilizados apenas para um estudo sobre a aquisição das conjunções na língua portuguesa por alunos chineses. Muito obrigada pela sua participação e cooperação. 此问卷采用不记名方式，所收集数据仅用于研究中国学生关于葡萄牙语连接词的习得情况。非常感谢您的参与和配合。

Parte I. Dados pessoais

1. Idade: _____
2. Sexo: _____
3. Há quantos anos aprende Português?
 1 ano 2 anos 3 anos 4 ou mais anos
4. Qual é o seu nível de proficiência de Português de acordo com o último Certificado ou com a autoavaliação?
 A1 A2 B1 B2 C1 C2
5. Aprende ou aprendeu Português em país lusófonos?
 Sim (nome da Universidade: _____) Não
6. Quais são os aspetos que considera mais difíceis na aprendizagem de conjunções?
在学习连接词时，你认为在哪方面存在困难？（可多选）
 Distinguir o tipo de conjunções. 区分连接词的类型。
 Usar as conjunções. 运用连接词。
 Saber quais as conjunções adequadas ao contexto de comunicação. 在交流时使用恰当的连接词。
 Prestar atenção ao tempo verbal na oração que é iniciada pela conjunção. 注意由连接词引导的句子的时态。
 Usar as conjunções menos frequentes (por exemplo: conquanto, posto que, de maneira que). 使用不太常用的连接词。

Parte II. Exercícios

1. Complete as seguintes frases com conjunções adequadas. 用适当的连接词完成句子。
 - a) _____ o Sr. Nunes vai ficando mais velho, vai perdendo a memória. Hoje já não se recorda de muitos dos colegas.
 - b) Tudo foi planeado _____ não houvesse falhas (疏漏).

- c) _____ me agrada, não vou comprar o vestido.
- d) _____ tivesse dinheiro, trocava o carro.
- e) Ele está doente, _____ não veio à aula.
- f) Eles devem estar a dormir, _____ não ouço barulho nenhum.
- g) A criança _____ chora, _____ ri.

2. Reescreva as frases seguintes, utilizando as conjunções adequadas. 用适当的连接词连接两个句子。

Modelo: O homem põe. Deus dispõe.

O homem põe e Deus dispõe.

- a) Não sei isto. Não sei aquilo.

- b) Entrei na sala. Vi que me tinha enganado.

- c) Não apreciei o filme. Os atores e o realizador eram conhecidos.

- d) É uma ótima cidade para se visitar. Tem problemas terríveis de trânsito.

3. Assinale a frase correta. 选出正确的句子。

- a) **Como** estava indisposto, **por isso** não fui à aula.
- b) Não fui à aula **porque** estava indisposto.
- c) Não fui à aula **como** estava indisposto.
- d) **Porque** estava indisposto não fui à aula.

4. Complete a coluna B de acordo com a coluna A, segundo a classificação das conjunções. 将 A 栏的连接词与 B 栏中的句子进行匹配。

Coluna A

a) conjunção temporal 时间连接词	b) conjunção causal 原因连接词	c) conjunção condicional 条件连接词
d) conjunção adversativa 转折连接词	e) conjunção comparativa 比较连接词	f) conjunção integrante 补充连接词
g) conjunção concessiva 让步连接词	h) conjunção consecutiva 结果连接词	i) conjunção explicativa 解释连接词

Coluna B

- | | |
|--|---|
| () • <i>Se</i> vocês quiserem, podem dormir em minha casa. | () • Foi bastante aplicado, <i> todavia</i> o resultado não foi destacado. |
| () • O pai já está deitado, <i> pois</i> as luzes estão apagadas. | () • <i> Uma vez que</i> ele se curou, não precisa mais do médico. |
| () • Não sei <i> se</i> ela virá. | () • <i> Se bem que</i> estivesse triste, não chorou. |
| () • Gosto de ti <i> assim como</i> tu de mim. | () • Ele correu <i> tão</i> rápido <i> que</i> caiu no chão. |
| () • Recolha a roupa <i> antes que</i> caia a chuva. | () • <i> Mal</i> se levantou, começou a estudar. |

5. Traduza as frases seguintes para português. 翻译下列句子。

- a) 尽管很富有，但是他并不感觉幸福。

- b) 既然你在忙，我就不和你说话了。

- c) 你越学习，遇到的困难就越少。
